UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

RENAN VIDAL MINA

**A bola e os trilhos: a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do
Rio Claro Futebol Clube**

SÃO PAULO

2017

RENAN VIDAL MINA

**A bola e os trilhos: a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do
Rio Claro Futebol Clube**

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Orientador:

Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

SÃO PAULO

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Mina, Renan Vidal

A bola e os trilhos : a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube / Renan Vidal Mina ; orientador, Marco Antonio Bettine de Almeida. – São Paulo, 2017
179 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão original

1. Urbanização - Rio Claro (SP). 2. Rio Claro (SP) - Desenvolvimento. 3. Futebol - História - Rio Claro (SP). 4. Ferrovias - História - Rio Claro (SP). 5. Companhia Paulista de Estradas de Ferro. 6. Rio Claro Futebol Clube. I. Almeida, Marco Antonio Bettine de, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 307.1098161

Nome: MINA, Renan Vidal

Título: A bola e os trilhos: a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Para Mariana...

Distantes, mas sempre ligados pelos trilhos do coração.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Professor Marco Antonio Bettine, pela oportunidade e confiança, pelo incentivo, ensinamentos, conselhos e críticas que me fizeram crescer ao longo desse processo de formação do ser docente e pesquisador. Seu olhar crítico, seus apontamentos e sugestões construtivas foram de imenso valor.

Agradeço à Universidade de São Paulo e aos colegas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, sobretudo aos companheiros do LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas) e PISE (Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Sociologia do Esporte), pelo auxílio, acolhida e convivência. Foi um prazer compartilhar espaços, momentos e conhecimentos com todos vocês.

Ao pontapé inicial de José Carlos Arnosti e à diretoria do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista.

Ao meu irmão Guilherme, companheiro fiel, parceiro de estádios e “peladas”... o mais sincero abraço.

Anna, Hercília e Iolanda, minha gratidão eterna. Absolutamente eterna.

À mulher que me acompanha há mais de sete anos... Mariana. Seu amor, carinho, respeito, amizade, apoio e companheirismo me encorajam a desbravar as barreiras e superar desafios.

À CAPES pela bolsa recebida, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos arquivos listados a seguir pela autorização do uso de documentos, textos e imagens, e também pelo atendimento atencioso de seus funcionários.

Arquivo Público do Estado de São Paulo
Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro
Centro Pró-Memória Hans Nobiling
Instituto Martius-Staden
Inventariança da extinta Rede Ferroviária Federal S. A.

RESUMO

MINA, Renan Vidal. **A bola e os trilhos**: a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão original.

Trata-se de um estudo sobre a incorporação do futebol na cidade de Rio Claro, com destaque para a emergência do Rio Claro Futebol Clube, apresentando sua relação com o avanço dos trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e a instalação das oficinas ferroviárias. A ideia é analisar o desenvolvimento da agremiação, ou seja, de 1909, ano de sua fundação, até 1948, momento em que adere ao profissionalismo. Discutiremos os contornos históricos que balizam o surgimento do clube, o processo de disseminação do futebol através das linhas férreas, a dependência do Rio Claro F. C. em relação aos auxílios concedidos pela direção da Companhia Paulista, a inserção gradativa dos comerciantes e filhos de imigrantes italianos na rotina da agremiação e o enfraquecimento do paternalismo da empresa ferroviária. Importante lembrar que o desenvolvimento econômico no Oeste Paulista a partir da cafeicultura e a consequente chegada dos trens estimularam o processo de urbanização, criando as bases para o contato com novos costumes e práticas, e propiciando a formação dos espaços de sociabilização, como os clubes de futebol.

Palavras-chave: Futebol; Rio Claro Futebol Clube; Ferrovia; Companhia Paulista de Estradas de Ferro; Urbanização

ABSTRACT

MINA, Renan Vidal. **The ball and the rails**: the incorporation of soccer in Rio Claro and the development of Rio Claro Football Club. 179 p. Dissertation (Master of Science) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Original version.

This is a study on the incorporation of soccer in the city of Rio Claro, highlighting the emergence of Rio Claro Football Club, showing its relationship to the advancement of rails Companhia Paulista Railways and the installation of the railway workshops. The idea is to analyze the development of the club, from 1909, the year of its founding, until 1948, when adheres to professionalism. We will discuss the historical contours that mark the emergence of the club, the process of dissemination of soccer through the railway lines, the dependence of Rio Claro F. C. on the aid granted by the Companhia Paulista management, the gradual insertion of merchants and children of Italian immigrants into the routine of the club and the weakening of the paternalism of the railway company. Important to remember that economic development in the West Paulista from the coffee and the consequent arrival of trains stimulated the process of urbanization, creating the basis for contact with new customs and practices, and promoting the formation of the socialization spaces, such as soccer clubs.

Keywords: Soccer; Rio Claro Football Club; Railroad; Companhia Paulista Railways; Urbanization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do Teatro São João e os camarotes localizados em seu interior.....	37
Figura 2 - Interior das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro em Rio Claro-SP, década de 1930.....	46
Figura 3 - Inauguração do velódromo em Rio Claro-SP, 18 de dezembro de 1910.....	52
Figura 4 - Movimento defronte à estação ferroviária da Companhia Paulista em Rio Claro-SP no início do século XX	55
Figura 5 - Primeiros integrantes da Sociedade Musical União dos Artistas	58
Figura 6 - Grupo musical de operários mantido pela Companhia Paulista	59
Figura 7 - Passageiros, populares e ferroviários aglomeram-se na estação da Companhia Paulista em Rio Claro-SP para acompanhar a chegada do primeiro trem à cidade, em 11 de agosto de 1876	66
Figura 8 - Equipe principal de futebol do Sport Club Germania, 1904.....	75
Figura 9 - Jogadores do Anhangás Foot-Ball Club, 1906	76
Figura 10 - Jogadores do Rio Claro F. C. e personalidades locais no novo estádio, construído na década de 1930.....	106

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Atual fachada do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em Rio Claro-SP	60
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de notícias selecionadas em cada ano	28
Tabela 2 - Produção de café em São Paulo: mil arrobas por zona	33
Tabela 3 - População estrangeira em Rio Claro, em 1872	41
Tabela 4 - Estado de São Paulo: entrada de imigrantes, 1890-1940	47
Tabela 5 - Ferrovia, produção de café e população do Estado de São Paulo (1886-1940)	47
Tabela 6 - Propriedades de negócios de imigrantes e/ou descendentes, 1897, por setor	49
Tabela 7 - Propriedades de negócios de imigrantes e/ou descendentes, 1905, por setor	49
Tabela 8 - Relação estradas de ferro e clubes de futebol.....	67
Tabela 9 - Participação do Rio Claro F. C. no Campeonato Paulista de Futebol do Interior	94
Tabela 10 - Participação do Rio Claro F. C. em campeonatos de nível regional e estadual nas décadas de 1930 e 1940 na divisão de amadores	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS, O PERÍODO HISTÓRICO E OS ASPECTOS ECONÔMICOS, SOCIAIS, CULTURAIS E POLÍTICOS: A CIDADE DE RIO CLARO.....	19
1.1 Recorrendo à micro-história: características, perspectivas e suas aplicações.....	19
1.2 Capital cafeeiro e imigrantes: a gênese dos espaços de sociabilidade.....	30
1.3 A “União dos Artistas” e o Grêmio: o tempo livre sob o olhar da Companhia Paulista.....	53
2. TROCANDO PASSES: A INCORPORAÇÃO DO FUTEBOL EM RIO CLARO NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX	64
2.1 O futebol viaja pelos trilhos: da capital ao interior paulista, 1888-1909	64
2.2 Futebol e associativismo: a fundação do Rio Claro Futebol Clube	77
3. FUTEBOL E PATERNALISMO: ASCENSÃO E DECLÍNIO.....	84
3.1 A relação entre Rio Claro Futebol Clube e Companhia Paulista.....	84
3.2 O processo de profissionalização do Rio Claro Futebol Clube	98
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
BIBLIOGRAFIA	114
FONTES	119
ELEMENTOS ICONOGRÁFICOS	122

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a incorporação do futebol na cidade de Rio Claro, com ênfase no desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube, isto é, de 1909, ano de sua fundação, até 1948, momento em que adere ao profissionalismo. Entendemos os clubes como espaços constituídos pelos sujeitos durante o processo espontâneo de busca pela integração social e sociabilização. Exatamente nesse processo que o futebol se apresenta como um elemento potencializador das relações sociais, uma vez que sua prática pressupõe a comunicação e a busca pelo entendimento entre os sujeitos. Discutiremos os contornos históricos que balizam o surgimento do Rio Claro F.C., o processo de disseminação do futebol através das ferrovias e a relação que a respectiva agremiação manteve com o quadro administrativo da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

A pesquisa sobre o desenvolvimento da agremiação se dá pelo interesse em interpretar o entusiasmo, a excitação, o prazer e o encanto que o futebol despertou naqueles que viviam ao redor das vias férreas. Os hábitos desportivos penetraram no interior e exerceram um poderoso atrativo sobre as comunidades. Ao proporcionar gratificação instantânea, eles passaram a fazer parte da rotina das pessoas, estimulando a emergência de um novo estilo de vida, um estilo mais condizente com o cenário urbano que se formava, segundo Sevcenko.¹

Importante lembrar que o desenvolvimento econômico do “Oeste Paulista”² a partir da cafeicultura proporcionou investimentos que resultaram no crescimento vertiginoso de diversas cidades no Estado de São Paulo. Na esteira do processo de urbanização e do avanço das linhas férreas, novos valores culturais disseminavam-se pelo interior paulista, entre eles o futebol, uma das práticas que mais se consolidou no cotidiano urbanita.

As pesquisas que norteiam este estudo indicam que a modalidade foi trazida para São Paulo em 1894 por Charles Miller, um jovem brasileiro de origem britânica. O primeiro espaço em que o jogo foi praticado de forma sistematizada e burocratizada foi formado por sócios de um clube inglês, o *São Paulo Athletic Club*. Se por um lado, a novidade apresentada pela

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 48-49.

² Região que se define a partir de Campinas (principal produtora de café do Estado de São Paulo na segunda metade do século XIX) e segue em várias direções: Rio Claro, Limeira, São Carlos, Jaú, Piracicaba, Mogi-Mirim, Ribeirão Preto, entre outras.

comunidade britânica radicada na capital serviu de estímulo para o surgimento de novas agremiações, de outro, cabe destacar que estes círculos pioneiros obstruíam a participação das camadas mais baixas. No entanto, isto não impediu que os operários, pequenos comerciantes e artesãos introduzissem os “bate-bolas” em seus cotidianos. Seja nos terrenos baldios ou até mesmo no local de trabalho, estes indivíduos começaram a se organizar e a criar seus próprios clubes.

As agremiações, ou ainda, esses espaços organizados pelos sujeitos são concebidos por Corrêa³ como *locus* da reprodução das relações sociais, isto é, reprodução da sociedade, “condicionando-a, compartilhando do complexo processo de existência e reprodução social”. Para Santos,⁴ tais espaços seriam constituídos a partir de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os objetos técnicos, como as estradas de ferro e estações ferroviárias, seriam propiciadores da forma como se desenvolvem as ações, modificando um determinado lugar e redefinindo as relações sociais.

À medida que as vias férreas cortavam o interior, a cultura esportiva transpassava os limites da capital e chegava até os núcleos mais longínquos. Além das mercadorias, os trens transportavam novos valores, hábitos, costumes, enfim, itens que representavam o que havia de mais moderno. A revolução dos transportes simbolizava a compressão do tempo e espaço, favorecendo a integração regional e a interação entre pessoas que antes viviam distantes.⁵ Os vagões levavam os “bandeirantes do futebol”, os quais tinham as chuteiras e as “pelotas”, e estimulavam o gosto pela modalidade nas comunidades mais afastadas da metrópole.

Era evidente o desenvolvimento do futebol. De um jogo praticado às margens do Tietê por funcionários especializados de empresas inglesas, a prática propagou-se pelas cidades interioranas, sendo apropriada pelos populares que viviam no entorno da estação ferroviária e das linhas.

Apresentaremos a relação do Rio Claro F.C. com os caminhos de ferro e o próprio futebol como um fenômeno essencialmente urbano-industrial. A ideia é demonstrar que a práti-

³ CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 28.

⁴ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 50-52.

⁵ HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 19.

ca futebolística e a criação de clubes pela iniciativa de sujeitos vinculados às empresas ferroviárias começaram a se tornar uma prática comum. Os clubes surgiam às margens dos trilhos, funcionavam como pontos de encontro para os trabalhadores urbanos, fomentavam a sociabilidade e o sentimento de pertencimento entre seus membros, e reforçavam os traços de identidade.

Aos poucos, porém, as atividades da classe trabalhadora foram sendo cercadas por outros interesses. A burguesia industrial descobriu no futebol um sutil e persuasivo mecanismo de controle, em outras palavras, os patrões começaram a apoiar os clubes criados pelo operariado com o intuito de alcançar determinados objetivos, entre eles vigiar e disciplinar o tempo livre dos trabalhadores. Logo perceberam que a agremiação também poderia funcionar como uma vitrine da empresa, capaz de contribuir com seu sucesso comercial, isto é, a instituição veicularia uma imagem positiva através do futebol, de uma empresa preocupada com o divertimento dos subalternos, de um patronato generoso que se relaciona dignamente com os empregados, como se todos fizessem parte de uma grande e privilegiada “família”.

Com base nessas proposições, discutiremos a organização e as atividades desenvolvidas pelo Rio Claro F. C., já que a agremiação manteve características de “clube de fábrica” por mais dezesseis anos ao se submeter às influências do quadro administrativo da Companhia Paulista, ou seja, uma relação que esteve pautada, sobretudo, no modelo paternalista de dominação.

Acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para cobrir uma importante e persistente lacuna no universo acadêmico: estudar os processos de adoção e consolidação do futebol fora dos grandes centros. Neste caso, no interior paulista, numa cidade de peso na rede urbana, e que abriga o terceiro clube de futebol mais antigo do Estado de São Paulo em atividade,⁶ tendo disputado por seis vezes a divisão principal (série A1) do Campeonato Paulista, uma vez a terceira divisão (série C) do Campeonato Brasileiro e atualmente sendo um dos participantes da segunda divisão (série A2) do campeonato estadual.⁷

Renegadas por muito tempo, as pesquisas sobre futebol no Brasil começaram a ganhar recentemente um relativo destaque na lista de temas mais visitados nas Ciências Humanas. Os

⁶ O Rio Claro F. C. vem logo atrás da Associação Atlética Ponte Preta, fundada em 1900, e da Associação Atlética Internacional de Bebedouro, fundada em 1906.

⁷ O Rio Claro disputou a série A1 do Campeonato Paulista nos anos de 2007, 2008, 2010, 2014, 2015 e 2016. Em 2007 também disputou a série C do Campeonato Brasileiro.

cursos de Pós-Graduação discutindo os aspectos históricos e geográficos da modalidade, assim como a formação de grupos de pesquisa sobre a temática dentro da academia, certamente tendem a gerar novas e promissoras investigações.

A ideia de desenvolver este trabalho surgiu a partir das leituras de quatro referências principais: o livro de José Moraes dos Santos Neto “Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil” de 2002, a dissertação de Mestrado de Fátima Antunes “Futebol de fábrica em São Paulo” de 1992, o artigo de Marco Antonio Bettine, Gustavo Gutierrez e Ricardo Ferreira “Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista” de 2010 e a tese de Livre Docência de Marco Antonio Bettine “Análise sociológica do processo de desenvolvimento dos principais clubes de futebol do Estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX: influência da urbanização, ferrovias e Rio Tietê” de 2013. Independente dos objetivos dos autores, das particularidades e características de suas abordagens, o que vale destacar é que todas elas, em algum momento, fazem menção à relação entre futebol e ferrovias no interior paulista, principalmente as duas últimas.

Desde o início nossa pesquisa esteve cercada por um conjunto de questões que nos intrigavam. Visto que os clubes sociais e esportivos são constituídos na própria dinâmica da urbanização, procuramos entender, primeiramente, quais foram os alicerces que propiciaram a consolidação do futebol em Rio Claro. Já havia uma experiência prévia com os espaços de sociabilidade? Quais foram os primeiros círculos de convívio e diversão erigidos pela elite fundiária local? Houve a participação dos imigrantes na criação de associações recreativas? Quais os interesses dos cafeicultores e imigrantes em construir estes espaços?

Decidimos selecionar referências que tratam sobre a simbiose entre café e ferrovias, os aspectos políticos, econômicos e culturais que permearam esta relação histórica no Oeste Paulista. Além da preocupação em aprimorar o escoamento da produção agrícola até o porto de Santos, notamos um anseio cada vez maior dos grandes cafeicultores em adequar as práticas cotidianas nos mesmos moldes do que era reproduzido pela sociedade europeia. A incessante busca pelos valores burgueses de modernidade e civilização resultou na formação do capital cafeeiro. Inspirados nos hábitos e modismos do velho continente, estes fazendeiros passaram a figurar como empresários urbanos, dedicando-se à ordenação e embelezamento do espaço físico, e a construção de espaços destinados à sociabilização da elite.

Esse ideário de progresso impelia o processo de urbanização e as atividades industriais. Estudar a relação entre café, ferrovias, urbanização e indústrias, implica abordar os imi-

grantes. Buscamos referências que discutem o movimento migratório no Estado de São Paulo a partir da segunda metade do século XIX. Analisamos rapidamente os fatores que motivaram o fluxo de estrangeiros para trabalhar nas lavouras de café; demonstramos os principais grupos de imigrantes que entraram em Rio Claro; sua gradativa inserção e protagonismo no cenário urbano que se desenvolvia; a participação no setor industrial; e a preocupação destes em criar círculos sociais e esportivos para aglutinar os colegas de mesma nacionalidade, preservando a cultura e as tradições da terra natal.

Outro importante ponto para o andamento da pesquisa foi abordar a história do futebol e a incorporação desta modalidade pelo operariado, as experiências organizativas da classe trabalhadora através do esporte. Procuramos estudos que tratam sobre o cotidiano dos trabalhadores dentro e fora do universo fabril, a busca destes indivíduos pela interação com os “iguais”, a formação das agremiações futebolísticas pela iniciativa dos operários, o “futebol de fábrica”.

Não há dúvida de que a chegada dos trilhos da Companhia Paulista, a instalação da estação ferroviária e das oficinas de montagem e reparo de vagões foram extremamente importantes para a dinâmica da cidade de Rio Claro. A empresa demandava um grande contingente de mão-de-obra, seja para trabalhar na manutenção das linhas férreas, no carregamento e descarregamento de mercadorias nas estações ou nos serviços mais pesados no interior das oficinas.

O sincretismo cultural era inevitável. Operários, pequenos comerciantes e demais trabalhadores urbanos, provenientes de diferentes localidades, aglomerando-se nas cercanias dos caminhos de ferro. Novas indagações foram surgindo à medida que imaginávamos este cenário efervescente. Como seria o cotidiano dos subalternos da Paulista? Quais as formas de sociabilização exploradas por eles? Como a administração das oficinas encarava a sociabilidade dos operários? De que forma os trens puderam auxiliar na propagação da cultura futebolística? Em que medida a origem do Rio Claro Futebol Clube está atrelada aos trabalhadores ferroviários? O que levou os integrantes do clube a se sujeitarem ao paternalismo da Companhia Paulista? Quais motivos impeliram a direção da empresa a contribuir com a manutenção da agremiação e patrocinar suas atividades? Como funcionava esse controle na prática? Ocorreram tensionamentos entre os trabalhadores e a alta cúpula da Paulista?

Para responder estas questões, dividimos este texto em três capítulos. O primeiro é composto por três itens, enquanto os demais possuem dois itens cada. O capítulo I, intitulado

“Fundamentos teóricos, o período histórico e os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos: a cidade de Rio Claro”, inicia-se com o item “Recorrendo à micro-história: características, perspectivas e suas aplicações”, onde faremos uma discussão metodológica, utilizando como parâmetro de análise as premissas da micro-história; resgatando a história da vida cotidiana das “pessoas comuns” para auxiliar na compreensão do objeto Rio Claro F. C.. No item “Capital cafeeiro e imigrantes: a gênese dos espaços de sociabilidade”, traçaremos, inicialmente, um panorama geral sobre a produção cafeeira e o avanço das ferrovias pelo interior do Estado de São Paulo. Valorizaremos a influência do capital cafeeiro e dos imigrantes na estruturação do urbano e na constituição dos espaços de socialização que precederam o surgimento dos clubes de futebol na cidade de Rio Claro. No item “A “União dos Artistas” e o Grêmio: o tempo livre sob o olhar da Companhia Paulista”, abordaremos os primeiros círculos de convivência e interação dos operários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, e o controle velado da cúpula administrativa da empresa sobre estes espaços.

No segundo capítulo, denominado “Trocando passes: a incorporação do futebol em Rio Claro na primeira década do século XX”, trataremos sobre o processo de introdução do futebol em Rio Claro. Discutiremos a relação entre ferrovia, espaço urbano e futebol, destacando a incorporação da modalidade pelos habitantes e trabalhadores citadinos. O item “O futebol viaja pelos trilhos: da capital ao interior paulista, 1888-1909” será mais descritivo. Apontaremos o tráfego da cultura futebolística pela malha ferroviária do Estado de São Paulo. A prática acompanhou a pujança dos principais polos econômicos, seguindo o eixo São Paulo, Santos, Campinas, até aportar em Rio Claro. Por fim, no item “Futebol e associativismo: a fundação do Rio Claro Futebol Clube”, iremos refletir sobre as práticas organizativas dos operários da Paulista no âmbito esportivo, pois foi a partir destas experiências que surgiu o Rio Claro F. C..

No último capítulo “Futebol e paternalismo: ascensão e declínio”, discutiremos o estreitamento da relação entre Rio Claro F. C. e dirigentes da Companhia Paulista, bem como os fatores que levaram ao fim deste vínculo. No item “A relação entre Rio Claro Futebol Clube e Companhia Paulista”, trataremos sobre os auxílios da empresa para a manutenção das atividades do clube, os interesses por trás deste apoio, as exigências em relação aos sócios, a influência dos diretores do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista no dia a dia da agremiação, a participação do clube nos primeiros campeonatos de futebol do interior, o tratamento dado aos operários-jogadores, enfim, a consolidação do modelo paternalista de

dominação. No item “O processo de profissionalização do Rio Claro Futebol Clube”, discutiremos a inserção crescente de indivíduos externos às oficinas da companhia ferroviária na rotina do clube - inclusive em sua diretoria -, com destaque para os comerciantes e filhos de imigrantes italianos, as tensões entre Rio Claro F. C. e o binômio Grêmio-Companhia Paulista, o enfraquecimento do paternalismo da empresa e o ingresso da agremiação no profissionalismo.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS, O PERÍODO HISTÓRICO E OS ASPECTOS ECONÔMICOS, SOCIAIS, CULTURAIS E POLÍTICOS: A CIDADE DE RIO CLARO

1.1 Recorrendo à micro-história: características, perspectivas e suas aplicações

Este item discutirá alguns aspectos inerentes à micro-história. A ideia de trazer este estudo é apresentar os fundamentos teóricos que serviram de base para compreender o objeto, isto é, o desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube e sua relação com a ferrovia. O texto que seguirá após este item, “tem um conteúdo que se fecha em si mesmo”, como diria Bettine.⁸ Ou seja, a análise do objeto estará incorporada durante o texto, a partir da interpretação da análise documental e bibliográfica.

Trata-se de um estudo inserido em um campo do saber mais amplo, conhecido como “nova história”, buscando compreender a incorporação da cultura futebolística em uma cidade específica do interior do Estado de São Paulo, tendo como fio condutor elementos característicos da “micro-história”.

Segundo Burke,⁹ a nova história ou história nova é uma história *made in France*. Especificamente, é a história associada à chamada *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisation*, fundada em 1929 pelos intelectuais Lucien Febvre e Marc Bloch. Ela representa uma reação deliberada contra a história positivista do século XIX, uma história de curto prazo, uma simples narrativa de acontecimentos, centrada nos grandes feitos de integrantes da elite política e econômica, enfim, um “teatro de aparências que mascara o verdadeiro jogo da história, que se passa nos bastidores e nas estruturas ocultas aonde é preciso ir para seguir sua pista, analisá-lo, explicá-lo”.¹⁰

É exatamente esse movimento de insatisfação contra o antigo jeito de se fazer história que acaba proporcionando o aparecimento de novos problemas, de novos métodos e, sobretu-

⁸ BETTINE, Marco Antonio. *Análise sociológica do processo de desenvolvimento dos principais clubes de futebol do Estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX: influência da urbanização, ferrovias e Rio Tietê*. 2013. 230f. Tese (Livre Docência) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, USP, São Paulo, 2013, p. 19.

⁹ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 9-10.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. A história nova. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri da. (orgs.). *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 136-137.

do, de novos objetos que resultaram na renovação dos domínios tradicionais desse campo do saber. A nova história passa a se interessar por todo tipo de atividade humana. Sua base filosófica é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída, isto é, a história se mexe, é preciso estudar aquilo que muda mais lentamente, como as conjunturas ou estruturas, e não o imediato. É fundamental apreender e explicar as permanências e mudanças, algo que a história de curto prazo demonstrou-se incapaz de realizar.

Uma história política que é regulamentada pelas mudanças de reinados, de governos, não apreende a vida profunda: o aumento da estatura dos seres humanos, ligado às revoluções da alimentação e da medicina, as mudanças nas relações do espaço decorrentes da revolução dos transportes, os transtornos do conhecimento provocados pelo aparecimento de novas mídias, a imprensa, o telégrafo, o telefone, o jornal, o rádio, a televisão, tudo isso não depende das mudanças políticas, dos acontecimentos destacados hoje pelas manchetes dos jornais.¹¹

Um dos grandes expoentes a rejeitar a história dos acontecimentos é Fernand Braudel.¹² Para o autor, há dois tipos de mudanças mais relevantes que os historiadores devem analisar: i) as econômicas e sociais de longo prazo, ou seja, aquelas que ocorrem em um ritmo intermediário, em passos mais lentos, o chamado tempo das conjunturas; suas durações referem-se, por exemplo, aos movimentos cíclicos de preços e salários, aos ritmos e fases das mudanças demográficas, tecnológicas e sociais, e aos padrões e tendências do comércio e da troca; ii) e as geo-históricas de muito longo prazo, cujos elementos o tempo demora tanto a erodir; esse é o domínio das circunstâncias biológica, climática e geofísica; são estruturas mais densas, isto é, realidades que o tempo pouco deteriora e que apresentam um equilíbrio lentamente construído ao longo dos séculos.

Em resumo, as mudanças epistemológicas trazidas pela nova história inauguram uma série de possibilidades de investigação histórica. Entre as distintas propostas que acompanham essa mudança de paradigma encontra-se a micro-história, uma forma de abordagem aplicada inicialmente entre as décadas de 1970 e 1980 pelos italianos Giovanni Levi e Carlo Ginzburg, e que se constituía em uma reação à crise dos modelos marxistas que preconizaram uma transformação rápida e radical do mundo em linhas revolucionárias.

Naquela época, muitas das esperanças e mitologias que antes haviam orientado uma parte importante do debate cultural, incluindo o domínio da historiografia, estavam

¹¹ Ibidem, p. 156.

¹² BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri da. (orgs.). *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 93-96.

se comprovando, não tanto inválidas, mas inadequadas diante das imprevisíveis consequências dos acontecimentos políticos e das realidades sociais - acontecimentos e realidades que estavam longe de estar em conformidade com os modelos otimistas propostos pelos grandes sistemas marxista ou funcionalista.¹³

Segundo Levi,¹⁴ a micro-história possui uma posição muito específica dentro da chamada nova história. Ela corresponde a “uma gama de possíveis respostas que enfatizam a redefinição de conceitos e uma análise aprofundada dos instrumentos e métodos existentes”. É uma prática historiográfica essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Essa redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto estudado. Nas palavras do autor, “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”.¹⁵

Do ponto de vista metodológico, a micro-história adquire relevo nas pesquisas historiográficas por colocar em prática uma perspectiva que dá enfoque às “pessoas comuns”, ou seja, aos personagens que outrora foram relegados pela corrente tradicional da história. O pesquisador de orientação micro-histórica passa a explorar as experiências e costumes das camadas subalternas - as quais a historiografia tradicional preferiu ignorar -, trazendo à tona informações que até então estavam adormecidas.

Em uma das principais obras da nova história - e por que não dizer da micro-história também -, Ginzburg¹⁶ aborda o cotidiano e as ideias de um moleiro acusado de heresia pela Inquisição. O autor se contrapõe ao pensamento de que existiriam dois níveis bem delimitados de cultura: um erudito e um popular, sendo que apenas o primeiro seria considerado de fato uma cultura criativa. Na sua visão, os elementos culturais não podem ser reconhecidos como autênticos somente se estiverem vinculados a uma determinada classe social, neste caso a elite. As atitudes, crenças e os códigos de comportamento próprios das camadas subalternas

¹³ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 136.

¹⁴ Ibidem, p. 137.

¹⁵ Ibidem, p. 141.

¹⁶ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 10-12.

também são formas legítimas de cultura, constituindo, inclusive, um campo de pesquisa bastante atraente para aqueles que se dedicam à micro-história.

Importante destacar que alguns tópicos considerados periféricos desde os tempos clássicos, seja por sua sutileza ou aparente insignificância, podem nos revelar, atualmente, muitas curiosidades, da mesma forma que o crítico de arte Giovanni Morelli analisava a autenticidade dos quadros, olhando para as orelhas e para as unhas nos retratos; ou como Sherlock Holmes que prestava atenção nas bitucas de cigarros e nas pegadas próximas ao lugar do crime; ou como Freud, que nas sessões de psicanálise se agarrava aos “atos falhos” de seus pacientes, para desvendar a origem de suas neuroses. Em outras palavras, é justamente através desses tópicos, outrora negligenciáveis, que se torna possível desenvolver uma investigação micro-histórica.¹⁷

De acordo com Levi,¹⁸ a micro-história aproveita-se da diferenciação social para tentar interpretar de maneira formal as ações, comportamentos, conjunturas, papéis e os relacionamentos entre os sujeitos, já que os costumes e práticas assumem conotações mais precisas a partir das diferenciações sociais variáveis e dinâmicas. Os indivíduos constantemente criam suas próprias identidades, e os próprios grupos se definem de acordo com solidariedades e afinidades de gostos.

É exatamente sobre os costumes e práticas da classe trabalhadora que este texto tratará, dando um enfoque para o cotidiano dos ferroviários em Rio Claro-SP, sem dúvida a primeira categoria de trabalhadores assalariados de grande relevância na cidade. Considerando que a micro-história se interessa virtualmente por todo tipo de atividade humana, selecionamos o futebol como tópico-chave a ser discutido, um espaço de construção cultural que reuniu os trabalhadores urbanos desde os primórdios do século XX.

O futebol tem múltiplos caracteres, no sentido de ser difuso, e não raso. Porque ele pode ser interpretado desde a luz do tempo livre dos trabalhadores, passando por representação e identidade do clube e da agremiação, representando a cidade, ou até mesmo como forma de rito simbólico de determinados grupos (...).¹⁹

¹⁷ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 144-150.

¹⁸ LEVI, Giovanni. (2011). *Op. cit.*, p. 154.

¹⁹ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 29.

Esse século, por sinal, é definido por Hobsbawm²⁰ como um século de catástrofe. Época de extraordinário crescimento econômico e transformação social, anos que mudaram a sociedade, talvez os que proporcionaram maiores reflexos se comparados a outros períodos históricos, afetando inclusive o Brasil. O mundo estava repleto de uma tecnologia revolucionária em avanço constante, baseada em triunfos da ciência natural. A revolução nos transportes e nas comunicações foi a que maior impacto teve na sociedade, pois praticamente anulou o tempo e a distância. Um mundo “que podia levar a cada residência, todos os dias, a qualquer hora, mais informação e diversão do que dispunham os imperadores em 1914”.

A revolução das comunicações e da distância propiciou uma maior integração entre os costumes. A crescente interação entre as pessoas contribuiu para a construção de novos estilos de vida, possibilitando ampliar o leque cultural de uma ou de outra. Diversas práticas foram incorporadas durante esse processo, favorecendo a integração regional e o fortalecimento dos laços entre sujeitos que outrora distavam dias de viagem através das mulas cargueiras.²¹

Mas como o futebol, uma modalidade inglesa, tem participação nesse contexto tão complexo? Segundo Bettine,²² o futebol é parte de uma cultura urbano-industrial em ascensão, isto é, onde se construíam as estradas de ferro eram criados times de futebol, ou melhor, clubes de futebol, geralmente pela iniciativa dos próprios funcionários das companhias ferroviárias. Em outras palavras, o futebol é uma prática incorporada no bojo da urbanização, fruto das relações entre sujeitos, um elemento que reforça a ideia de desenvolvimento social, de classe e poder econômico.

Sendo assim, tratamos o futebol neste estudo como uma relação social, uma prática que resultou na formação de um clube singular, o Rio Claro Futebol Clube, idealizado e frequentado por um grupo histórico específico: os trabalhadores urbanos, sobretudo os funcionários das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

A análise proposta vincula duas tendências do futebol, as quais serão discutidas no decorrer do texto: a primeira tendência (capítulo 2) é a que vê o futebol como um fenômeno incorporado pelos moradores e trabalhadores da cidade, uma prática que resultou na criação

²⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 22.

²¹ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 28.

²² Idem.

de clubes a partir da iniciativa de sujeitos que possuíam vínculos com as empresas ferroviárias, ou seja, as sociedades desportivas se firmando como espaços de sociabilidade da classe trabalhadora, reforçando a identidade e o sentimento de pertencimento de seus integrantes; a segunda tendência (capítulo 3) é a que discute o apoio de empresas aos clubes de futebol criados pelo operariado, os interesses que impeliam os patrões a não apenas incentivarem a prática da modalidade, como também exercerem certo controle sobre essas agremiações.

Na pequena história de Rio Claro, podemos perceber que o impacto cultural se acentua com a revolução dos meios de transportes, especialmente a partir da chegada da ferrovia. Integrada ao complexo da economia agrário-exportadora, a cidade cresceu e experimentou transformações que diluíram seu caráter provinciano. Os modelos de urbanização imprimidos refletiam os valores da modernidade e civilização que predominavam na sociedade europeia. A sociedade rioclarense foi se desenvolvendo pela economia cafeeira, instalação das ferrovias, abolição da escravidão, criação de um mercado de mão-de-obra via imigração de europeus e surgimento dos primeiros estabelecimentos industriais. Incorporaram-se novos hábitos, criaram-se socializações, ampliaram-se os laços comunitários e estabeleceu-se o contato com novos valores culturais.

Esse processo de urbanização e desenvolvimento foi marcado pelo crescimento econômico, a partir do qual o Estado de São Paulo, que tinha a condição de Estado eminentemente agrário-exportador, se transforma em uma sociedade também urbano-industrial.²³

Ao querer analisar a propagação do futebol através dos trilhos e sua consequente penetração em Rio Claro, acabamos por apresentar um cenário de constituição da cidade aliado à incorporação das práticas de lazer. Um dos pontos foi compreender como essas práticas começaram a se tornar importantes dentro dessa sociedade que se formava. Lembrando que o surgimento do lazer e das atividades de tempo livre representa um fenômeno tipicamente urbano-industrial, como discute Corbin.²⁴

Escolhemos trabalhar com a ideia de disseminação da cultura futebolística e seu processo de popularização, o que nos levou a entender as mudanças econômicas, sociais e culturais por intermédio da micro-história. O particular constitui o cerne deste estudo, isto é, a in-

²³ Ibidem, p. 31.

²⁴ CORBIN, Alain. A fadiga, o repouso e a conquista do tempo. In: _____. (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 334-358.

corporação do futebol no cotidiano dos trabalhadores ferroviários e a criação do Rio Claro Futebol Clube, sem deixar de interpretar seu significado à luz de uma conjuntura mais ampla, pois como observa Levi:²⁵

A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico.

Conforme discutido, as mudanças intensificam-se com a chegada dos trens, ainda mais em uma cidade do interior, onde as pessoas estavam acostumadas com as mulas cargueiras, com interações e práticas restritas. Em um processo lento, porém intenso, “ocorre a revolução cultural do olhar, de ver uma máquina a cortar a cidade”.²⁶ Logicamente que um trem não chega como um simples passe de mágica. Antes disso existe o processo da construção das linhas férreas, de instalação das estações e oficinas ferroviárias, no qual caminha a crescente relação entre as pessoas, a formação dos espaços de sociabilidade e a fortificação do espírito urbanita no interior.

Neste trabalho, buscamos contribuir com as pesquisas que apontam a relação dos clubes de futebol com o desenvolvimento urbano-industrial. É nítido que a modernização dos meios de transportes, principalmente a implantação das ferrovias, teve papel fundamental para o crescimento de toda a economia paulista, influenciando na disseminação da cultura esportiva.

Objetivamente, este estudo discute a formação dos primeiros espaços de sociabilidade da classe trabalhadora em Rio Claro; a participação dos operários da Companhia Paulista na criação dos clubes sociais e esportivos, em particular a fundação do Rio Claro F. C. e sua relação com a empresa ferroviária.

Cabe destacar que o Rio Claro F. C. possui uma relação simbiótica com a referida cidade. À medida que a prática do futebol passa a fazer parte do cotidiano local, o clube vai assumindo um *status* de referência para os trabalhadores urbanos que ali residem. Evidentemente, a agremiação representa uma micro-esfera inserida em uma conjuntura maior, ou seja,

²⁵ LEVI, Giovanni. (2011). *Op. cit.*, p. 156.

²⁶ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 29.

seu processo de formação também está atrelado a elementos mais gerais, sobretudo à urbanização e ao avanço das linhas férreas pelo Estado de São Paulo. Porém, ao mesmo tempo, o passado do Rio Claro F. C. é marcado por singularidades que permitem transformá-lo em um potencial objeto de estudo para a micro-história, como por exemplo: i) a presença significativa de ferroviários no quadro de associados; ii) a utilização das dependências do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista para a realização de reuniões, festividades e jogos; iii) a influência e o controle da administração da companhia ferroviária sobre o clube; iv) e a incorporação gradativa dos comerciantes e filhos de imigrantes italianos para exercerem funções administrativas na agremiação.

Como observa Levi,²⁷ a micro-história é uma tentativa de estudar o social, não como um objeto de propriedades inerentes, mas como um conjunto de inter-relacionamentos entre configurações constantemente em adaptação. Ou seja, a ideia aqui é demonstrar que o Rio Claro F. C. possui uma trajetória particular, mas sem deixar de apontar que a agremiação estava inserida no circuito dos acontecimentos e mudanças que transcorriam em São Paulo e no país.

Quando o projeto ainda estava em processo de construção, pensamos, inicialmente, em recorrer às fontes orais para fortalecer as discussões em torno de nosso objeto. A ideia, porém, não foi levada adiante, por motivos de inviabilidade temporal e, sobretudo, pela ausência de indivíduos que de fato tivessem vivenciado, desde o início, a relação do Rio Claro F. C. com a empresa ferroviária, ou seja, constatamos uma escassez de fontes orais consistentes que pudessem proporcionar testemunhos relevantes para a elaboração deste trabalho. Sem contar a tentativa pouco exitosa de encontrar um leque mais amplo de materiais referentes à história do futebol interiorano no acervo do Museu do Futebol, uma vez que as referências disponíveis ainda se restringem a levantamentos sobre partidas e campeonatos disputados.²⁸

Desse modo, a solução encontrada apresenta dois caminhos que se cruzam. As leituras das referências bibliográficas foram fundamentais na construção de um alicerce teórico que pudesse embasar esta pesquisa. Ao mesmo tempo, consideramos também pertinente recorrer às fontes primárias e documentos oficiais para analisar a incorporação da cultura esportiva em Rio Claro, com foco na história do Rio Claro F. C.. Foram utilizados dois periódicos da épo-

²⁷ LEVI, Giovanni. (2011). *Op. cit.*, p. 162.

²⁸ Também tentamos obter materiais junto à Federação Paulista de Futebol, mas a entidade informou que transferiu o que possuía para o próprio Museu do Futebol.

ca: “*O Alpha*” e “*Correio Paulistano*”, nos anos de 1901, 1909, 1910, 1911, 1913, 1914, 1916, 1917, 1919 e 1926. A base de dados, portanto, para a reconstrução da história do clube são as notícias publicadas no “*O Alpha*” nos seguintes anos: 1909, ano de fundação da agremiação, além do surgimento das primeiras informações a respeito dos treinamentos dos operários-jogadores ao redor das linhas férreas; 1910, ano da disputa do primeiro amistoso e embate contra a equipe de ferroviários das oficinas de Jundiaí; 1911, prosseguimento da disputa de amistosos contra equipes provenientes de outras cidades, com destaque para a chegada dos jogadores adversários por meio do trem; 1913, sócios do clube organizando reuniões no Centro Operário local; 1914, ano de nomeação do chefe local das oficinas da Companhia Paulista como presidente do clube, início do controle da empresa ferroviária, utilização da infraestrutura do Grêmio Recreativo da Paulista e disputa de amistoso contra o tradicional *Sport Club Germania*, de São Paulo; 1916, disputa de amistoso contra a tradicional agremiação paulistana *Associação Atlética das Palmeiras*; 1917, ano de registro na Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA); e 1919, ano em que disputa o primeiro Campeonato Paulista de Futebol do Interior. Em relação ao ano de 1901, as notícias analisadas não estão propriamente ligadas ao futebol. Na verdade, elas foram selecionadas, pois indicam que a cultura esportiva já fazia parte do cotidiano rioclarense logo no início do século XX, a partir das corridas de bicicletas. Soma-se, ainda, a esta base de dados, três notícias publicadas pelo jornal “*Correio Paulistano*”: uma em fevereiro de 1919 e as demais em maio de 1926.

Optamos por esses periódicos por razões diversas. O levantamento no jornal “*O Alpha*” foi realizado junto ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, com o intuito de verificar a cobertura do Rio Claro F. C. pelo principal órgão da imprensa rioclarense na época. Sem contar que a coleção desse jornal é a mais completa no acervo do Arquivo, cujas publicações vão de 1901 a meados da década de 20. Pensamos em analisar outros periódicos locais, como o “*Diário do Rio Claro*” e “*Jornal Cidade*”, porém a limitação das edições disponíveis, bem como a falta de sequência das publicações - seja no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo ou do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro - levaram-nos a descartar as consultas nesses jornais. A escolha do “*Correio Paulistano*”, por sua vez, deve-se a uma curiosidade: o desejo de verificar como a imprensa paulistana tratava as notícias referentes às agremiações do interior do Estado. Percebemos que as informações tornaram-se mais recorrentes a partir do momento em que a APEA passou a organizar campeonatos de futebol para os clubes interioranos. Contudo, as notícias restringiam-se aos jogos que seriam disputados nos finais de semana e seus respectivos resultados, ou seja, trivialidades. As exceções

foram essas notícias mencionadas anteriormente, de fevereiro de 1919 e maio de 1926: a primeira trazendo todos os detalhes acerca da organização do primeiro Campeonato Paulista de Futebol do Interior; e as demais relacionadas à exclusão do Rio Claro F. C. do quadro de integrantes da APEA.

Os jornais já contavam com uma seção esportiva diária, e como o Rio Claro F. C. demonstrava certa organização e uma nítida relação com o principal estabelecimento industrial da cidade - as oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro -, o clube era um dos principais alvos da cobertura esportiva da imprensa rioclareense. Mas como o período estudado abrange quase quatro décadas, a tarefa de acompanhar diariamente as notícias em jornais - mesmo que somente em um praticamente - tornar-se-ia extenuante, repetitiva e improdutiva. Portanto, tornou-se necessário um recorte, que nos levou a escolher apenas algumas datas deste período,²⁹ sobretudo aquelas que assumiram certa relevância para o clube.

Ao todo, foram selecionadas 18 notícias (tabela 1). Para cada data, ou melhor, para cada notícia tomada como referência, consultamos também as edições publicadas nos dois dias anteriores e posteriores em relação às notícias escolhidas, apenas para verificar se encontraríamos um leque maior de informações relevantes. Estas notícias foram arroladas seguindo alguns assuntos que interessavam aos objetivos deste trabalho, isto é, todas as notícias que versavam sobre o Rio Claro F. C. e o desenrolar da cultura esportiva - sobretudo a prática futebolística - na cidade. A meta foi acompanhar a trajetória dessa agremiação e o desenvolvimento do futebol enquanto modalidade esportiva que despertava um interesse cada vez maior em Rio Claro.

Tabela 1 - Número de notícias selecionadas em cada ano

Anos	1901	1909	1910	1911	1913	1914	1916	1917	1919	1926	Total
Nº de notícias	2	2	2	1	1	3	2	1	2	2	18

Fonte: Pesquisa documental na imprensa (O Alpha; Correio Paulistano)

²⁹ Lembrando que, devido à limitação das edições disponíveis e falta de sequência nas publicações - principalmente nos periódicos da cidade de Rio Claro -, as notícias referentes ao Rio Claro F. C. que foram selecionadas a partir de consultas em jornais correspondem ao período de 1909 a 1926.

Não poderíamos deixar de analisar a história do Rio Claro F. C. sem recorrer aos livros de atas do próprio clube e do Grêmio Recreativo da Paulista, afinal, como discutiremos ao longo do texto, a agremiação futebolística se manteve sob a influência da companhia ferroviária durante mais de dezesseis anos. Do Rio Claro F. C., tivemos acesso a quatro livros de atas: i) de 16 de dezembro de 1915 a 2 de março de 1920; ii) de 22 de dezembro de 1925 a 16 de janeiro de 1940; iii) de 20 de fevereiro de 1930 a 2 de março de 1932; iv) e de 16 de março de 1932 a 2 de março de 1935. Do Grêmio, foram consultados os seguintes livros: i) de 3 de dezembro de 1913 a 21 de dezembro de 1916; ii) de 4 de junho de 1916 a 3 de setembro de 1935; iii) e de 3 de setembro de 1930 a 23 de novembro de 1932.

Esses documentos oficiais foram utilizados com fins de realizar mediações, ou seja, uma tentativa de reconstruir a história do Rio Claro F. C. e sua relação com a Companhia Paulista, aliando as referências bibliográficas à parte operacional, isto é, embasando esta última a partir das teorias existentes. A documentação é mais um recurso que pode nos ajudar a interpretar o cotidiano, as ideias e os anseios dos trabalhadores urbanos, nas palavras de Ginzburg.³⁰

A importância da micro-história, ou ainda, da história da camada subalterna é mais profunda do que apenas propiciar aos pesquisadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para resgatar o passado de determinados grupos sociais que podem ter pensado tê-lo perdido, ou que talvez nem tenham um conhecimento apurado da existência de sua história, de sua importância para a disseminação de certos valores culturais.

Este estudo sobre o Rio Claro F. C. é uma tentativa de trazer à luz a história do futebol no interior do Estado de São Paulo, sua incorporação pelos moradores e trabalhadores da cidade, sobretudo pelos ferroviários. Como diria Sharpe,³¹ “os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem”. A história vista a partir do cotidiano dos trabalhadores urbanos pode desempenhar um papel importante nesse processo, recordando-nos que alguns dos elementos culturais que desfrutamos - neste caso o futebol - não foram propagados apenas por indivíduos da elite.

³⁰ GINZBURG, Carlo. (2006). *Op. cit.*, p. 20.

³¹ SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 60.

1.2 Capital cafeeiro e imigrantes: a gênese dos espaços de sociabilidade

Mencionamos, brevemente, no item anterior, que o crescimento e a modernização da cidade de Rio Claro estão atrelados ao sucesso econômico da lavoura cafeeira, afinal, os lucros gerados por esta atividade criaram condições para a implantação das ferrovias e desenvolvimento da urbanização, influenciando assim no surgimento dos espaços de sociabilidade, como os clubes de futebol, conforme discutiremos no decorrer do texto.

Mas antes de aprofundarmos essa discussão, convém traçar um rápido panorama a respeito da chegada do café no Estado de São Paulo. Como observa Dean,³² o cultivo cafeeiro em território paulista teve início muito depois das plantações levadas a cabo nas montanhas acima do Rio de Janeiro, no início do oitocentismo. Em meados de 1850, os cafezais penetraram pelo lado paulista do Vale do Paraíba e estenderam-se até o chamado Oeste Paulista.

A arrancada do café no Estado de São Paulo veio acompanhada das estradas de ferro, estabelecidas justamente para atender a expansão da *commodity*. Há um consenso na literatura de que a necessidade de ampliação da mão-de-obra nos cafezais,³³ somada à estagnação econômica em alguns países da Europa e à implantação do transporte ferroviário proporcionaram a chegada de milhares de imigrantes a partir da década de 1880, sobretudo os italianos.

Embora concordemos com tal assertiva, não podemos deixar de mencionar que as primeiras experiências com os trabalhadores estrangeiros foram inauguradas anos antes, nas Fazendas Ibicaba (Limeira) e Angélica (Rio Claro), de propriedade do senador Nicolau Vergueiro. Por meio do sistema de parceria,³⁴ o fazendeiro optou pela contratação de imigrantes de origem alemã, suíça e portuguesa para trabalharem nos cafezais de suas terras. O plano, porém, não vingou, devido às constantes humilhações e maus tratos sofridos pelos estrangei-

³² DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo, 1880-1945*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971, p. 9.

³³ A promulgação da Lei Áurea, em 1888, garantiu o fim do regime escravocrata. Com a iminente falta de mão-de-obra nos cafezais, os fazendeiros decidiram recorrer à contratação de trabalhadores europeus. Para Holloway (1984, p. 68-72), a queda da escravidão foi uma condição fundamental para que os estrangeiros, principalmente os italianos, se interessassem novamente pelas lavouras do Oeste Paulista.

³⁴ No sistema de parceria, os primeiros imigrantes recebiam seus próprios lotes de pés adultos e, apesar de serem supervisionados, ficavam responsáveis pelo cuidado e pela apanha. Também ficavam incumbidos de levar os frutos até os terreiros e contribuir proporcionalmente ao beneficiamento. Receberiam cotas em pagamento, correspondentes a metade dos rendimentos da venda da safra, porém descontava-se deste montante, os custos de transporte, impostos e comissão. Ademais, se o trabalhador, em seu lote de subsistência, produzisse mais do que a família pudesse consumir, a metade do excedente também caberia a Vergueiro (DEAN, 1977, p. 97).

ros. Muitos abandonaram as fazendas, migrando para vilas e cidades da região.³⁵ Alguns decidiram se instalar no “núcleo” de Rio Claro, até então um lugarejo desprovido de vida própria, pois rodeado de latifúndios autárquicos autossuficientes, não podia fazer crescer o seu comércio, a sua indústria, o seu artesanato, a sua burguesia, porque não haveria consumo para que as mesmas produzissem.

A presença dos proprietários das fazendas de café e dos imigrantes italianos e alemães propiciou a formação de um forte sincretismo cultural na cidade de Rio Claro. Como discutiremos ao longo do capítulo, todos esses grupos buscaram imprimir suas próprias identidades na cidade. O sentimento de pertencimento em relação ao local é construído pelos sujeitos de várias maneiras, seja através da formação de espaços de natureza cultural e esportiva, do uso de novas tecnologias ou da participação nas transformações urbanas.

Graças ao êxito da economia cafeeira, os grandes fazendeiros tiveram uma ascensão social gritante na segunda metade do século XIX. O poder financeiro veio acompanhado de um enorme desejo de livrar o país do atraso, das heranças do período colonial e imperial. Muitos destes indivíduos atuaram como prefeitos ou presidiram a Câmara Municipal de diferentes cidades do Oeste Paulista. Alguns chegaram, inclusive, a ocupar postos nos governos estadual e federal. Em Rio Claro, por exemplo, José Estanislau de Oliveira, Nicolau Vergueiro, José Elias Pacheco Jordão, Antonio Paes de Barros, Joaquim Salles, José Luiz Borges, os Almeida Prado, os Negreiros, entre outros, foram algumas figuras ligadas à cafeicultura que se sobressaíram na política local.

Uma das primeiras formas encontradas pela elite cafeeira para materializar o anseio pelo progresso foi a partir de investimentos direcionados à modernização dos meios de transporte. As estradas que levavam o café até Santos eram estreitas, precárias e só podiam ser percorridas pelas tropas de mula, uma opção mais cara e demorada. Descontentes com a situação, esses homens começaram a pressionar o governo da província para que fosse estabelecida uma solução eficiente. Em 1867 foi dado o primeiro passo para minimizar o problema. Com a ajuda do capital inglês, foi inaugurada a ferrovia *São Paulo Railway*, interligando San-

³⁵ Em 1857, imigrantes alemães e suíços desencadearam um protesto contra Vergueiro e sua família, reivindicando o fim das explorações e melhores condições de vida na fazenda. A movimentação dos trabalhadores, conhecida como a Revolta de Ibicaba, não resultou em violência, mas o governo provincial enviou cerca de trinta soldados para vigiar o local. Superadas as tensões, autoridades governamentais dos respectivos países de origem destes imigrantes começaram a estabelecer medidas para restringir a emigração com destino ao Brasil. Alguns trabalhadores preferiram retornar ao velho continente, enquanto outros abandonaram o meio rural.

tos à Jundiaí.³⁶ Nos anos seguintes, as estradas de ferro tiveram um aumento vertiginoso. Muitos fazendeiros, desejosos para que os trilhos chegassem o mais próximo possível de suas propriedades, participaram ativamente da criação das empresas ferroviárias, tornando-se acionistas e assumindo cargos na diretoria. Nesse contexto, quatro companhias de grande relevância foram organizadas não só com o intuito de levar os trilhos de Campinas a outras regiões, mas também de procurar a conexão de outras regiões diretamente à capital: Paulista, Ituana, Sorocabana e Mogiana.

Podemos citar alguns grupos que se destacavam na administração da Companhia Paulista:³⁷ Silva Prado, Souza Queiroz, Vergueiro e Paes de Barros. Seu trecho inicial foi inaugurado em 1872, interligando Campinas a Jundiaí. Em poucos anos, a ferrovia já perpassava as cidades de Santa Bárbara, Limeira, Rio Claro - cujos trilhos foram inaugurados em 1876 -,³⁸ Cordeirópolis, Leme, Araras, Porto Ferreira, alcançando Descalvado em 1881. A Companhia Ituana foi fundada em 1870 e estava sob o controle das famílias Paes de Barros e Pacheco Jordão. Seu objetivo era ligar a região de Itu ao terminal da *São Paulo Railway*, em Jundiaí.³⁹ Na mesma época foi criada a Companhia Sorocabana,⁴⁰ a qual teve o grande mérito de alcançar as margens do Rio Paraná. Em 1872 foi fundada a Companhia Mogiana,⁴¹ tendo como principais acionistas a família Silva Prado, Antonio Queiroz Teles, o Barão de Tietê e José Estanislau do Amaral. Seu primeiro trecho foi estabelecido em 1875, conectando Mogi Mirim a Campinas. Na sequência, sua expansão progrediu em direção a Ribeirão Preto.

O entusiasmo pela construção de vias férreas na década de 1870 impulsionou os fazendeiros a desbravarem novas áreas. Dezenas de estradas foram surgindo ao longo dos anos, complementando-se umas as outras. A primeira linha da São Paulo/Minas entrou em operação a partir de 1893, saindo de São Simão e dirigindo-se a São Sebastião do Paraíso. A Araraquarense⁴² teve o seu primeiro trecho inaugurado em 1901, ligando a cidade de Araraquara à Ta-

³⁶ Cf. traçado da *São Paulo Railway* em “Elementos iconográficos” - Anexo I.

³⁷ Cf. traçado da Companhia Paulista em “Elementos iconográficos” - Anexo II.

³⁸ Nesse ano, as linhas férreas estabeleceram a conexão entre Campinas e Rio Claro.

³⁹ Fundiu-se com a Sorocabana em 1892.

⁴⁰ Segundo Saes (1981, p. 41), a Estrada de Ferro Sorocabana não estava ligada apenas ao café. Ela também atendia os produtores de algodão da área de Sorocaba. Cf. o traçado desta ferrovia em “Elementos iconográficos” - Anexo III.

⁴¹ Cf. traçado da Companhia Mogiana em “Elementos iconográficos” - Anexo IV.

⁴² Cf. traçado da Estrada de Ferro Araraquara em “Elementos iconográficos” - Anexo V.

quaritinga. Fundada em 1905, a Noroeste do Brasil⁴³ saiu de Bauru e atingiu a região de Aracatuba três anos depois. Partindo de Ribeirão Bonito em 1900, a Douradense alcançou Ibitinga, Bocaina, Bariri e Jaú, onde se articulava com a Paulista.⁴⁴

A partir da década de 1910, assistimos a consolidação da conquista do “sertão desconhecido”. A Noroeste atinge a margem do Rio Paraná, fazendo de Três Lagoas a primeira cidade mato-grossense a ser servida pela companhia. A Araraquarense chega a Rio Preto (1912), a Sorocabana alcança Santo Anastácio nas proximidades do Rio Paraná (1920), a São Paulo/Goiás chega a Olímpia, e a Paulista constrói a linha de Itirapina. A Mogiana instala suas últimas linhas, alcançando o sul de Minas Gerais e ligando-se à Paulista em Pontal e Guataporã. A São Paulo/Minas, partindo de São Simão, dirige-se para São Sebastião do Paraíso, e no litoral, a *Southern São Paulo Railway* estabelece a ligação de Santos com o Vale do Ribeira (posteriormente incorporada à Sorocabana). Na década de 20, as ferrovias do Estado de São Paulo já se encontram quase completas. A Sorocabana atinge o Rio Paraná em Porto Epitácio, a Paulista chega ao Porto Cemitério (Colômbia) no Rio Grande e inicia o prolongamento até Piratininga, em uma zona pioneira que gerou centros urbanos importantes, como Marília e Tupã. E em seguida prolongou-se até Panorama, às margens do Paraná.⁴⁵

A tabela 2 dá uma ideia aproximada do histórico da produção cafeeira nas zonas do Estado de São Paulo.⁴⁶

Tabela 2 - Produção de café em São Paulo: mil arrobas por zona

Zona	1886	1905	1920	1940
Vale do Paraíba	2.117	1.804	734	557
Central	4.796	4.491	2.272	1.937
Mogiana	2.367	2.145	8.850	9.080
Paulista	2.458	7.418	3.264	6.226

⁴³ Cf. traçado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em “Elementos iconográficos” - Anexo VI.

⁴⁴ TEIXEIRA-PETRATTI, Palmira. Trilhos e sonhos: o desenho do interior paulista. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. v. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 246-250.

⁴⁵ Ibidem, p. 250-251.

⁴⁶ Antes da Proclamação da República, denominava-se Província de São Paulo.

Araraquarense	-	5.781	2.957	15.234
Noroeste	-	94	580	18.522
Alta Sorocabana	-	3.931	1.537	9.322

Fonte: Saes (2010)

Estes dados não apenas indicam algumas características da produção de café, mas também os avanços da urbanização. As zonas do Vale do Paraíba, Central, Paulista e Mogiana, que iniciaram o processo de desenvolvimento da cafeicultura, foram substituídas pela Araraquarense, Alta Sorocabana e Noroeste. Em meados dos anos 1940, as quatro zonas citadas primeiramente tornaram-se as menos produtivas do Estado.

Não há dúvida de que o café se transformou no senhor da atividade econômica em São Paulo. Mais do que isso, foi o produto que proporcionou ao país reintegrar-se nas correntes em expansão do comércio mundial. O comportamento do setor exportador, e do café em especial, determinava o ritmo da economia nacional. Em outras palavras, o polo de desenvolvimento do país era justamente o interior paulista.

A pujança adquirida pelos centros produtores de café veio acompanhada de uma série de intervenções que redefiniram seus espaços urbanos. Fazendeiros, financistas, engenheiros e negociantes estrangeiros logo compreenderam a necessidade de aprimorar a infraestrutura dessas localidades. Era preciso “civilizar” os sertões interiores, ainda mais agora que estavam vinculados às coordenadas do mercado internacional.⁴⁷ As transformações urbanísticas pautaram-se nos padrões provenientes da Europa e Estados Unidos. Profissionais ingleses, alemães e, acima de tudo, franceses chegaram a ser contratados para remodelar a arquitetura das cidades. Abriram-se novas ruas, construíram-se prédios e os bosques naturais cederam lugar aos jardins padronizados. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se casas comerciais e redes bancárias para oferecerem suporte à comercialização do café, além dos setores de serviços urbanos (gás, energia, transportes, bondes, telefone e água).

Mas as transformações não se limitaram à ordenação e embelezamento do espaço físico. A elite cafeeira também se preocupou em definir condutas que expressassem a maneira “correta” de viver, pensar, agir e sentir. Considerados sofisticados, os estilos europeizados de comportamento e convívio social foram sendo progressivamente importados. A cidade de

⁴⁷ SEVCENKO, Nicolau. (2009). *Op. cit.*, p. 108.

Paris, reconhecida como a capital da cultura, dos prazeres e daqueles que podiam desfrutar o tempo livre, era a referência predileta desses indivíduos abastados que buscavam se desprender da imagem de senhores de escravos. Os modismos parisienses serviram de grande inspiração para os fazendeiros paulistas erigirem seus espaços de convivência e diversão. Adquirir o hábito de frequentar teatros, cinemas, cafés, restaurantes e clubes esportivos, passou a ser uma forma de reproduzir os requintes da sociabilidade europeia.

É evidente a magnitude alcançada pelo interior de São Paulo. A elite fundiária não mediu esforços para modernizá-lo, imprimindo-lhe características que pudessem aproximá-lo das principais sociedades “civilizadas” do mundo. O Oeste Paulista, sustentáculo da economia cafeeira, fora completamente envolto pelo ideário de progresso e modernidade, evidenciando as pretensões dos cafeicultores em romper definitivamente com quaisquer resquícios do passado estritamente rural.

O que pretendemos demonstrar ao longo do trabalho é que a crescente complexidade da economia e da sociedade a partir da cafeicultura dará base econômica para o desenvolvimento de lugares específicos de encontro e convívio social, como os clubes esportivos, em particular os de futebol. Mas antes de analisarmos a gênese destes espaços de sociabilização em Rio Claro, devemos ter em conta os alicerces em que eles foram assentados. Conforme vimos, a busca pela interação social e divertimento é constituída na própria dinâmica da urbanização. Ao conquistarem um *status* econômico privilegiado, os fazendeiros de Rio Claro puderam atuar de forma mais intensa na estruturação do urbano, procurando dotar a cidade do conforto desfrutado pela capital da Província. Esses homens estiveram à frente de reformas urbanísticas e da criação de ambientes destinados à cultura e ao lazer.

Empenhados em conferir à cidade um ar sofisticado e “civilizado”, os membros da classe dirigente local buscaram equipá-la através da realização de melhorias no sistema de iluminação, no abastecimento de água e em arruamentos. O anseio pelo progresso levou-os a adotar algumas inovações oriundas do exterior como base em suas intervenções. Substituindo os lampiões de querosene, a implantação da luz elétrica - iniciada em 1885 pela firma fluminense *Real & Portella* - se consolidou a partir de 1900, graças à utilização das tecnologias das empresas alemãs *Theodor Wille & Cia* e *Siemens Halske*. Nesse mesmo ano, instalou-se na cidade a rede de água encanada e esgoto, visando acabar em definitivo com as fossas domiciliares. Os cafeicultores Cláudio Luiz da Silva Braga, Joaquim de Almeida Camargo e Francisco Santa Cruz Negreiros estiveram à frente desta obra. No tocante às ruas, foi colocado em

prática o modelo pombalino⁴⁸ de planificação, dando ênfase ao traçado retilíneo e a simetria. A boa ordem urbana seria mais uma forma de simbolizar o nível de europeização dito ideal.⁴⁹ Ao invés dos nomes, as ruas foram numeradas, uma inspiração no sistema racional aplicado em diversas cidades dos Estados Unidos. A estrada de ferro da Paulista foi tomada como ponto de irradiação para a organização do espaço. A rua que passava em frente à porta da estação ferroviária seria a de número 1. Todas as ruas verticais ao ponto referencial foram denominadas avenidas. As que ficavam à direita da porta da estação receberam números pares e as que estavam à esquerda ficaram com os números ímpares. A área situada no lado oposto da entrada principal da estação seguiu a mesma lógica de organização. A única diferença é que as ruas e avenidas tiveram uma letra acrescida na numeração. O projeto foi idealizado por Manoel Pessoa Siqueira Campos, presidente da Câmara e ex-juiz municipal. Ao apresentar sua proposta, o político demonstrava uma clara preocupação em evitar que as ruas fossem nomeadas de maneira “vulgar”.

Indico à Câmara, para facilitar o conhecimento das ruas e evitando ao mesmo tempo a confusão dos nomes próprios e vulgares com que são de ordinário designadas aqui, que se adote o sistema simples e racional, usado em muitas cidades dos Estados Unidos da América do Norte, de numeração das ruas; tomando-se por ponto de partida a Estação de Estrada de Ferro Paulista. Todas as ruas verticais ao ponto indicado se denominarão avenidas; e terão números ímpares, as que ficarem ao lado esquerdo da do Comércio; e pares as que ficarem à direita. As transversais serão numeradas, em ordem em que se acharem a partir do mesmo ponto, com a denominação de Rua nº ... O mesmo sistema se adotará em relação aos largos e praças.⁵⁰

O processo de aformoseamento foi ainda mais amplo. As obras urbanas vieram acompanhadas do desenvolvimento do âmbito das artes, especialmente as artes cênicas, a música e a literatura. A inauguração do Teatro São João em 1864 representa uma das expressões mais concretas de identificação da elite cafeeira com um tempo “novo”, moderno, em que as atividades de tempo livre passaram a ser mais valorizadas (figura 1). O edifício foi construído em

⁴⁸ Sebastião José de Carvalho Melo, o Marquês de Pombal, atuou como primeiro ministro de Dom José I. Em meados do século XVIII, influenciado pelas ideias iluministas, não mediu esforços para reformar os mecanismos administrativos da Coroa portuguesa. Acreditava que a autoridade real deveria ampliar o número de vilas no interior do Brasil, através de um programa que procurasse aproveitar ao máximo as potencialidades dos territórios inexplorados. Deu ênfase a um conceito de planificação urbana que privilegiava o alinhamento e a disposição das ordens, tendo em vista a praticidade na administração e uma estética agradável. Na sua visão, este modelo de planejamento era uma marca do comportamento europeu, e por isso deveria ser aspirado pela colônia.

⁴⁹ DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no Século XVIII*. Brasília: Alva-Ciord, 1997, p. 49-74.

⁵⁰ CAMPOS, Manoel Pessoa Siqueira. *Ata da Câmara Municipal de Rio Claro*, Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 20 dez. 1885.

um terreno doado por Raphael Tobias de Barros,⁵¹ 2º Barão de Piracicaba e filho de Antônio Paes de Barros, o 1º Barão de Piracicaba. Entre os responsáveis pela obra estavam importantes nomes da elite cafeeira: José Luiz Borges, José Elias Pacheco Jordão, Francisco de Assis Negreiros, Francisco Gomes Botão e José Estanislau de Oliveira. Era um dos raros teatros de toda a província, recebendo espetáculos teatrais diversos e companhias líricas nacionais e estrangeiras. Continha 63 camarotes, distribuídos em 3 ordens, e uma plateia para 400 cadeiras.⁵²

Figura 1 - Fachada do Teatro São João (à esquerda) e os camarotes localizados em seu interior (à direita)
Fonte: Fittipaldi (1978)

Em 1888, após ser reformado, o teatro teve o seu nome alterado para Phenix. A partir de 1901 as atividades de lazer promovidas por este último foram diversificadas, e o teatro também passou a se dedicar a uma novidade cultural que viria a despertar grande fascínio nas pessoas: as projeções cinematográficas. No raiar do século XX o cinema transformava-se um dos principais pontos de encontro da classe mais abastada. O público aprendia a disciplina do silêncio e podia escutar o som das orquestras, antes que o ambiente escurecesse e as cortinas

⁵¹ Como aponta Santos (2002, p. 59-60), Raphael era nascido em Itu, mas possuía terras em Rio Claro. Nesta última, exerceu o cargo de vereador de 1865 a 1868 pelo Partido Conservador. Também foi personagem importante na elite paulistana, fundando o *Jockey Club* de São Paulo.

⁵² A inauguração do Teatro São João contou com a apresentação de drama “Dalila”.

se abrissem. Era inevitável o deslumbre ao ver a rápida sequência das imagens em movimento nas telas, projetando corpos sedutores, cenas de beijo, violência ou paisagens desconhecidas.⁵³

A vida noturna agitou-se. A importação dos modelos culturais europeus estimulou a emersão dos eventos dançantes, sobretudo a cultura de “salão”.⁵⁴ Para a oligarquia paulista, frequentar os salões era uma das principais formas de reproduzir os requintes da sociabilidade aristocrática francesa. Estes espaços proporcionavam entretenimentos variados, produzindo uma sociabilização elegante e culta, em que se buscava o aprimoramento dos sentidos e a sofisticação dos costumes.

Elias Antonio da Silva, José de Campos Negreiros e Cândido José de Campos Ferraz - o Barão de Porto Feliz - foram alguns dos cafeicultores que fizeram parte do desenvolvimento da Philharmonica Rioclarense, salão inaugurado em 1879 e destinado à promoção de saraus dançantes, musicais e literários. Neste luxuoso e imponente espaço, os membros da elite oligárquica podiam sentir-se verdadeiramente modernos. Nas preliminares dos bailes, eram habituais as apresentações artísticas de violino e os números de piano, instrumento símbolo dos ambientes mais seletos.⁵⁵

Os moços preferiam as danças. Era preciso aproveitar aqueles raros momentos de encontro. Entre valsas, polcas, “chótis”, palavras amáveis, palavras de amor, corriam célebres as horas. E quando, quase manhã, após a clássica quadrilha, o palacete da Philharmonica cerrava as suas portas e o seu fidalgo salão imergia no silêncio, em cada coração rioclarense o baile já era uma recordação.⁵⁶

Outra instituição criada no bojo deste impulso modernizante foi o Gabinete de Leitura, fundado oficialmente em 26 de julho de 1876, e transferido, em 1890, para sua sede definitiva, em sessão solene presidida pelo então presidente do Estado de São Paulo, Prudente de Moraes. A ideia de criar este tipo de estabelecimento surgiu no século XVII graças à iniciativa britânica, sendo aderida em seguida pelos franceses entre os séculos XVIII e XIX. Conce-

⁵³ RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 395.

⁵⁴ NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 106-142.

⁵⁵ HOBBSBAWM, Eric. *A Era do Capital, 1848-1875*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 239.

⁵⁶ JORGE, Cida Bilac. A Philharmonica de outrora. In: MACHADO, Ilara Luz. (org.). *Rio Claro sesquicentenária*. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, 1978, p. 230.

bido por homens de prestígio da sociedade rioclarense, o gabinete figurava como um espaço de sociabilidade, reunindo indivíduos com interesses políticos ou culturais em comum, ávidos pelo acesso à cultura letrada. Visava despertar no homem o interesse pelo saber e pela aquisição de conhecimento, requisitos considerados essenciais para o progresso.

Ele cumpriria as múltiplas funções de um instituto para a cultura do espírito, desenvolvimento da razão e aperfeiçoamento das faculdades do homem, tendo como consequência o melhoramento das condições de produção, nas ciências, artes, indústria, comércio e na organização social.⁵⁷

A instituição proporcionava aos seus frequentadores a leitura e/ou locação de livros e periódicos, sem que houvesse a necessidade de compra. Caso tivesse a intenção de levá-los para leitura domiciliar, era necessário que o indivíduo se associasse ao gabinete. Para isto, havia duas formas de associação: sócios contribuintes e sócios remidos. Na primeira, o interessado pagava uma taxa de adesão e mensalidades fixas. Na segunda, a pessoa deveria pagar uma taxa única não inferior a 200 mil réis.

Os principais cargos da administração da instituição foram ocupados por membros da elite cafeeira. De início, João Vergueiro Bonamy assumiu como presidente e Francisco Apri- gio Pacheco Jordão tornou-se o diretor. Enquanto o primeiro era neto do tradicional senador Vergueiro, o segundo era filho do advogado e fazendeiro José Elias Pacheco Jordão, o qual foi promotor público em São Paulo e deputado na Assembleia Legislativa.

A participação direta dos cafeicultores na política local, no estabelecimento das estradas de ferro, nos melhoramentos urbanos e na construção dos espaços de sociabilidade são alguns dos elementos que simbolizam a constituição do capital cafeeiro no interior de São Paulo. Este capital “é entendido como um processo longo, que apenas tem o café como produto primeiro, mas que gerou uma economia diversificada e pulsante como a paulista”.⁵⁸

A noção de capital cafeeiro, bastante frequente na historiografia recente, procura dar conta de uma característica peculiar dos empresários paulistas do período. Com uma riqueza fundada na propriedade da terra, esses fazendeiros adquiriram feição de empresários urbanos: são acionistas e dirigentes de estradas de ferro, comerciantes, banqueiros, acionistas e dirigentes de serviços urbanos, industriais e frequentemente políticos. Assim, seu capital, embora circule em torno de atividades ligadas à produ-

⁵⁷ SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. *Visão da modernidade: a presença britânica no gabinete de leitura (1837-1838)*. 2006. 197f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006, p. 22.

⁵⁸ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 53.

ção cafeeira, não se limita à esfera estritamente agrária dessa atividade: é um capital agrário, mas é também capital comercial, capital financeiro, capital industrial. Daí a noção de capital cafeeiro, que procura dar conta das múltiplas faces da atividade desses empresários paulistas da Primeira República.⁵⁹

O desenvolvimento da economia cafeeira exigiu de Rio Claro uma infraestrutura que pudesse viabilizá-la. Graças ao café, engendrou-se um processo de urbanização acompanhado por uma ampla e complexa gama de atividades: crescem as lojas de varejo; surgem casas de câmbio, agências bancárias e as primeiras fábricas; instalam-se as vias férreas e oficinas ferroviárias; inauguram-se hotéis para atender aos usuários da ferrovia; multiplicam-se as ocupações profissionais. Paralelamente, ocorre um adensamento populacional, devido à chegada de estrangeiros e migrantes nacionais.

Não podemos pensar na urbanização de Rio Claro sem falar dos imigrantes. O principal motivo da necessidade dos estrangeiros no Estado de São Paulo foi para que os mesmos servissem de mão-de-obra nos cafezais que se expandiam para o oeste.⁶⁰ De acordo com o primeiro censo em nível nacional, realizado em 1872, a Província de São Paulo contabilizava 837.354 habitantes. Os estrangeiros livres somavam 16.567 indivíduos, dos quais 3.931 (23,7%) eram alemães. Estes só ficavam atrás dos 6.729 (40,6%) portugueses, praticamente os únicos europeus que mantiveram um fluxo de chegada relativamente estável entre os anos 60 e 70, reflexo das turbulências oriundas dos primeiros contratos assinados entre fazendeiros e imigrantes.⁶¹ No mesmo ano, Rio Claro contava com 15.035 habitantes, dos quais 818 eram estrangeiros livres, isto é, 5,4% da população do município. Três nacionalidades compunham quase que a totalidade dos imigrantes. Como demonstra a tabela 3, os alemães representavam

⁵⁹ SAES, Flavio Azevedo Marques. São Paulo republicana: vida econômica. In: PORTA, P. (orgs.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 240.

⁶⁰ Conforme mencionado anteriormente, por mais que a imigração europeia tenha se tornado um fenômeno de massas a partir da década de 1880 - devido principalmente aos italianos -, é importante frisar que as atividades imigratórias em território paulista começaram quase 40 anos antes. No final dos anos 1840 e ao longo de toda a década de 1850, nota-se, sobretudo, a entrada de imigrantes alemães, portugueses e suíços na Província de São Paulo. Embora não haja uma relação completa dos imigrantes entrados em São Paulo no período ou uma cronologia exata dos fluxos imigratórios, estima-se a chegada de 4.500 indivíduos aproximadamente, dos quais um pouco mais da metade eram alemães. De 1860 a 1870, os dados ainda se mostram dispersos, dificultando a precisão do número de imigrantes vindos para a província. O certo é que a imigração alemã e suíça sofreu uma forte redução após a Revolta de Ibicaba. Os dados referentes à presença da população estrangeira no Brasil só se tornaram mais fiáveis a partir do primeiro censo nacional, realizado em 1872.

⁶¹ DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 117.

um pouco menos da metade (45,2%), os portugueses vinham em seguida (31,3%) e os suíços ocupavam a terceira posição (14,8%).

Tabela 3 - População estrangeira em Rio Claro, em 1872

Nacionalidade	Número de imigrantes
Alemã	370
Portuguesa	256
Suíça	121
Outras	71
Total	818

Fonte: Bassanezi (1992)

Ao comparar os dados populacionais da província com os da cidade de Rio Claro, podemos perceber uma variação na expressividade dos imigrantes. Provavelmente os alemães se sobressaíram nesta última, pelo fato de terem representado por muito tempo a principal mão-de-obra das fazendas de café da região. É provável que boa parte deles correspondesse a antigos “parceiros” que decidiram não regressar ao país de origem. Embora muitos portugueses também tenham trabalhado nos cafezais, é importante lembrar que a imigração portuguesa teve uma característica mais urbana, concentrando-se, principalmente, na capital paulista.⁶²

Para além destes números, é importante compreender que a preponderância dos imigrantes alemães neste período, propiciou-lhes certo protagonismo na construção da vida urbana rioclarense. Apesar de terem lidado com a agricultura e o preparo da terra nas fazendas de café, muitos deles, na verdade, estavam acostumados a desempenhar funções citadinas: eram carpinteiros, tanoeiros, seleiros, vidraceiros, pedreiros, ferreiros, operários de fábrica, alfaiares.⁶³ O fracasso do sistema de parceria impulsionou os imigrantes a buscarem novos meios de sobrevivência. Graças à experiência urbana que possuíam, enxergaram melhores perspectivas de ganho participando do desenvolvimento comercial e industrial da cidade.

Em 1873, Rio Claro apresentava um número considerável de lojas de varejo: 63 armazéns de secos e molhados, 18 armazéns de fazendas, 9 açougues, 4 padarias, 4 confeitarias, 3 farmácias, 8 armazéns de gêneros da terra, 8 agências de importação, exportação e comissões,

⁶² Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/centro-de-preservacao-pesquisa-e-referencia/historico-das-imigracoes/>

⁶³ Segundo Dean (1977, p. 98), parte destes imigrantes já haviam sido habitantes da cidade, portanto tinham experiência com ofícios de caráter urbano-industrial.

4 hotéis, 8 locadoras de *trollys*⁶⁴ e muitos outros estabelecimentos. Embora fossem, em sua grande maioria, estabelecimentos de pequeno porte, tal quantidade permite imaginar um relativo frenesi na vida comercial local.⁶⁵

Registravam-se também alguns estabelecimentos industriais, tais como: 4 fábricas de máquinas, 3 fábricas de *trollys*, uma de cerveja, uma de licores, uma de vinagre, 11 olarias e 7 ferrarias. Inúmeras oficinas artesanais se somavam às pequenas fábricas: 11 marceneiros, 8 sapateiros, 5 seleiros, 5 vidraceiros, 6 empalhadores, 4 fundidores de ferro e bronze, 14 alfaia-tes, 5 funileiros, 2 entalhadores, 1 relojoeiro, 2 ourives, 2 barbeiros, 1 tintureiro, 2 torneiros, 2 tanoeiros, entre outros.⁶⁶

Os profissionais liberais apareciam em menor número: 4 médicos, 2 dentistas, 1 arquiteto, 1 agrimensor e 6 advogados.⁶⁷

Os alemães estavam inseridos em um amplo leque de negócios e profissões. No varejo, por exemplo, destacavam-se como proprietários de padarias, 2 hotéis, 6 companhias de locação de *trollys*, uma confeitaria e 14 armazéns de secos e molhados. No ramo industrial, figuravam como proprietários da fábrica de cerveja, de uma fábrica de *trollys*, de 3 fábricas de máquinas e de 4 ferrarias. Eram ainda alemães, 6 marceneiros, 5 empalhadores, 4 alfaiates, 1 torneiro, 1 ourives, 2 tanoeiros e 3 fundidores de ferro e bronze.

As ações implementadas pela comunidade germânica não se restringiram somente ao plano econômico. A autopercepção dos imigrantes como os “outros” e a visão etnocêntrica do brasileiro em relação a eles, contribuíram para que os mesmos reforçassem os laços do grupo,⁶⁸ criando espaços de sociabilidade para seus semelhantes. Em geral, a preservação da identidade dos imigrantes alemães em diferentes cidades do país teve como alicerce três tipos

⁶⁴ Eram carruagens bem simples, utilizadas para o transporte de passageiros, conduzidas por pares de burros ou cavalos.

⁶⁵ MOLINA, Thomaz Carlos de; LISBOA, José Maria. *Almanak de São João do Rio Claro para 1873*. São Paulo: IMESP/DAESP, 1981, p. 31-43.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da. *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Typographia Americana, 1873, p. 6-31.

⁶⁸ FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SCHWARCS, Lilia Moritz. (orgs.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. v. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 27.

de microssociedades:⁶⁹ a Escola, a Igreja e o Clube de Ginástica, instituições respectivamente voltadas para o desenvolvimento mental, espiritual e físico do indivíduo.

A vida associativa, sem dúvida, fornecia sensações de pertencimento, acolhimento, partilha da vida com o conhecido. Maneiras de habitar, de comer, de falar, de operar com a língua de origem, de manifestar crenças religiosas, de dar à luz; modos de cuidar da higiene corporal ou da casa, modos de vestir-se, maneiras de divertir-se, tudo isso faz parte da vida associativa dos imigrantes europeus no Brasil uma necessidade de sobrevivência, a sobrevivência também de uma subjetividade, de um *ethos* interior supostamente ameaçado pelo desafio do desconhecido, pela diferença, pela terra que se deixa.⁷⁰

Em 1882, o missionário Johann Jacob Zink, preocupado com a educação dos filhos dos imigrantes e a manutenção dos valores da cultura alemã em Rio Claro, reuniu esforços para a fundação da “*Deutsche Schule*” (Escola Alemã), posteriormente denominada Colégio Koelle.⁷¹ Paralelamente a questão educacional, havia a preocupação de ordem religiosa. Majoritariamente protestantes, os imigrantes alemães deparavam-se com uma grande lacuna nas diferentes cidades em que se instalavam, visto que o país era dominado pelo catolicismo. Com o intuito de aliar ensino formal e religioso, a comunidade germânica de Rio Claro empenhou-se em construir a “*Deutsche Evangelische Kirche*” (Igreja Evangélica Alemã), cujo “templo” foi inaugurado em 1884, em anexo à Escola de Língua Alemã.⁷²

Outro elemento explorado pelos imigrantes alemães e que também propiciou a socialização entre os mesmos foi o esporte. Durante o século XIX, os exercícios gímnicos tornaram-se uma prática comum nas escolas e no cotidiano da Alemanha, tendo como base os mé-

⁶⁹ Segundo Fausto (1998, p. 28), as microssociedades representam formas de organização situadas entre as esferas pública e privada, “como é o caso dos clubes comunitários, teatros, associações de socorros mútuos formadas por pessoas de uma determinada etnia ou de uma determinada região do país de origem, sindicatos, templos religiosos etc”.

⁷⁰ SOARES, Carmen Lucia. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 153.

⁷¹ Sobrecarregado com seus trabalhos educacionais e religiosos, Johann Jacob Zink procurou em Wurtemberg, região sul da Alemanha, indicações de algum professor que estivesse disposto a levar adiante seu projeto educacional iniciado junto à comunidade germânica de Rio Claro. O jovem professor Theodor Albert Koelle interessou-se pela proposta e iniciou seu trabalho na Escola Alemã no dia 3 de dezembro de 1883. Posteriormente, sob o nome de *Colégio Koelle*, os descendentes de alemães que viviam no sul do Brasil passaram a procurar a escola para estudar.

⁷² SANTOS, Fábio Alexandre dos. *Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 51; GOUVÊA, Flávia Mengardo. *Os imigrantes alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX*. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Unesp, Franca, 2011, p. 59-62.

todos defendidos pelo pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi. Inspirado no pensamento “pestalozziano”, Johann Guts Muts desenvolveu o estilo alemão de ginástica, o qual foi aprimorado em seguida por Friedrich Jahn⁷³ e Adolf Spiess.

As demonstrações ginásticas foram ganhando popularidade no “velho continente”. Dirigiam-se, basicamente, aos cidadãos que viviam nas cidades, pessoas que buscavam uma identificação com a vida republicana, cívica. Eram uma expressão da cultura e uma forma específica e especializada de educação do corpo urbano, quase sempre regidas por estatutos de tipo associativo. As sociedades ginásticas, conhecidas como *turnvereins*, objetivavam o disciplinamento corporal e moral do indivíduo, bem como o convívio entre todos os membros da associação. Além da prática de exercícios físicos, também era comum a promoção de atividades de lazer e caminhadas em contato com a natureza para a convivência étnica e cultural.

A difusão desse movimento atlético é evidente, ainda mais quando notamos a presença de associações de ginástica no Estado de São Paulo já no final do século XIX,⁷⁴ com o propósito de agregar as famílias teuto-brasileiras de diferentes níveis sociais e valorizar as tradições germânicas. A ginástica acompanhava os imigrantes que chegavam ao “novo mundo”.⁷⁵ Sob a liderança de Reynaldo Meyer,⁷⁶ a *turnverein* de Rio Claro foi fundada em 1919, recebendo o nome de Grupo Ginástico Rioclarense. A sociedade tinha como finalidade a difusão dos exercícios gímnicos e a organização de bailes e piqueniques, ou seja, havia uma nítida intenção de criar vínculos sociais mais estreitos entre as pessoas de origem germânica. A busca pela interação com os compatriotas não se limitou a esfera local. Foram estabelecidas relações com as associações *turnen* de São Paulo e Campinas, as quais organizaram excursões em grandes grupos para as comemorações do Ginástico, participando dos espetáculos esportivos e atividades culturais.

Nesta pesquisa foca-se o influxo da rede ferroviária na formação do cenário esportivo em Rio Claro. Parece-nos admissível afirmar que as vias férreas do Estado de São Paulo pro-

⁷³ Visando distinguir a ginástica alemã de outros estilos nacionais, Friedrich Jahn atribuiu a mesma o nome de *turnen*. Consequentemente, o ginasta passou a ser reconhecido como *turner*.

⁷⁴ Em 1888 foi fundada a primeira agremiação *turnen* na cidade de São Paulo, a *Deutscher Turnverein*, situada no bairro do Bom Retiro. Em 1904, Campinas também já contava como uma sociedade ginástica, o *Turner Gruppe*.

⁷⁵ SOARES, Carmen Lucia. (2009). *Op. cit.*, p. 135.

⁷⁶ Descendente de alemães, Reynaldo Meyer era um pequeno industrial em Rio Claro, sendo proprietário de uma fábrica de artefatos de madeira e brinquedos.

piciaram a articulação de espaços novos, interligando os centros menores aos principais. Distribuíam-se os bens agrícolas e industriais, ao mesmo tempo em que se redefiniam as relações, as trocas e os contatos culturais.

A constante expansão das linhas e ramais, somada, sobretudo, ao abandono do trabalho escravo, fizeram com que o movimento migratório adquirisse um novo ímpeto em meados dos anos 1880, em particular de italianos.⁷⁷ Além de facilitar a chegada dos imigrantes para trabalharem nas propriedades de café, os caminhos de ferro proporcionavam um adensamento populacional em torno de atividades correlatas, como depósitos e comércio de materiais para a ferrovia, como carvão, lubrificantes e equipamentos, comércio de alimentos para os trabalhadores ferroviários, entre outros.

As ferrovias ainda estimularam o desenvolvimento da indústria de material de transportes, a partir da instalação das oficinas de montagem e reparo de locomotivas, carros e vagões (figura 2), “que além de permitir a obtenção de tecnologia de sua produção, eram importantes núcleos formadores de mão-de-obra especializada, contribuindo para acentuar o processo de urbanização em diversos municípios do Estado”.^{78 79}

⁷⁷ O mercado italiano sofria com a forte concorrência dos produtos agrícolas norte-americanos, que apresentavam preços bem menores. O desespero dos italianos era tão grande, que uma parcela dos que emigraram tiveram que se deslocar a pé, atravessando a maior parte do norte da Itália sob um rigoroso inverno, para tomar os navios que em Gênova prometiam passagens grátis até Santos. De acordo com Holloway (1984, p. 68), de 1882 a 1886, as chegadas anuais de imigrantes ainda não apresentavam números tão expressivos, sendo inferiores a 6.000. Porém, com o estabelecimento da Sociedade Promotora, a alocação de subsídios para o transporte, a construção da hospedaria dos imigrantes e a abolição da escravidão, o movimento migratório elevou-se.

⁷⁸ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 59.

⁷⁹ As oficinas da Companhia Paulista foram instaladas em Rio Claro em 1892.

Figura 2 - Interior das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro em Rio Claro-SP, década de 1930
Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo

A marcha de ocupação do Estado de São Paulo se deu pelo avanço da fronteira agrícola e pela constituição sincrônica dos núcleos urbanos. Em 1920, a capital do Estado contava com cerca de 580 mil habitantes, seguido de São José do Rio Preto (126 mil); Campinas (115 mil); Santos (102 mil); Ribeirão Preto (68 mil); Piracicaba (67 mil); Bragança Paulista (55 mil); São Carlos (54 mil); São João da Boa Vista (52 mil); Jaboticabal (51 mil); Rio Claro (50 mil); Araraquara (48 mil), Taubaté (45 mil); Jundiaí (44 mil); Franca (44 mil); Sorocaba (43 mil); Guaratinguetá (43 mil); Jaú (42 mil).

Conforme mencionado, os imigrantes foram peças-chave nesse processo. Entre 1887 e 1900, entraram em São Paulo aproximadamente 909 mil estrangeiros,⁸⁰ sendo 564.800 (62%) italianos.⁸¹ De 1901 a 1940, ingressou neste Estado pouco mais de 1,2 milhão de imigrantes, dos quais cerca de 360.000 (quase 30%) eram naturais da Itália.^{82 83} A tabela 4 apresenta mais detalhes a respeito da entrada de estrangeiros no território paulista.

⁸⁰ BAENINGER, Rosana; BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. São Paulo: transição demográfica e migrações. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. v. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 157 e 158.

⁸¹ CAMARGO, José Francisco de. *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*. v. 1. São Paulo: FIPE, 1981, p. 117-118.

⁸² Idem.

Tabela 4 - Estado de São Paulo: entrada de imigrantes, 1890-1940

Período	Número de imigrantes
1890-1894	319.732
1895-1899	415.253
1900-1904	171.295
1905-1909	196.539
1910-1914	362.898
1915-1919	83.684
1920-1924	197.312
1930-1934	128.997
1935-1940	77.599

Fonte: Saes (2010); Camargo (1981)

Os dados referentes à imigração para São Paulo evidenciam o impacto deste movimento sobre o crescimento populacional do Estado, especialmente se levarmos em conta que a população da então Província em 1886 era de aproximadamente 1,2 milhão de habitantes, ou seja, a entrada de mais de 700 mil estrangeiros no decênio seguinte - em um Estado com cerca de 1,2 milhão de pessoas - ocasionou um inegável impacto, sendo um dos fatores do crescimento de sua economia.⁸⁴

Exatamente nas últimas duas décadas do século XIX, diversas estradas prolongaram suas linhas, sendo as zonas da Paulista e da Mogiana as que melhor aproveitaram a mão-de-obra do imigrante. À medida que se desenvolvia a rede ferroviária, intensificava-se a imigração.⁸⁵ A tabela 5 estabelece um comparativo entre produção cafeeira, expansão ferroviária e crescimento populacional.

Tabela 5 - Ferrovia, produção de café e população do Estado de São Paulo (1886-1940)

Ano	Ferrovias (Km)	População	Café (Arrobas)
------------	-----------------------	------------------	-----------------------

⁸³ Segundo Hall (2004, p. 124), a partir de 1902 as entradas de italianos decaíram em virtude do governo deste país ter proibido a imigração com passagem paga para São Paulo por causa dos maus-tratos a seus cidadãos nas fazendas.

⁸⁴ SAES, Flávio Azevedo Marques de. O estado de São Paulo no século XX: café, indústria e finanças na dinâmica da economia paulista. v. 2. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). *História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 16-17.

⁸⁵ MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Alfa-Omega, 1974, p. 72-88.

1886	1.640	1.221.380	12.371.613
1905	3.843	2.279.608	35.819.079
1920	6.616	4.592.188	20.243.948
1940	7.540	7.180.316	60.985.487

Fonte: Saes (2010)

Há uma nítida correlação entre as variáveis indicadas. O desenvolvimento econômico a partir do café enseja investimentos no setor de transportes, promovendo a produção de café em terras mais distantes e demandando maior contingente de mão-de-obra.⁸⁶ No auge do fluxo migratório - de 1886 a 1900 -, mais de 11 mil estrangeiros saíram da hospedaria com destino a Rio Claro, sendo 9.314 (cerca de 84,7%) provenientes da Itália. A população local teve um salto considerável no período analisado, passando de 20.133 habitantes, em 1886, para 38.426, em 1900, ou seja, um acréscimo de 90,86%.⁸⁷

Embora boa parte dos imigrantes italianos tenha vindo para trabalhar nas lavouras de café, houve aqueles que preferiram se instalar no cotidiano urbano.⁸⁸ Como exemplos, podemos citar a família Mônaco, ligada à fabricação de calçados; os Zanardi, Linardi e Padula atuando como alfaiates; os Cabresti fabricando charutos; os Vecchiatto comercializando ferramentas; as famílias Franceschini, Baroto, Petrelli e Gasbarro fabricando cervejas; os Castellano comercializando artigos importados; e muitos outros.⁸⁹ As tabelas 6 e 7 retratam a presença dos italianos em vários ramos de negócios em Rio Claro, chegando até a suplantarem os alemães.

⁸⁶ Exceto pela produção cafeeira de 1920, provavelmente reduzida por razões climáticas (SAES, 2010, p. 17).

⁸⁷ DEAN, Warren. (1977). *Op. cit.*, p. 155.

⁸⁸ Segundo Cano (1977, p. 47-50), os movimentos cíclicos de expansão e depressão do café impediam que muitos imigrantes tivessem uma estabilidade econômica de longo prazo nas fazendas. Além disso, quando o programa de imigração subsidiada incentivava o fluxo migratório além das necessidades do setor cafeeiro, gerava-se um enorme exército de reserva, restando a este contingente buscar alternativas fora dos limites das grandes propriedades agrícolas.

⁸⁹ PIGNATARO, Livia. *Imigrantes italianos em Rio Claro e seus descendentes*. v. 4. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1988, p. 10-11.

Tabela 6 - Propriedades de negócios de imigrantes e/ou descendentes, 1897, por setor

Setor	Alemães	Italianos
Comércio	51	133
Comércio/Serviços	23	59
Serviços	15	18
Fábricas	6	12

Fonte: Santos (2002)

Tabela 7 - Propriedades de negócios de imigrantes e/ou descendentes, 1905, por setor

Setor	Alemães	Italianos
Comércio	34	120
Comércio/Serviços	11	35
Serviços	25	39
Fábricas	10	14

Fonte: Santos (2002)

A entrada dos italianos na cidade coincide com a expansão das estradas de ferro e a implantação das oficinas da Companhia Paulista, fatores que estimularam uma série de serviços e pequenas fábricas, seja para atender as necessidades da empresa ferroviária ou a demanda de mercadorias por parte da crescente população urbana. É neste momento em que as cidades estão entrecortadas pelas linhas férreas que se criam os lugares de convivência coletiva, como os clubes recreativos, sociais ou para a prática esportiva. Distantes da “terra mãe”, os imigrantes italianos constituíram os próprios espaços de interação, com o propósito de promover uma maior integração entre seus compatriotas, além de resguardar os valores culturais do velho país.

Em 1891, a comunidade italiana ali presente fundou a *Società Italiana di Mutuo Soccorso* (Sociedade de Socorro Mútuo), uma sociedade destinada a valorizar a solidariedade étnica, prestando auxílios aos imigrantes em casos de enfermidade, invalidez, assim como para a realização de funerais. Dois anos mais tarde, a instituição teve o seu nome modificado para *Società Italiana di Instruzione e Beneficenza* (Sociedade Italiana de Instrução e Beneficência), tendo como objetivos centrais a educação de seus membros e a preservação da língua materna.⁹⁰ Surgiram ainda no início do século XX o *Circolo Dramatico Danzante Umberto I* (Círculo Dramático Dançante Umberto I), um espaço designado à promoção de bailes, e o Grupo Filodramático Italiano Umberto I, cujos participantes se reuniam para a encenação de

⁹⁰ FAUSTO, Boris. (1998). *Op. cit.*, p. 27; LUCA, Tânia Regina de. *O sonho do futuro assegurado: o mutualismo em São Paulo*. São Paulo: Contexto, 1990, p. 133-143.

peças teatrais. No âmbito esportivo, os italianos envolveram-se com a criação do *Velo Club Rio-Clarense*, associação destinada à prática do ciclismo, mas que com o passar dos anos acabou se “curvando” ao futebol.

A emergência do *Velo Club*, em particular, denota a inserção de um novo modismo exógeno na cidade de Rio Claro: as provas ciclísticas. Após serem esportivizadas na França, estas passaram a ser disputadas em diferentes lugares do Ocidente no final do século XIX, chegando ao Estado de São Paulo em meados da década de 1890. Com bicicletas de marcas francesas, italianas, alemãs e americanas, os *velocemen* se reuniam através dos clubes de corridas, utilizavam pseudônimos, vestiam camisetas coloridas e às vezes disputavam as provas ao som de bandas musicais. Eram divididos por categorias para equilibrar as competições e os resultados de cada páreo eram publicados nos jornais, segundo Gambeta.⁹¹

Diferentes cidades do interior aderiram à modalidade, como Santos, Campinas, Rio Claro, São Carlos, Taubaté e Jacareí. As estradas de ferro impulsionaram a circulação de pessoas e a mistura de costumes. Um dos reflexos deste processo é a fundação da primeira associação velocipédica de Rio Claro, em 20 de outubro de 1900. Não há maiores detalhes acerca dos fundadores deste clube, tampouco sobre a infraestrutura utilizada pelos ciclistas. Consultando a edição do jornal *O Alpha*⁹² de 23 de setembro de 1901, constatamos apenas a existência de um projeto visando à construção de uma nova pista para os *velocemen* da época. O empreendimento contou com os investimentos do cafeicultor e tenente-coronel Joaquim de Almeida Camargo, presidente da Câmara Municipal. O fazendeiro cedeu um terreno particular para a construção do velódromo, com a ideia de inaugurá-lo no dia em que o *Velo Club* completasse um ano de vida.

Estamos informados que a digna *directoria daquelle Club* de diversões, obteve do estimado cidadão tenente-coronel Joaquim de Almeida Camargo um excelente terreno para a sua pista, tendo *contractado* com *aquelle* senhor a *construcção* da mesma. A 20 de outubro próximo, 1º *anniversário* do *Club*, teremos na nova pista magníficas corridas de *byciclistas*. Nossos parabéns aos ousados *cyclistas*.

A obra teve um pequeno atraso e a inauguração da pista ocorreu em 24 de novembro de 1901. As competições disputadas neste dia tiveram a participação de ciclistas de outras

⁹¹ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916*. São Paulo: SESI-SP, 2015, p. 73.

⁹² *O Alpha*, 23 set. 1901, p. 1. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo VII.

cidades, um sinal de que este modismo chegou a despertar uma relativa empolgação, conforme publicado pelo jornal *O Alpha*.⁹³

Com bastante concorrência de amadores, da cidade e de fora, foi *hontem*, às quatro horas e meia da tarde, inaugurado o *Velo Club*. Havendo pequenas alterações no *programma*, as corridas foram abertas pelo 2º páreo, ganhando “Aeronave” em 1º lugar e “Altamira” em 2º lugar. No 3º páreo, “Jupira” em 1º e “Tupy” em 2º lugar. No 4º páreo, “Guarany” em 1º e “Dumont” em 2º. No 5º páreo, correu “Planeta” em lugar de “Guarany”, ganhando “Colibri”. No 6º páreo, “Temerário” em 1º e “Tupy” em 2º lugar.

As competições fomentadas pelo *Velo Club Rio-Clarense* encerraram-se em 1904.⁹⁴ Seis anos mais tarde, os italianos Miguel Ângelo Brandoleze (autor de peças teatrais), Amadeu Rocco (importador e negociante de joias) e Miguel Ferrari (dono de açougue), em parceria com o português Venâncio Baptista Chaves (representante de uma agência de seguros), decidiram “reerguer” o ciclismo local. No dia 28 de agosto de 1910, na residência de Miguel Brandoleze, fundou-se um novo clube ciclístico, porém de nome idêntico ao anterior (figura 3). Sua pista foi construída em um terreno doado pela prefeitura, possuindo 240 metros de extensão.⁹⁵ Entre os *velocemen* de maior destaque figuravam alguns rapazes de origem italiana, como Cezarino Giorgi, Antonio Baccari, Humberto Linardi, Antonio Giovannini, entre outros.⁹⁶ O *Velo Club* não era apenas um espaço de sociabilidade circunscrito aos seus integrantes. As corridas promovidas viabilizavam relações mais amplas, isto é, a interação de seus ciclistas com atletas provenientes de diferentes cidades, principalmente São Paulo, Santos, Campinas e São Carlos. As competições passaram a ser valorizadas como “formas de libertação do corpo e como meios pelos quais a sociedade podia identificar-se como moderna”.⁹⁷ A presença de expectadores no velódromo era outra novidade. A sociabilização agora se dava em um local aberto, visível, mais uma mudança instituída durante o advento das ferrovias. A vida social, outrora restrita às fazendas e celebrações religiosas, era “substituída pela busca

⁹³ *O Alpha*, 25 nov. 1901, p. 1. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo VIII.

⁹⁴ PENTEADO, Oscar de Arruda. *Rio Claro: apontamentos para sua história*. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1976, p. 177.

⁹⁵ Inauguração em 18 de dezembro de 1910. Disponível em: <http://www.veloclube.com.br/clube/historia/>

⁹⁶ FERRAZ, José Romeu. *História do Rio Claro: a sua vida, os seus costumes e os seus homens (1821 - 1827 - 1922)*. São Paulo: Typographia Hennies Irmãos, 1922, p. 91.

⁹⁷ RAGO, Margareth. (2004). *Op. cit.*, p. 392.

cada vez mais constante das ruas e praças, dos passeios e encontros na esfera pública, da vida em sociedade que se constituía referenciada pelos padrões do mundo dito civilizado”.⁹⁸

Figura 3 - Inauguração do velódromo em Rio Claro-SP, 18 de dezembro de 1910
Fonte: Acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro

Mas não se pode negar que o interesse pelas corridas de velocípedes foi breve. Com a falta de apoio das indústrias e sem nenhuma entidade nacional ou regional para organizar a modalidade, os clubes ciclísticos foram desaparecendo.⁹⁹ O *Velo Club Rio-Clarense* finalizou suas atividades logo após comemorar seu segundo aniversário.^{100 101}

Percebe-se uma simbiose entre diversos elementos na constituição dos lugares de convivência coletiva em Rio Claro, inclusive naqueles voltados à prática esportiva. Os investimentos no setor cafeeiro, a expansão das lavouras, a modernização dos transportes, o trânsito crescente de pessoas, a estruturação do urbano, o adensamento populacional com a chegada dos imigrantes e o compartilhamento de ideias possibilitaram o avanço de uma cultura europeia de sociabilização, que rapidamente foi incorporada à cultura paulista.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ GAMBETA, Wilson Roberto. (2015). *Op. cit.*, p. 72.

¹⁰⁰ FITTIPALDI, Fernando Cilento. *Os 75 anos do Velo Clube Rio-Clarense*. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1985, p. 4.

¹⁰¹ Em 1919, alguns ciclistas que competiam pelo Velo tentaram dar uma nova “sobrevida” ao clube, fomentando corridas de forma esporádica. Com a popularização do futebol, a associação aderiu à nova modalidade e a partir de 16 de maio de 1920 passou a ser denominada Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense.

A complexidade deste processo denota a relação dos transportes e do urbano com a gênese dos espaços de sociabilidade. Exatamente nesse contexto que também são formados espaços específicos de interação e convívio entre os operários da Companhia Paulista, fato que será tratado no item a seguir.

1.3 A “União dos Artistas” e o Grêmio: o tempo livre sob o olhar da Companhia Paulista

Neste item abordaremos as primeiras formas de sociabilização dos operários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e a relação mantida pelo setor administrativo da empresa com estes espaços. As opções de sociabilidade se multiplicam com a revolução dos transportes e a indústria moderna. De forma síncrona, o capitalismo industrial passa a exigir de sua mão-de-obra a ocupação do tempo livre,¹⁰² de preferência com atividades que promovessem o disciplinamento “moral” e físico dos operários, com o intuito de mantê-los distantes dos movimentos grevistas¹⁰³ e transformar seus corpos em “máquinas que nunca se enganam”.¹⁰⁴

Interessante pensar que os trilhos e a estação ferroviária não atraem somente estabelecimentos comerciais e industriais. Nas redondezas, surgem pequenas vilas construídas pelos próprios funcionários que trabalhavam nas oficinas da Paulista. Muitos eram provenientes da capital do Estado, de diferentes regiões do país ou até mesmo do exterior, consequentemente a cidade vai se tornando fonte e foco da criação cultural.

As casas de operários se agrupavam, as pessoas olhavam-se, encontravam outras, os costumes, as linguagens e os gestos se misturavam. O tempo, antes marcado pelo soar dos

¹⁰² Segundo Corbin (1995, p. 366), o direito ao tempo livre era reivindicado desde meados do século XIX. Após a ocorrência de conflitos e protestos envolvendo a classe trabalhadora, estabeleceram-se “a regulamentação e a diminuição progressiva dos tempos de trabalho”. Os capitalistas industriais, preocupados com a possibilidade de “perder produtividade econômica”, buscam reger o tempo livre dos subalternos.

¹⁰³ Pensando no contexto brasileiro, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, temos o surgimento das primeiras formas coletivas de organização da classe trabalhadora, influenciadas, sobretudo, pelos ideais comunistas e anarquistas da mão-de-obra imigrante. As classes dominantes passam a conviver com um cenário cada vez mais hostil. Em 1901, ocorre a primeira greve da Companhia Paulista, em Rio Claro; de 1905 a 1908, tem-se a constituição da Federação Operária de São Paulo; a realização do Primeiro Congresso Operário; a eclosão de duas grandes greves em Santos; a segunda greve dos ferroviários da Paulista, desta vez abarcando mais cidades; a paralisação dos sapateiros no Rio de Janeiro; e a greve generalizada de maio de 1907 em São Paulo.

¹⁰⁴ CORBIN, Alain. Os Ingleses e o lazer. In: _____. (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 21-24.

sinos das igrejas ou pela própria luz solar, era controlado agora pelo apito da locomotiva.¹⁰⁵ O "trem das seis", o "noturno", o "expresso das sete", o "cargueiro de tal hora" regiam os fazeres diários.¹⁰⁶ As cidades que tinham as igrejas como pontos de referência, "passaram a contar com a estação, sempre a capturar olhares em busca de informações sobre esse ou aquele trem, cumprindo com o seu horário ou atrasado, ou para uma consulta ao seu belo relógio, colocado em local visível".¹⁰⁷ A estação passa a desempenhar inúmeras funções "sociais" (figura 4). Além de ponto de parada para reabastecimento das máquinas e manutenção, era local de carregamento e descarregamento de mercadorias, embarque e desembarque de passageiros, "berço" da paquera, do flerte, do namoro entre rapazes e moças. Também reunia as pessoas que tinham como divertimento favorito "aguardar o trem", não só pela curiosidade em ver quem desembarcava na cidade, mas porque os vagões traziam os jornais e revistas da capital.¹⁰⁸ Graças aos caminhos de ferro, chegavam da metrópole novos produtos, roupas e hábitos.

A lentidão foi abalada na década de 60 do século XIX quando, com surpreendente rapidez, a ferrovia saindo do porto de Santos galgou quase de supetão a íngreme Serra do Mar e inundou o planalto com seu tempo próprio, sua velocidade, sua nova espacialidade, a nova mentalidade que disseminava, a da pressa, a do chegar logo, a do não ter tempo, a de estar no mesmo dia em dois lugares, antes separados por dias de cavalgada. O moderno, que se arrastava ocultamente, se tornou visível, máquina a vapor, equipamento, alterações no espaço, outra linguagem, outro modo de ver e ver-se. Tornou-se de fato o que já era sem poder ser: o tempo regulado pelo custo e pelo lucro. O homem deixava de ser o condutor da tropa para ser conduzido como tropa.¹⁰⁹

¹⁰⁵ TEIXEIRA-PETRATTI, Palmira. (2010). *Op. cit.*, p. 236.

¹⁰⁶ CAMPOS, Helena Guimarães. *Caminhos da história: estradas reais e ferrovias*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012, p. 117.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ MATOS, Odilon Nogueira de. (1974). *Op. cit.*, p. 121.

¹⁰⁹ TEIXEIRA-PETRATTI, Palmira. (2010). *Op. cit.*, p. 237.

Figura 4 - Movimento defronte à estação ferroviária da Companhia Paulista em Rio Claro-SP no início do século XX

Fonte: Acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro

O sincretismo cultural era uma novidade tão impactante quanto as máquinas a vapor que propiciavam esses encontros.¹¹⁰ Mas esse processo não é totalmente “uniforme”, há indivíduos que buscam criar espaços específicos para preservar seus valores. As vilas, os bairros, os espaços de sociabilidade surgem dessas necessidades de interação entre os “iguais”, uma vez que a cidade se torna cada vez mais complexa com a crescente chegada de pessoas e a emergência de novas formas de pensar. É nesta convivência entre indivíduos com modos de vida em comum que se estruturam os laços de identidade, ou seja, estabelecem-se espaços de resistência visando proteger os costumes e tradições do cotidiano, mesmo que estes se encontrem envoltos pelas ameaças de desencaixes¹¹¹ provenientes da tecnologia e urbanização.

Os espaços de sociabilização restritos ao operariado funcionavam como uma espécie de ponto de convergência, em torno do qual se unificavam os interesses dos trabalhadores. Frequentar bailes e festas populares animados pelo som das bandas operárias, os bares e as casas de jogos e apostas, participar de refeições coletivas e reunir-se nas calçadas para “jogar conversa fora” estavam entre os principais costumes dos subalternos. As diferentes práticas de vida e lazer não apenas davam forma, conteúdo e amálgama ao operariado, como produziam o

¹¹⁰ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 68.

¹¹¹ Para Giddens (1991, p. 24), o desencaixe seria o “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”. Nas sociedades tradicionais ou pré-modernas, as relações sociais seriam “encaixadas” no tempo e espaço. Com o processo de modernização, as identidades dos indivíduos e comunidades tradicionais, outrora fixas no tempo e espaço, foram “desencaixadas”.

locus da constituição da identidade de seus integrantes. Eram a expressão simbólica e a materialização de um sentido concreto de comunidade, resultado das experiências sociais compartilhadas.¹¹²

Por todo o Brasil, desde o final do século XIX, os trabalhadores se reuniram por fábrica, por bairro, por categoria profissional, por nacionalidade e, mais tarde, por sindicato, para fazer música, dançar, comemorar datas significativas, etc.¹¹³

Mas a conduta da classe trabalhadora também gerou reações adversas. Os meios operários foram se tornando objeto de profunda preocupação da burguesia industrial, que os enxergava como ambientes potencialmente perigosos para a moral e disciplina do trabalho, focos passíveis de agitação e revolta social. Com o desenvolvimento das formas de produção capitalistas, ampliou-se o preconceito em relação aos tradicionais hábitos da camada subalterna. Esta última teria uma “predileção pelos lazeres mais nocivos e mais degradantes porque é de uma espécie inferior, menos que humana, e sempre pervertida”.¹¹⁴ Era preciso “moralizá-la”, tornar os trabalhadores mais resistentes e submetê-los às exigências do novo sistema fabril.¹¹⁵

A partir do momento em que os tempos de lazer das massas se estendem e se impõem como um dado irreversível da vida social, a ideia mestra é que é preciso fazer um esforço para que os operários os aproveitem para se elevarem e se educarem.¹¹⁶

No Estado de São Paulo, alguns estabelecimentos industriais chegaram a edificar junto às vilas operárias, “todo um aparato destinado à recreação daqueles que era necessário reter e controlar na produção”.¹¹⁷ Desenvolveram-se uma série de iniciativas para “disciplinar” o

¹¹² PAOLI, Maria Celia; DUARTE, Adriano. São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula. (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 93.

¹¹³ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil, 1880 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991, p. 66.

¹¹⁴ CORBIN, Alain. Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930). In: _____. (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 369.

¹¹⁵ CORBIN, Alain. Os Ingleses e o lazer. In: _____. (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 24.

¹¹⁶ CORBIN, Alain. Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930). In: _____. (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 369.

¹¹⁷ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 89.

lazer dos operários, desde o patrocínio ao futebol de fábrica e outras modalidades esportivas, até a concessão de subsídios para atividades culturais diversas. Era uma forma de controle sofisticada, mais leve, flexível, com a finalidade de ajustar os corpos, gestos e ritmos da classe trabalhadora. Nas palavras de Rago:¹¹⁸

A burguesia industrial interfere desde cedo nos rumos da formação da classe operária (...), incentiva a assimilação de práticas moralizadas e tenta adestrar os dominados para extrair o maior rendimento possível, acompanhando-os também nos momentos de não-trabalho.

Segundo os relatos de Moratelli,¹¹⁹ em meados de 1896, em uma casa próxima aos trilhos da Companhia Paulista, alguns indivíduos tinham o costume de se reunir para tocar instrumentos e “fazer música”. Tal prática resultou na formação de uma sociedade musical - a Sociedade Musical União dos Artistas -, cujo grupo era composto por alguns operários da empresa ferroviária (figura 5). O Jardim Público, situado no entorno da estação da Paulista, foi escolhido pelos membros da sociedade como ponto de concentração. Os ensaios e as apresentações a “céu aberto” tornavam-se mais constantes, expressavam os princípios da organização do operariado, um sinal evidente de que as ruas da cidade estavam se transformando em um palco de ações múltiplas dos sujeitos.

¹¹⁸ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 35.

¹¹⁹ MORATELLI, Jovelina. *Sociedade Musical “União dos Artistas Ferroviários”*: edição comemorativa 1896-1996 - centenário. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1996, p. 13.

Figura 5 - Primeiros integrantes da Sociedade Musical União dos Artistas
Fonte: Moratelli (1996)

Contudo, a sociabilização operária não escapou ilesa das medidas reguladoras. No início do século XX, a administração da Companhia Paulista estabeleceu as primeiras intervenções sobre estes espaços de convivência coletiva, dando sinais de que o disciplinamento de sua mão-de-obra se estenderia para além dos muros da empresa. As iniciativas e associações que expressavam os interesses da classe operária foram absorvidas pela cúpula diretora, apropriadas e devolvidas reformisticamente sob a forma de “benefícios”, isto é, o controle e a administração das mesmas foram retirados das mãos dos proletários “ignorantes” e repassados para a responsabilidade de seus superiores hierárquicos, em geral funcionários de confiança da companhia. Para os capitalistas, era de suma importância que todo um conjunto de encarregados do exercício da vigilância, como os mestres, contramestres, inspetores e fiscais estivessem integrados nestes círculos operários, pois isso possibilitaria a imposição de comportamentos padronizados, visando impedir a emergência da ação espontânea daqueles que eram considerados bárbaros, rudes e incivilizados.¹²⁰

A alteração do nome da sociedade musical para Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista, a nomeação do britânico Adão Gray - chefe local das oficinas - para presidir a entidade e a consequente ampliação da oferta de atividades para os ferroviários frequentarem durante o tempo livre, ilustram bem a modalidade de disciplinarização mencionada

¹²⁰ RAGO, Margareth. (1985). *Op. cit.*, p. 22.

acima. A figura 6 dá uma ideia da gerência patronal estabelecida sobre o grupo musical que havia sido idealizado inicialmente pelos subalternos. Enquanto os operários-músicos estão em pé, portando seus instrumentos, encontram-se sentados, na primeira fileira, os também britânicos William Holdship - importante engenheiro da empresa ferroviária - e James Fernie - sub-chefe das oficinas e posteriormente superintendente.

Figura 6 - Grupo musical de operários mantido pela Companhia Paulista. Sentados, na primeira fileira, William Holdship (o segundo da esquerda para a direita) e James Fernie (o quarto da esquerda para a direita)
Fonte: Acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro

Amparado pela direção da Paulista, Adão Gray teve “carta branca” para coordenar todo o processo de implantação da infraestrutura do Grêmio, cuja sede foi instalada em 1910 em um terreno situado no bairro Santa Cruz, mais precisamente na Rua 9 (fotografia 1). A administração geral da companhia manteve a propriedade em nome do próprio clube e ainda fornecia subsídios para o desenvolvimento de suas atividades. Em contrapartida, exigiu uma cláusula no estatuto da associação: em hipótese alguma o patrimônio do Grêmio poderia ser vendido sem a prévia autorização dos dirigentes da empresa ferroviária.¹²¹

Salões de dança, campo de futebol, banda de música, aparelhos de ginástica, entre outros, compunham os equipamentos coletivos a disposição da classe trabalhadora. O estabelecimento da agremiação refletia uma estratégia de enquadramento do proletariado ao modelo disciplinar imaginado pela burguesia. O controle das horas livres do trabalhador pelos domi-

¹²¹ Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista - 4 jun. 1916 a 3 set. 1935, p. 61. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo IX.

nantes era uma forma de tentar impedir que cada um dispusesse livremente de seu próprio tempo,

interrompendo os fluxos que podem levar a encontros indesejáveis, a conversas não controladas, a agrupamentos espontâneos, a... quem sabe! articulações conspiratórias, nessa paranoia do medo da aglomeração dos dominados que assusta os patrões.¹²²

Fotografia 1 - Atual fachada do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em Rio Claro-SP
Fonte: Elaborada pelo autor

Assim, os ferroviários passaram a ser pressionados para se tornarem sócios do clube. O sonho patronal de moldar uma mão-de-obra obediente e cumpridora de seus deveres estendera-se às relações cotidianas da vida dos operários, aos seus momentos fora da esfera do trabalho, delimitando espaços cercados, fechados e supostamente adequados para estes frequentarem, de modo que estivessem “protegidos” dos riscos da contaminação moral das ruas agitadas e dos bares. Lá, podiam participar de bailes orquestrados, festas, jogar bilhar, sinuca, praticar modalidades esportivas e realizar cursos técnicos que eram ministrados por engenheiros da Paulista, cuja finalidade era o aumento da produtividade no cotidiano das oficinas, conforme demonstra o anúncio publicado no *Almanach do Rio Claro*,¹²³ em 1906:

¹²² RAGO, Margareth. (1985). *Op. cit.*, p. 185.

¹²³ KRETTLIS, Conrado. *Almanach do Rio Claro*. Rio Claro: Typographia Conrado, 1906, p. 130.

Nas horas de descanso e, para mostrar que o tempo é dinheiro, abriu a sociedade uma aula noturna, de Desenho, que é proficientemente dirigida pelo engenheiro da companhia Doutor Gabriel Penteado, cujo aproveitamento dos alunos já o está tornando saliente.

As datas festivas também eram vistas pela Paulista como um “prato cheio” para a construção de uma autoimagem paternalista. Nas comemorações referentes ao aniversário do Grêmio, era comum a promoção de grandes piqueniques em cidades vizinhas, ficando a diretoria do clube responsável pela organização e distribuição dos comes e bebes, e sorteios de brindes e prêmios. Logo pela manhã, os ferroviários e seus familiares eram transportados em um trem especial cedido gratuitamente pela administração da companhia, regressando a Rio Claro somente no final da tarde.¹²⁴

Importante ressaltar que, embora a própria denominação do clube evidencie a categoria dos ferroviários, constatamos por meio de consultas realizadas junto às suas atas, que o mesmo também permitia o acesso de indivíduos que não trabalhavam necessariamente na Companhia Paulista.¹²⁵ Neste caso, porém, as condições de associação eram distintas se comparadas com as dos funcionários da empresa. Estes últimos podiam associar-se em quantidade ilimitada, estavam isentos do pagamento de joia e os valores de suas mensalidades eram mais acessíveis, facilitando a adesão da grande massa de subalternos e viabilizando os objetivos da companhia ferroviária de transmitir a ideia de aquele espaço de sociabilidade se destinava prioritariamente aos seus operários. Era uma estratégia velada de controle, cuja intenção era criar nos trabalhadores um sentimento de orgulho em relação à empresa, uma harmonia entre ambos. Esperava-se difundir a sensação de que trabalhadores e patrões pertenciam a uma mesma “comunidade”, lutando por interesses comuns.¹²⁶

¹²⁴ *Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista - 3 dez. 1913 a 21 dez. 1916*, p. 22. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo X.

¹²⁵ Havia cinco categorias de associados: ativos, contribuintes, alunos, honorários e beneméritos. Como mencionado, o sócio ativo estava livre da joia, pagando apenas o valor três mil réis de mensalidade. O contribuinte pagava uma joia de cinco mil réis e mensalidades de quatro mil. Os alunos eram aqueles que trabalhavam na empresa ferroviária como aprendizes, estavam isentos da joia e pagavam uma mensalidade no valor de dois mil réis. O funcionário da Paulista que prestasse relevantes serviços para o bom funcionamento e crescimento do Grêmio, podia receber o título de sócio honorário, ficando desobrigado de pagar as mensalidades. A isenção destas também poderia ser aplicada ao funcionário da companhia que realizasse importantes doações para melhorias no clube, neste caso sendo chamado de sócio benemérito. Em geral, as categorias de honorários e beneméritos - sobretudo esta última - estavam restritas aos funcionários do alto escalão da empresa ferroviária, os quais eram designados para ocuparem os principais cargos na diretoria do Grêmio. Cf. maiores informações em “Elementos iconográficos” - Anexo XI.

¹²⁶ RAGO, Margareth. (1985). *Op. cit.*, p. 34.

Mas por trás destas regalias concedidas aos ferroviários, funcionava um clube pautado em um modelo de organização e administração bastante excludente. Os candidatos interessados em ocupar algum cargo na diretoria estavam sujeitos, primeiramente, a uma espécie de “pente fino” dos dirigentes da Paulista. Após seus nomes serem estritamente avaliados, autorizava-se a abertura da votação para a escolha dos diretores, sendo o resultado final comunicado à alta cúpula da companhia.¹²⁷ Os operários do “chão de fábrica”, excluídos de qualquer possibilidade de candidatura, ficavam incumbidos de prestar assistência na conservação do espaço, sendo que as despesas com manutenção e pequenas reformas nas instalações eram pagas com as mensalidades dos associados.

Em caso de reformas mais complexas ou ampliação da infraestrutura, a diretoria do Grêmio também recorria ao auxílio direto do quadro administrativo da empresa. Foi o que aconteceu, por exemplo, na década de 1920, quando o presidente Adão Gray apresentou aos demais sócios a proposta de construção de um novo salão nas dependências do clube, com o intuito de que o mesmo abrigasse bailes, teatro, cinema, patinação, entre outras atividades. O chefe local das oficinas encaminhou um ofício aos seus superiores, solicitando subsídios para o referido projeto. Os engenheiros Jayme Cintra e Francisco Paes Leme de Monlevade, chefe de locomoção e inspetor geral da companhia, respectivamente, aprovaram a execução da obra, orçada em pouco mais de cinquenta contos de réis. Para homenageá-los, a diretoria do Grêmio decidiu convidá-los para a inauguração do salão e ainda fixar os retratos de ambos na sede social, uma forma evidente de demonstrar aos ferroviários a generosidade dos patrões.¹²⁸

É nítido o influxo da Companhia Paulista no tempo livre dos operários. Na visão da cúpula administrativa, ao conceder certas “benevolências” para os subalternos, estes não teriam motivos para se mobilizar contra a empresa. Os operários se sentiriam privilegiados, trabalhariam de forma cada vez mais intensa, não reclamando do emprego, e a Companhia Paulista alcançaria os lucros desejados. Nas palavras de Rago, constituiu-se uma ampla empresa de moralização, sendo seu eixo principal “a formação de uma nova figura do trabalhador, dócil, submisso, mas economicamente produtivo”.¹²⁹

¹²⁷ *Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista* - 3 set. 1930 a 23 nov. 1932, p. 3. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XII.

¹²⁸ *Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista* - 4 jun. 1916 a 3 set. 1935, p. 47-48. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XIII.

¹²⁹ RAGO, Margareth. (1985). *Op. cit.*, p. 12.

No próximo capítulo, seguiremos discutindo a influência dos trilhos e da urbanização na formação dos espaços de sociabilidade. Ao transportar novos valores, as linhas férreas fomentam novos meios de sociabilização, entre eles o esporte. Foi através delas que o futebol chegou a Rio Claro e se consolidou como mais um espaço de convivência para os operários das oficinas ferroviárias.

2. TROCANDO PASSES: A INCORPORAÇÃO DO FUTEBOL EM RIO CLARO NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

2.1 O futebol viaja pelos trilhos: da capital ao interior paulista, 1888-1909

A importância política e econômica de cada município começa a ser evidenciada no momento em que os trilhos atravessam seu território. As estradas de ferro retalhavam o território paulista com o propósito de aprimorar o escoamento das sacas de café para o porto de Santos. A construção da *São Paulo Railway*, interligando Santos a São Paulo e Jundiaí, marca o início da conexão ferroviária do interior paulista com o “porto do café”, ligação esta que continua até meados dos anos 40, seguindo em várias direções.

Podemos extrair desse cenário, dois aspectos fundamentais para entendermos algumas questões que balizam esta pesquisa. Primeiro que a industrialização da cidade de São Paulo e o desenvolvimento do interior do Estado caminham concomitantes à construção de ferrovias para o escoamento dos produtos agrícolas. Em segundo lugar, graças à expansão das vias férreas, imigrantes de diferentes nacionalidades - sobretudo britânicos e alemães -, e filhos de brasileiros que retornavam da Europa, puderam imprimir a cultura do futebol na metrópole, que rapidamente se alastrou por todo território paulista.

Não é demais lembrar que o esporte começou a ser praticado nas escolas privadas e universidades britânicas mais renomadas.¹³⁰ Os rapazes de famílias abastadas foram os primeiros a manter contato com diversas modalidades, que com o passar dos anos transformaram o esporte em valor cultural. Após finalizar os estudos, alguns destes jovens tornaram-se agentes de difusão da atividade esportiva pelo mundo, deixando parte deste valor cultural em todos os lugares em que se radicavam de forma parcial ou permanente.¹³¹

A Inglaterra era a maior potência econômica no século XIX, exportando produtos e aparatos tecnológicos para a Europa Continental, América e Ásia. Junto com a mão-de-obra especializada e os investimentos aplicados em ferrovias e indústrias, o imperialismo britânico

¹³⁰ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 279-298. Exatamente nesses espaços destinados à educação dos filhos da elite, que as competições individuais e os jogos entre equipes foram submetidos a um conjunto de regras, transformando-se, então, em *sport*.

¹³¹ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 104.

levou para o Brasil e outras regiões do mundo seus ideais e costumes, entre eles a prática do futebol.

Exatamente nessas empresas inglesas que o patrono do futebol brasileiro, Charles Miller,¹³² inseriu a modalidade como passatempo. No mesmo ano em que retornou ao Brasil, Miller tratou de organizar os primeiros jogos junto aos funcionários de algumas instituições vinculadas ao capital britânico instaladas em São Paulo. Foi o pontapé inicial para institucionalizar o futebol. Aos poucos, novas associações e novos praticantes foram surgindo na capital, para depois, com a extensão da malha ferroviária, a prática se propagar pelo interior.

Construídas para solucionar o déficit dos meios de comunicação e atender as demandas da economia cafeeira, as estradas de ferro foram muito mais do que simples transportadoras de mercadorias. Elas “rasgaram” o interior, levando a esperança de desenvolvimento para as mais diversas comunidades (figura 7). Pelas palavras de Vasconcellos,¹³³ podemos imaginar a ansiedade e a expectativa daqueles que aguardavam a chegada dos trilhos:

Linha de ferro não é linha da *Light*, que se constrói onde há ruas, casas e... passageiros que paguem à dita cuja *Light*. Linha de ferro, no Brasil, é condição precíua para a entrada de civilização no riquíssimo e vasto território sertanejo, habitado por esparsos núcleos de população inculta, mas que ansiosa e acolhedoramente esperam ouvir o silvo da locomotiva, sinal certo e infalível da aproximação do progresso.

¹³² Descendente de escoceses por parte de pai e de ingleses pelo lado materno, Miller seguiu para a Inglaterra para aprimorar seus estudos. Foi lá onde manteve os primeiros contatos com o futebol. Atuou na equipe do *Banister Court School* e, mais tarde, fez parte do elenco do *Southampton Football Club*. Em 1894 regressou a São Paulo, trazendo duas bolas de futebol e um livro de regras referente à modalidade inglesa. Inicialmente, trabalhou por quatro anos como almoxarife na *São Paulo Railway Company*, empresa em que seu pai trabalhou como técnico ferroviário. Depois, foi bancário e agente de viagens e transportes marítimos na *Royal Mail Lines*.

¹³³ Vasconcellos, Max. *Vias brasileiras de comunicação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928, p. 10, apud CAMPOS, Helena Guimarães. (2012). *Op. cit.*, p. 107.

Figura 7 - Passageiros, populares e ferroviários aglomeram-se na estação da Companhia Paulista em Rio Claro-SP para acompanhar a chegada do primeiro trem à cidade, em 11 de agosto de 1876

Fonte: Acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro

As ferrovias serviram como meios pelos quais a urbanização e novas ideias chegaram até as cidades interioranas.¹³⁴ O “vai e vem” de passageiros propiciou o “choque” entre os valores modernos da capital e o atraso do interior. Este encontro entre pessoas de diferentes regiões possibilitou o fluxo de ideologias políticas, econômicas e sociais, bem como a disseminação da cultura esportiva.

Todos os que habitam ao longo e na vizinhança dos caminhos, ficam sob a influência direta dos focos de irradiação de cultura, e tendem a transformar-se sob a pressão, mais ou menos intensa, dos elementos de cultura, material e espiritual que o comércio, as migrações e as viagens põem com frequência ou constantemente em circulação.¹³⁵

A tabela 8 resume um pouco o elo entre ferrovias e futebol. Nela estão retratadas as cidades e vias férreas mais relevantes do Estado de São Paulo. Podemos perceber que os clubes de futebol surgem depois que as linhas estão instaladas, ou seja, é possível imaginar a influência da urbanização e industrialização na prática e disseminação de uma modalidade específica que trafejou pelas principais ferrovias paulistas.

¹³⁴ Ibidem, p. 86.

¹³⁵ AZEVEDO, Fernando de. *Um trem corre para o oeste: estudo sobre o Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional*. São Paulo: Martins, 1950, p. 15.

Tabela 8 - Relação estradas de ferro e clubes de futebol

Cidade	Companhia de Estrada de Ferro	Inauguração	Clube de futebol	Ano de criação do clube
Santos	São Paulo Railway	1867	Sport Club Americano	1903
			Santos Foot-Ball Club	1912
			Associação Atlética Americana	1914
Jundiaí	São Paulo Railway	1867	Jundiahy Foot Ball Club	1903
			Paulista Futebol Clube	1909
São Paulo	São Paulo Railway	1867	São Paulo Athletic Club	1888
			A. A. Mackenzie College	1898
			Clube Atlético Paulistano	1900
			Associação Atlética das Palmeiras	1902
Jundiaí	Companhia Paulista de Estradas de Ferro	1872	Paulista Futebol Clube	1909
Campinas	Companhia Paulista de Estradas de Ferro	1872	Associação Atlética Ponte Preta	1900
Rio Claro	Companhia Paulista de Estradas de Ferro	1876	Rio Claro Foot-Ball Club	1909
Descalvado	Companhia Paulista de Estradas de Ferro	1881	Equipe Descalvadense de Futebol	1912 (?)
			Esporte Clube América de Descalvado	1944
São Carlos	Companhia Estrada de Ferro Rio Claro	1884	Expresso São Carlos Futebol Clube	1953
			Clube Atlético Paulistinha	1958
Araraquara	Companhia Estrada de Ferro Rio Claro	1885	Associação Ferroviária de Esportes	1950
Jundiaí	Companhia Ituana de Estradas de Ferro	1873	Paulista Futebol Clube	1909
Itu	Companhia Ituana de Estradas de Ferro	1873	Ituano Futebol Clube	1947
Sorocaba	Estrada de Ferro Sorocabana	1875	Sport Club São Bento	1914
			Estrada de Ferro Sorocabana Futebol Clube	1930
Piracicaba	Companhia Ituana de Estradas de Ferro	1877	Sport Club XV de Novembro - XV de Piracicaba	1913
			Associação Atlética Sucrierie - Clube Atlético Piracicabano	1914
Botucatu	Estrada de Ferro Sorocabana	1889	Associação Atlética Ferroviária de Botucatu	1939
Itapetininga	Estrada de Ferro Sorocabana	1895	Clube Atlético Sorocabana de Itapetininga	1945
Bauru	Estrada de Ferro Sorocabana	1905	Esporte Clube Noroeste	1910
Cândido Mota	Estrada de Ferro Sorocabana	1914	União Atlética Ferroviária	1949
Assis	Estrada de Ferro Sorocabana	1914	Associação Atlética Ferroviária de Assis	1927
Santo Anastácio	Estrada de Ferro Sorocabana	1920	União Ferroviária Anastaci-ana	1952

Mairinque	Estrada de Ferro Sorocabana	1937	Clube Atlético Sorocabana de Mairinque	1940
Campinas	Companhia Mogiana de Estradas de Ferro	1875	Esporte Clube Mogiana	1933
Mogi Mirim	Companhia Mogiana de Estradas de Ferro	1875	Mogi Mirim Sport Club	1932
Ribeirão Preto	Companhia Mogiana de Estradas de Ferro	1883	Botafogo Futebol Clube	1919
			Comercial Futebol Clube	1911
Franca	Companhia Mogiana de Estradas de Ferro	1887	Associação Atlética Franca	1912
Atibaia	Estrada de Ferro Bragantina	1884	Associação Atlética Catebê	1934
Bragança Paulista	Estrada de Ferro Bragantina	1884	Clube Atlético Bragantino	1928
Araraquara	Estrada de Ferro Araraquara	1885	Associação Ferroviária de Esportes	1950
São José do Rio Preto	Estrada de Ferro Araraquara	1912	Rio Preto Esporte Clube	1919
			Sport Club Noroeste	1910
			América Futebol Clube	1946
Bauru	Estrada de Ferro Noroeste do Brasil	1906	Esporte Clube Noroeste	1910
Araçatuba	Estrada de Ferro Noroeste do Brasil	1908	Clube Atlético Ferroviário de Araçatuba	1963

Fonte: Bettine (2013)

Apresentamos o esporte como um fenômeno incorporado pelos moradores e trabalhadores da cidade, e não por camponeses. Ao transitar pela malha ferroviária do Estado, a cultura do futebol acompanhou a pujança dos principais polos econômicos, seguindo o eixo São Paulo, Santos, Campinas e se difundindo pelas demais cidades do interior. Acreditamos que o mais importante não é decretar a data de realização da primeira partida, tampouco que os “mitos fundadores” foram, indiscutivelmente, os primeiros a trazerem as bolas e os materiais. Em uma pesquisa histórica, consideramos que é mais interessante conhecer os delineamentos do que reduzir tudo a um único nome, um fim. Temos a percepção de que jovens de origem britânica, sobretudo inglesa, de pais radicados no Brasil, entraram em contato com o futebol sistematizado e burocratizado no velho continente, e quando retornaram ao nosso país para trabalhar nas empresas britânicas aqui instaladas, trouxeram na “bagagem” a novidade. Nesse sentido, pretendemos demonstrar ao longo do texto que a prática do futebol e a criação de clubes a partir da iniciativa de sujeitos que possuíam vínculos com as empresas ferroviárias começaram a se tornar uma prática comum.

Como discutido anteriormente, as linhas férreas, as estações e oficinas ferroviárias impulsionaram as aglomerações urbanas em suas adjacências. Além de atrair o comércio, as

fábricas e as vilas operárias, estes arredores serviram de reduto para que as pessoas tivessem os primeiros contatos com atividades culturais e esportivas modernas, recém-trazidas pelos trens. Além dos clubes originados do interesse associativo dos funcionários das estradas de ferro, esse complexo cenário ainda propiciou outra via de formação de clubes de futebol. Graças à diligência de jovens rapazes, boa parte das vezes estudantes, algumas agremiações foram criadas nas cercanias dos trilhos que cortavam as cidades. Se os trens eram o símbolo do progresso e modernidade, os valores e hábitos transportados por eles não ficavam atrás. O estilo de vida urbano-industrial que emerge com o advento das ferrovias requer a busca pelo “moderno”, a valorização do lazer, o aprimoramento físico e a experiência de novas formas de socialização, ou seja, elementos que podiam ser adquiridos através do esporte.

Para Sevcenko,¹³⁶ o fenômeno de adesão à prática esportiva constitui um desdobramento do capitalismo industrial, período em que se desenvolveu um novo conceito do corpo individual e social como máquinas, autênticos dínamos geradores de energia. A obtenção de padrões saudáveis de vida torna-se uma exigência do capital. O corpo dos indivíduos - enquanto elemento integrante da unidade produtiva - seria uma máquina menor, porém indispensável para o funcionamento da engrenagem da indústria capitalista. Quanto mais aperfeiçoado, regulado e coordenado, mais efetivo seria o seu desempenho e mais concentrada sua energia potencial. É nesse contexto que o tradicional hábito de repousar nos fins de semana começa a ser visto como um despropósito ridículo, um “vício” que precisava ser combatido. A filosofia da moda é ser “jovem”, desportista, um adepto dos exercícios físicos. O resto é “decrepitude, impotência, passadismo e tem os dias contados”.

Na sequência, apresentaremos um panorama geral sobre o caminho percorrido pelo esporte no Estado de São Paulo, focalizando o futebol, partindo da capital até desembocar em Rio Claro.

Diversos autores apontam a cidade de São Paulo como verdadeiro “berço” do futebol brasileiro. O ambiente cosmopolita e industrial, aliado a um desejo de modernidade, teriam sido ingredientes essenciais para que a modalidade aí se desenvolvesse.¹³⁷ O capital cafeeiro havia transformado a metrópole, que agora comportava intensa atividade comercial e financeira. Cresceu o comércio, multiplicaram-se as indústrias e os bancos nacionais e estrangeiros.

¹³⁶ SEVCENKO, Nicolau. (2009). *Op. cit.*, p. 34.

¹³⁷ MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 68.

O capital britânico exprimia sua influência na “cidade do café” em três ramos principais: ferroviário, por meio da *The São Paulo Railway Company*; iluminação a gás, através da *The São Paulo Gas Company*; e bancário, com o *London Bank*.

Embora a quantidade de ingleses ali radicados não fosse tão expressiva,¹³⁸ estes se empenharam em criar opções de sociabilidade para valorizar a cultura e os costumes da terra natal. Em 1888, nasce o *São Paulo Athletic Club* (SPAC),¹³⁹ cujo objetivo era o cultivo das modalidades esportivas ao ar livre, sobretudo o *cricket*. Destinado a ser um espaço de manutenção da identidade britânica, o clube era frequentado, principalmente, por funcionários qualificados que trabalhavam nas empresas citadas acima.¹⁴⁰ Até então, não se falava sobre futebol. A situação só começaria a mudar em meados de 1894, quando Charles Miller filia-se ao SPAC e passa a ensinar o “bê-a-bá” da modalidade aos demais associados: chutar a bola, cobrar laterais, pênaltis, driblar, passes, marcação, *corners*, entre outros elementos do jogo.¹⁴¹

Em 1895, realizou-se a primeira partida oficial, disputada na Várzea do Carmo, às margens do rio Tamanduateí.¹⁴² A novidade estava lançada, seria questão de tempo para que a mesma se transformasse em modismo e adquirisse maiores impulsos.

Em 1898, o missionário e professor do *Mackenzie College*, Augustus Shaw, retornou dos Estados Unidos trazendo na bagagem o recém-inventado *basketball*, com o intuito de ensiná-lo a seus alunos e companheiros de religião. Contudo, ao perceber o crescente interesse dos jovens pelo futebol, o educador decidiu fundar a *Associação Atlética Mackenzie College*, adotando definitivamente a modalidade inglesa. A agremiação, subordinada à Igreja Presbiteriana e à Universidade de Nova Iorque, era integrada por jovens estudantes brasileiros ou filhos de imigrantes.

Em 19 de agosto de 1899 surgiu o *Sport Club Internacional* (SCI), um clube socialmente heterogêneo, cujo estatuto permitia a participação de indivíduos de diferentes naciona-

¹³⁸ Segundo dados do censo municipal de 1886, residiam em São Paulo, 255 imigrantes ingleses, o equivalente a 2,1% dos doze mil estrangeiros que também moravam na capital.

¹³⁹ Segundo Mills (1994, p. 8), os fundadores do SPAC foram: William Snape, William Fox Rule, Peter Miller, William Speers (superintendente da *São Paulo Railway Company*), Charles Walker e Percy Lupton.

¹⁴⁰ Norman Biddell e o engenheiro John Robotton são exemplos de trabalhadores especializados que frequentavam o SPAC. O primeiro foi contador da companhia de gás e o segundo trabalhava nos escritórios da mesma empresa.

¹⁴¹ Ibidem, p. 37-38.

¹⁴² O *The Gas Works Team* venceu o *The São Paulo Railway Team* pelo placar de 4 a 2.

lidades. Três alemães que estavam presentes na reunião de fundação do SCI - Hans Nobiling¹⁴³ e os irmãos Rudolph e Hermann Wahnschaffe - não concordaram com a proposta de identidade pluralista. No mês seguinte, os “opositores” instituíram o *Sport Club Germania* (SCG), associação voltada à comunidade teuto-brasileira presente na metrópole, composta, em geral, por indivíduos que trabalhavam em bancos ou no comércio.¹⁴⁴ Neste mesmo ano, são realizados os primeiros embates entre as agremiações paulistas, *São Paulo Athletic Club* x *Mackenzie*, na sede do clube inglês, e *Sport Club Internacional* x *Mackenzie*, na chácara da família Dulley.

O *Club Athletico Paulistano* (CAP) foi fundado em novembro de 1900, graças à iniciativa de filhos e parentes de indivíduos vinculados ao capital cafeeiro. O clube apresentava-se como a única associação composta por legítimos brasileiros, e só foi adotar a prática do futebol entre o final de 1901 e início de 1902.

O *São Paulo Athletic Club*, a *Associação Atlética Mackenzie College*, o *Sport Club Internacional*, o *Sport Club Germania* e o *Club Athletico Paulistano* prepararam o terreno para que o futebol se transformasse na principal atração esportiva de São Paulo. Outros clubes foram criados na primeira década do século XX, como a Associação Atlética das Palmeiras (1902) e o Clube Atlético Ypiranga (1906), este último oriundo de uma cisão ocorrida no Germania. Porém, foram os cinco pioneiros os únicos participantes da primeira edição do Campeonato Paulista da modalidade, disputado em 1902 e organizado pela Liga Paulista de Futebol (LPF).

A entidade tinha um caráter fortemente elitista, limitava a filiação de clubes cobrando altíssimas taxas, sob a justificativa de que as classes pobres não reuniam as qualidades morais e educacionais necessárias para compartilhar os “nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados”.¹⁴⁵ Envolto por este discurso moralizador, o futebol manteve-

¹⁴³ Antes de chegar ao Brasil, Hans Nobiling havia sido jogador do *Sport Club Germania*, de Hamburgo, primeiro clube alemão de futebol, fundado em 1887.

¹⁴⁴ Conforme aponta Gambeta (2015, p. 173), os irmãos Wahnschaffe, por exemplo, eram filhos de um comerciante alemão, dono de uma distribuidora de bebidas e materiais para a construção civil, com sedes em São Paulo e Santos. Hans Nobling, ao contrário de Rudolph e Hermann, era um imigrante com origens mais simplórias. Em Hamburgo, Nobiling era funcionário de uma casa exportadora no porto. Após emigrar para a capital paulista, trabalhou como balconista em uma farmácia e depois atuou como bancário. Outros integrantes exerciam ofícios ligados ao comércio exterior, tais como Tommy Ritscher, comissário de café no porto de Santos, e Hermann Friese, comerciante com escritório de representações.

¹⁴⁵ FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andra-de de. (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 122.

se sob o domínio dos clubes mais ricos por pelo menos quinze anos. Mas isto não impediu o surgimento paralelo dos chamados “clubes de várzea”, constituídos por integrantes dos setores populares, que jogavam em terrenos baldios com bolas desgastadas e sem equipamentos adequados.¹⁴⁶ Aos poucos, a curiosidade e o interesse das camadas mais baixas pela modalidade foram transpassando as barreiras existentes. O futebol alastrava-se pelos subúrbios, à medida que os pequenos comerciantes, operários e artesãos empenhavam-se no sentido de organizar suas equipes e clubes. Até mesmo as fábricas serviram de canal para a criação de agremiações pela iniciativa dos trabalhadores braçais. Neste caso, o vínculo do clube com a empresa dava abertura para a dissimulação do amadorismo, através da concessão de gratificações aos jogadores de origem operária, prática popularmente conhecida como “bicho”.¹⁴⁷ Os atletas que se destacavam recebiam privilégios, “dedicavam-se cada vez menos às atividades para as quais haviam sido contratados e cada vez mais ao clube de sua empresa”.¹⁴⁸ Enquanto os clubes de elite promoviam amistosos e campeonatos, cobrando elevados valores pelos ingressos e mensalidades de seus sócios, os clubes populares organizavam confrontos, torneios e patrocinavam atividades de lazer, adotando condições mais acessíveis.

O futebol desenvolveu um considerável potencial econômico, uma vez que o “amadorismo marrom”, praticado desde 1910, sustentava-se das bilheterias e dos ricos patronos dos clubes. O amadorismo foi diluído anos depois, com a transição política do governo. Em 1931, Getúlio Vargas inseriu o jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista. Estas questões a respeito da transição do amadorismo ao profissionalismo serão tratadas com maior profundidade no próximo capítulo.

Retornando a discussão do processo de difusão do futebol no Estado de São Paulo, a cidade de Santos, importante ponto de transações comerciais, já fazia parte da “rota esportiva” no final do oitocentismo. A sua proximidade com o mar estimulou, primeiramente, a formação dos clubes náuticos e de regatas: o Clube de Regatas Santista (1893); *Club Internacional de Regatas* (1898); *Club Náutico Saldanha da Gama* (1903); e *Club de Regatas São Vicente*

¹⁴⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 63.

¹⁴⁷ O futebol emerge na Inglaterra com um caráter estritamente amador, permeado pelos ideais aristocráticos do *fair play*, do cavalheirismo, da boa conduta, e por um posicionamento contrário à remuneração dos atletas, os chamados *sportsmen*. Quando a modalidade aporta no Brasil, os grupos dominantes que se envolvem com a sua prática e promoção, buscam incorporar boa parte destes valores. Neste contexto, o surgimento do ato de recompensar os jogadores a cada vitória conquistada estaria ferindo um comportamento dito ideal, prática que passou a ser denominada de “amadorismo marrom”.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 64.

(1905).¹⁴⁹ A ocupação das praias e do mar, bem como o surgimento destes modelos de clubes, são reflexos do novo estilo de vida que se assentou nas cidades. Utilizar camisetas de mangas curtas, “shorts” e as meias três-quartos, expor o rosto aos ventos e raios bronzeados do sol, e exibir a seminudez em trajes de banho eram sinais inquestionáveis da modernidade.¹⁵⁰

O futebol ganha destaque no cenário esportivo de Santos a partir de 1903, com a criação do *Sport Club Americano* (SCA). O clube foi fundado por antigos sócios da *Associação Atlética Mackenzie College*, que haviam se mudado para o litoral para trabalhar no porto. A agremiação era dirigida pelos irmãos René e Henrique Vanorden, cunhados de Augustus Shaw e empresários renomados no setor gráfico-editorial e em negócios de importação. Contando com elevado aporte financeiro, o *Sport Club Americano* foi convidado a participar do Campeonato Paulista em 1907, ano em que terminou na vice-liderança.

Os vagões de trem transportavam os “bandeirantes do futebol”. Estes tinham as chuteiras e as “pelotas”, e estimulavam o gosto pela modalidade no interior paulista. No raiar do século XX, foi a vez da cidade de Campinas, então servida pelos trilhos das companhias Paulista e Mogiana, sofrer os impactos do esporte. Em 1900 surgiu a Associação Atlética Ponte Preta, graças à iniciativa de alunos do Ginásio Estadual de Campinas (atual Colégio Culto à Ciência) e proletários do bairro da Ponte Preta.¹⁵¹ Santos Neto¹⁵² relata que o escocês Thomaz Scott, engenheiro e principal contramestre das oficinas da Paulista, trouxe as bolas de futebol de seu país e apresentou a modalidade para alguns trabalhadores que residiam no bairro da Ponte Preta, situado próximo à ferrovia. Enquanto isso, João Scott, primogênito de Thomaz, seguia os passos do pai e tentava introduzir a novidade no Ginásio Estadual de Campinas, estabelecimento onde estudava. Por intermédio dos Scott, os estudantes do tradicional colégio e os rapazes do bairro proletário começaram a se reunir para jogar bola na beira dos trilhos. A prática resultou na oficialização do clube de futebol, cujo nome era uma homenagem ao bairro que o abrigava. Em 1903, Thomaz Scott e seu filho engajaram-se em uma nova “bandeira”,

¹⁴⁹ BETTINE, Marco Antonio. (2013). *Op. cit.*, p. 109.

¹⁵⁰ SEVCENKO, Nicolau. (2009). *Op. cit.*, p. 49.

¹⁵¹ Santos Neto (2002, p. 69-70) afirma que a população do bairro da Ponte Preta era essencialmente proletária, sendo composta por ferroviários, trabalhadores fabris, pequenos comerciantes, pedreiros e marmoristas.

¹⁵² SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p.69-71.

desta vez em Jundiaí,¹⁵³ cidade que era cortada pelas estradas de ferro *São Paulo Railway*, Paulista e Ituana. Visando organizar um clube de futebol que reunisse os funcionários das oficinas da Paulista, ambos instituíram o *Jundiahy Foot Ball Club*, cujas atividades perduraram até meados de 1908. No ano seguinte, os ferroviários da mesma companhia criaram o Paulista Futebol Clube, incorporando a agremiação anterior.

Em Rio Claro, segundo relatos, os “bandeirantes” teriam sido jovens rapazes, que haviam tomado conhecimento do futebol durante viagens realizadas até São Paulo. Entre eles estava o estudante de farmácia Irineu Penteado, aluno da antiga *Escola de Pharmacia de São Paulo*. Influenciados pelo movimento de criação das primeiras sociedades desportivas da metrópole, estes indivíduos decidiram fundar na cidade o primeiro clube destinado à prática do futebol, o *Pery Football Club*, cujas atividades duraram de 1902 a 1905. Além dos estudantes, fizeram parte do *Pery*, funcionários das oficinas da Companhia Paulista, como Celso de Lima, e comerciantes locais, como Alfredo Jacob e Antonio Krettlis, proprietários de lojas de fazendas e armarinhos, e Amandio Cabral, dono de uma loja de ferragens e louças.¹⁵⁴

Surgiram outras agremiações depois do *Pery*, mas infelizmente muitas tiveram uma existência efêmera. O comerciante e descendente de alemães, Joaquim Arnold, também tentou organizar um clube de futebol na cidade, após adquirir experiência esportiva no *Sport Club Germania*, de São Paulo. Nascido em Rio Claro, Joaquim migrou para a capital no final do século XIX para estudar no Colégio Diocesano, situado na Avenida Tiradentes. Posteriormente, montou um armazém na Avenida Duque de Caxias, próximo à Praça Princesa Isabel. Na metrópole, o jovem comerciante buscou estreitar os laços com os demais teuto-brasileiros que ali viviam. Assim como a mocidade da época, ficou embebido dos novos repertórios apresentados pelo emergente estilo de vida urbano. A criação das sociedades desportivas e, principalmente, a popularização do futebol, seduziam o rapaz interiorano. Joaquim decidiu filiar-se ao Germania logo nos primeiros anos de vida da associação, e em 1904, disputou o Campeonato Paulista pelo “clube dos alemães” (figura 8).

¹⁵³ Segundo Santos Neto (2002, p. 71), Thomaz Scott chegou a Jundiaí em 1902, “acompanhando a transferência das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro”.

¹⁵⁴ FERRAZ, José Romeu. (1922). *Op. cit.*, p. 90.

Figura 8 - Equipe principal de futebol do Sport Club Germania, 1904. Sentado na primeira fileira, Joaquim Arnold (o segundo da direita para a esquerda), na época com 21 ou 22 anos de idade

Fonte: Acervo do Centro Pró-Memória Hans Nobiling

Pouco tempo depois, Joaquim Arnold regressou a Rio Claro para dar continuidade a sua vida de comerciante.¹⁵⁵ Imbuído dos valores modernos da metrópole, o jovem buscou fortalecer a prática do futebol na cidade. Conforme havia feito em São Paulo, aproximou-se de alguns descendentes de alemães que ali residiam, como Martinho Hunger (proprietário de uma fábrica de licores) e Augusto Knudsen (fotógrafo), e começou a promover as primeiras “pelejas”, que também contavam com a presença de operários da Paulista e integrantes da Sociedade Musical União dos Artistas, como Celso de Lima, Bento Estevam de Siqueira e Augusto Bull.¹⁵⁶ De acordo com nossos registros, o time organizado por Joaquim Arnold não chegou a ter um nome oficial, sendo conhecido apenas como “time dos músicos”.

Em 1906, surgiu o *Anhangás Foot-Ball Club* (figura 9), provavelmente uma agremiação bastante frequentada pelos trabalhadores da ferrovia, pois os “bate-bolas” aconteciam no entorno dos trilhos, em uma área descampada localizada no bairro Cidade Nova, reduto de muitos operários da Companhia Paulista. Percebemos um caráter pluralista no clube, pois

¹⁵⁵ Há rumores de que Joaquim Arnold talvez possa ter atuado também como professor temporário em colégios da cidade. No entanto, conforme apuramos, seu ofício principal estava de fato ligado à atividade comercial.

¹⁵⁶ Acervo da Inventariança da extinta Rede Ferroviária Federal S. A., 1927.

além dos ferroviários, como Bernardino Brandão (pintor das oficinas locais),¹⁵⁷ estavam presentes alguns imigrantes que exerciam outras atividades, como o italiano Miguel Ângelo Brandoleze e o português Venâncio Baptista Chaves.¹⁵⁸

Figura 9 - Jogadores do Anhangás Foot-Ball Club, 1906. Em pé: Bernardino Brandão (o segundo da esquerda para a direita), Miguel Ângelo Brandoleze (o oitavo da direita para a esquerda) e Venâncio Baptista Chaves (o primeiro da direita para a esquerda)

Fonte: Acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro

Com exceção do *Pery*, não encontramos registros que apontem o ano em que as demais agremiações mencionadas deixaram de existir. No entanto, isto não nos impede de imaginar que suas atividades tenham durado pouco tempo, visto que a partir de 1909, os jornais começaram a ceder um considerável espaço às notícias referentes ao novo clube que surgia na cidade, o *Rio Claro Foot-Ball Club*, fruto das relações entre o comerciante Joaquim Arnold e os operários da Paulista.

É interessante notar a propagação do futebol e sua consequente penetração no Estado de São Paulo. De prática contornada por traços elitistas, a modalidade se transformou em um elemento abrangente e popular durante o século XX, tornando-se comum a sua incorporação no cotidiano dos trabalhadores das estradas de ferro. A questão fundamental foi destacar a importância das ferrovias e da urbanização para a prática e disseminação da cultura futebolística. Na sequência, discutiremos mais um pouco acerca da relação futebol e operários, do potencial das sociedades desportivas em propiciar a interação entre os trabalhadores urbanos, dando um enfoque para a fundação do Rio Claro Futebol Clube.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Como já mencionado, Miguel Ângelo Brandoleze e Venâncio Baptista Chaves também estiveram envolvidos com o ciclismo. Ambos participaram da fundação da “segunda” versão do *Velo Club Rio-Clarense*, em 1910. Cf. p. 45.

2.2 Futebol e associativismo: a fundação do Rio Claro Futebol Clube

No item anterior buscamos relacionar o futebol com os meios de transporte e a urbanização. No entanto, isto não significa dizer que consideramos as ferrovias e a urbanização suficientes para explicar o interesse de uma determinada cultura por uma prática esportiva. Autores como DaMatta,¹⁵⁹ Sevcenko,¹⁶⁰ Antunes,¹⁶¹ entre outros, já se arriscaram na árdua tarefa de tentar explicar os motivos que levaram o futebol a se sobressair sobre outras modalidades. Aprofundar a discussão sobre estas questões não constituiu objetivo desta pesquisa, pois acreditamos que há um risco considerável de tropeçarmos em determinismos ou reducionismos. Deste modo, o que queremos destacar na verdade é que as cidades que se desenvolveram através do avanço das ferrovias, receberam pessoas de diferentes lugares do mundo e do Brasil. No bojo deste sincretismo cultural, a busca por novos traços de identidade e pelo convívio com indivíduos que tinham afinidades de gostos, impulsionou o fenômeno associativo.

A concentração de trabalhadores urbanos nas cercanias das linhas férreas, sobretudo da mão-de-obra da Companhia Paulista,¹⁶² a própria proximidade entre os operários no dia a dia da empresa ferroviária, parecem ter auxiliado na difusão da experiência organizativa. Os setores de tráfego, linha e tração eram importantes pontos de união, grandes superfícies de contato entre os trabalhadores.

Entre um maquinista de uma locomotiva - serviço técnico caracterizado pelo movimento - e o guarda-chaves de uma estação - pequena tarefa administrativa de função secundária - as relações são contínuas, e o mesmo sucede entre os agentes, feitores de turmas, guarda-freios, conferentes, telegrafistas, foguistas, chefes de trens, quase todos os dias em contato, ou pelo menos em constantes relações de trabalho (...).¹⁶³

¹⁵⁹ DaMATTA, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982, p. 13-42.

¹⁶⁰ SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.

¹⁶¹ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. 1992. 190f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1992, p. 20-21.

¹⁶² Segundo Segnini (1982, p. 64), em 1929, as oficinas da Companhia Paulista, em Rio Claro, empregavam 903 funcionários, assim distribuídos: 1 chefe de oficinas; 1 subchefe de oficinas; 9 contramestres; 13 encarregados de turma; 10 feitores; 40 ajustadores; 35 torneiros; 12 caldeireiros; 8 funileiros; 157 carpinteiros; 7 eletricitas; 249 trabalhadores; e 361 operários diversos.

¹⁶³ BENÉVOLO, Ademar. *Introdução à história ferroviária do Brasil: estudo social, político e histórico*. Recife: Folha da Manhã, 1953, p. 46.

Para indivíduos agrupados no âmbito do bairro ou da empresa, as práticas organizativas desempenham a função de um rito de integração. O surgimento das sociedades desportivas, neste caso dos clubes de futebol, vincula-se ao processo de identificação de grupos e sujeitos. Os clubes se firmam como pontos de encontro, expressam e confirmam a solidariedade local. Propiciam novas bases emocionais de coesão e demarcam territórios, sobre os quais exercem a sua influência cultural e em cujo interior contribuem para ordenar as relações sociais.¹⁶⁴

Além de viabilizar a construção de uma identidade coletiva e cultural, a sociabilidade operária era uma forma dos trabalhadores criarem uma referência de si como classe social, inclusive para se “protegerem” diante do rigoroso universo fabril. Segundo Benévolo,¹⁶⁵ as oficinas ferroviárias quase sempre requisitavam tempo integral e preocupação constante por parte de seus operários, transformando-lhes em verdadeiros “escravos do seu ganha-pão”. Seus passos eram vigiados e cerceados, “havia o regulamento que estabelecia procedimentos, normas e punições para tudo”.¹⁶⁶ A descrição abaixo apresenta mais detalhes sobre o pesado cotidiano dos operários da Companhia Paulista em Rio Claro:

O tempo de trabalho necessário para a sobrevivência ultrapassava, e muito, às duzentas horas mensais obrigatórias, que resultava em jornada mínima de oito horas, incluindo o sábado. Isso se não houvesse feriado no mês, pois, nesse caso, às oito horas desse dia, não trabalhado, seriam distribuídas ao longo do mês, para completar as duzentas horas. As horas extras pareciam já estar incorporadas no cotidiano (...). E em algumas ocasiões, o trabalhador roubava, também, algumas horas do sono necessário ao repouso diário.¹⁶⁷

A obrigatoriedade de montar e consertar as locomotivas e vagões, ou de fazer o trem correr na hora certa, a qualquer custo, exigia muitas vezes o impensável dos trabalhadores, que se desdobravam e se solidarizavam para cumprir as tarefas. A convivência diária, os conhecimentos, as histórias, as lembranças, os segredos, as críticas à administração, as expectativas em relação ao futuro profissional, enfim, tudo o que se compartilhava fortalecia os laços

¹⁶⁴ CORBIN, Alain. O destino contrastado do futebol. In: _____. (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 1995, p. 265.

¹⁶⁵ BENÉVOLO, Ademar. (1953). *Op. cit.*, p. 45.

¹⁶⁶ CAMPOS, Helena Guimarães. (2012). *Op. cit.*, p. 127.

¹⁶⁷ TENCA, Álvaro. *Senhores dos trilhos: racionalização, trabalho e tempo livre nas narrativas de ex-alunos do curso de ferroviários da antiga Paulista*. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 309.

afetivos que forjavam uma identidade comum para os ferroviários.¹⁶⁸ Nas palavras de Benévolo,¹⁶⁹ os “*railmen*” constituíam uma só família, muito mais unida que as famílias operárias das grandes empresas industriais.

As experiências organizativas, especialmente as que eram ligadas à prática do esporte, possibilitavam a interação entre os sujeitos e o distanciamento momentâneo dos subalternos da extenuante rotina de trabalho. Transitando pelas ruas dos bairros, vilas operárias e no interior das oficinas ferroviárias, estas experiências refletiam uma classe trabalhadora interpretando e redimensionando, dentro dos estreitos limites possíveis, suas condições de existência. Tanto o local de residência quanto o de trabalho possuíam importância e significado como espaços de criação e recriação de cultura dos trabalhadores. Conforme descreve Zaluar:¹⁷⁰

É no local de moradia, nas associações reivindicatórias e agremiações recreativas, nas praças, esquinas e bares, na rua e na casa que transcorre este vasto processo dinâmico de formação cultural, tornando o mundo denso de significados nem fixos, nem finais, nem únicos. Sempre renovados, esses significados são inventados ou reinterpretados apelando-se para as novas experiências ou para antigas tradições. E é aí que a heterogeneidade econômica, do ponto de vista dos lugares que ocupam no processo produtivo, cede lugar às múltiplas práticas cotidianas das classes populares, à troca de experiência de subalternos, aos múltiplos modos de oferecer resistência à dominação, à construção de uma identidade social mais ampla do que a da classe operária (...).

Neste contexto em que os trabalhadores buscam criar espaços de sociabilização e trocar experiências com seus “semelhantes”, os clubes de futebol emergem como um dos principais eixos de mobilização popular, figurando como referências de junção e unificação dos interesses e gostos dos indivíduos.¹⁷¹ Para Antunes,¹⁷² é provável que inúmeras agremiações tenham surgido de simples “peladas”, ou seja, “de partidas de futebol improvisadas, disputadas na rua ou até mesmo no pátio da empresa durante o intervalo para o almoço entre aqueles trabalhadores que quisessem jogar”. Bolas de couro e campos plenamente gramados eram atributos de praticantes de posses financeiras elevadas. Os populares geralmente recorriam a

¹⁶⁸ CAMPOS, Helena Guimarães. (2012). *Op. cit.*, p. 128.

¹⁶⁹ BENÉVOLO, Ademar. (1953). *Op. cit.*, p. 45

¹⁷⁰ ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 50.

¹⁷¹ PAOLI, Maria Celia; DUARTE, Adriano. (2004). *Op. cit.*, p. 93-95.

¹⁷² ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. (1992). *Op. cit.*, p. 34.

substitutivos menos custosos: jogavam descalços em terrenos baldios, utilizavam bolas de meia e improvisavam balizas com materiais diversos.¹⁷³

A popularização do futebol, assim como de outras modalidades, transformava a relação do público com o espaço urbano. Como demonstramos, o descanso passou a ser visto como resquício de uma herança cultural remota, ou seja, estava na contramão dos valores ditos modernos. A filosofia de vida se transforma. Todos para a rua: é lá que a ação está.

Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito.¹⁷⁴

O número de adeptos foi crescendo e o passatempo foi ganhando maior organização. Aumentava-se a quantidade e a duração das partidas. O intervalo para o almoço já não era mais suficiente para satisfazer o desejo de jogar bola. Aos poucos, as “pelejas” passaram a ocupar os finais de semana. O gosto pelo futebol crescia, assim como a vontade de melhorar as condições de sua prática, formar equipes completas, jogar devidamente uniformizados, com bolas de couro, em campos gramados, possuir um lugar para se reunirem e guardar o material esportivo, ou seja, organizar um “clube de futebol”.

Muitos destes aspectos se encaixam no processo de fundação do Rio Claro Futebol Clube. A agremiação foi criada em 9 de maio de 1909, em uma reunião realizada no entorno da linha férrea. Constam como seus fundadores, Joaquim Arnold, Bento Estevam de Siqueira, Constantino Carrocine e João Lambach, sendo estes três últimos operários da Companhia Paulista.¹⁷⁵ A iniciativa do comerciante e dos três ferroviários indica uma agremiação resultante de um processo de sociabilização que se estabelece em duas frentes, isto é, por meio do contato diário entre colegas de trabalho e através dos simples “bate-bolas” à margem dos trilhos reunindo diferentes agentes sociais, uma vez que Joaquim Arnold e Bento de Siqueira já se conheciam desde a época em que ambos fizeram parte do “time dos músicos”. O Rio Claro F. C. emerge como um espaço de mediação, cujos símbolos, normas e vivências têm o poten-

¹⁷³ LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. (orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 129.

¹⁷⁴ SEVCENKO, Nicolau. (2009). *Op. cit.*, p. 33.

¹⁷⁵ Acervo da Inventariança da extinta Rede Ferroviária Federal S. A.. (1927). *Op. cit.*.

cial de conferir uma identidade aos seus integrantes. Reflete uma tentativa de objetivação de um espaço fundamental na vida dos trabalhadores que se situa entre a casa e a sociedade mais ampla, como diria Guedes.¹⁷⁶

Uma simples curiosidade a se levar em conta é que por algum tempo houve um pequeno desencontro em relação à data de fundação do clube. A imprensa tomou conhecimento sobre a criação do Rio Claro F. C. com relativo atraso, fato que levou o jornal *O Alpha*¹⁷⁷ a publicar a seguinte notícia em sua edição de 22 de maio de 1909: “em reunião de *ante-hontem* foi fundada nesta cidade a associação *sportiva Rio Claro Foot-Ball Club*”, dando a entender que a mesma havia sido instituída no dia 20 de maio daquele ano. Para esclarecer este ponto, consultamos as atas da agremiação e percebemos que o dia 9 de maio de 1909 sempre foi celebrado como a data de fundação da mesma.¹⁷⁸

Parece-nos plausível considerar que a oficialização do Rio Claro F. C. expressa o deslocamento da cooperação entre os operários no cotidiano das oficinas ferroviárias para este espaço de mediação. Contudo, para estruturar o clube nos moldes desejados, agendar amistosos e marcar treinamentos, seria essencial a presença de um articulador. É provável que os funcionários da Paulista tenham visto na figura de Joaquim Arnold potencial para desempenhar este papel, visto que o comerciante possuía experiência como associado e jogador do *Sport Club Germania*, um dos principais clubes de futebol da cidade de São Paulo.

A “bagagem” e o gosto do rapaz pela prática esportiva eram evidentes. Mesmo após ter retornado ao interior, Joaquim Arnold ainda tentou manter por algum tempo certos laços com a agremiação da capital, conforme indica o programa oficial do 8º aniversário do Germania,¹⁷⁹ celebrado no Parque Antarctica em 29 de setembro de 1907. Seu nome consta entre os atletas do *Hermann Friese Team*, equipe que disputara naquela ocasião um amistoso comemorativo contra o *José Rubião Team*, formado por integrantes do *Club Athletico Paulistano* que haviam sido convidados para o evento.

¹⁷⁶ GUEDES, Simony Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 1998, p. 88.

¹⁷⁷ *O Alpha*, 22 maio 1909, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XIV.

¹⁷⁸ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 mar. 1932 a 2 mar. 1935*, p. 6. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XV.

¹⁷⁹ Instituto Martius-Staden - Programa oficial de comemoração do 8º aniversário do Sport Club Germania, 1907.

Era nítido o anseio por parte dos membros do Rio Claro F. C. em conferir ao clube um caráter mais organizado. Apropriando-se de uma área situada no bairro Cidade Nova, nas adjacências das linhas férreas, seus integrantes tentavam encetar uma rotina de treinamentos, conforme informa o jornal *O Alpha*¹⁸⁰ em sua edição de 13 de junho de 1909: “No *ground* do *Rio Claro Foot-ball Club*, na avenida 8, além da via férrea, realiza-se hoje, às 4 horas da tarde, um *training* entre o primeiro e segundo *teams* daquela associação”. As reuniões para tratar de assuntos relativos ao clube também adquiriam relevância entre os sócios, ocorrendo, por vezes, na sede do Centro Operário local, ponto de encontro e organização dos trabalhadores ferroviários, como noticiado pelo jornal *O Alpha*¹⁸¹ em 4 de maio de 1913: “Hoje, a uma hora da tarde, na sede do Centro Operário, reúnem-se em assembleia geral os sócios do *Rio Claro Foot-ball Club*”.

Em seu primeiro ano de vida, Arnosti, Pauletto e Silva¹⁸² relatam que o Rio Claro F. C. encontrava algumas dificuldades para conseguir oponentes, em virtude da existência de poucos clubes de futebol razoavelmente organizados no interior do Estado de São Paulo até aquele momento. Para viabilizar os primeiros embates, foi necessário que o clube buscasse adversários oriundos de cidades onde havia conexão por meio da ferrovia. Em sua edição de 23 de janeiro de 1910, o jornal *O Alpha*¹⁸³ noticiava o primeiro amistoso da história do Rio Claro F. C., disputado contra o *Sport Club Caramurú*, da vizinha cidade de Cordeirópolis: “Pelo trem da tarde chegará hoje a esta cidade o 1º *team* do *Sport Club Caramurú*, de Cordeiro, que vem disputar um *match* de *football* com o 1º *team* do *Rio Claro Foot-ball Club* (...)”.

O Rio Claro F. C. saiu como vencedor deste duelo, superando o adversário pelo placar de 2x0. Esta primeira vitória serviu de alento aos membros do clube. Os operários da Companhia Paulista que integravam a agremiação trataram de intermediar um novo desafio, desta vez contra os “colegas de profissão” do Paulista Futebol Clube, de Jundiaí. O jornal *O Alpha*,¹⁸⁴ em sua edição de 14 de junho de 1910, trouxe os seguintes detalhes sobre o jogo:

¹⁸⁰ *O Alpha*, 13 jun. 1909, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XVI.

¹⁸¹ *O Alpha*, 4 maio 1913, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XVII.

¹⁸² ARNOSTI, José Carlos; PAULETTO, Nelcy; SILVA, Klebs de Moura. *Rio Claro FC: um século de paixão*. Rio Claro: Memorial do Rio Claro F. C., 2009, p. 11.

¹⁸³ *O Alpha*, 23 jan. 1910, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XVIII.

¹⁸⁴ *O Alpha*, 14 jun. 1910, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XIX.

Conforme noticiamos, chegou *ante-hontem* a esta cidade 2 *teams* do *Jundiahy Paulista*, que vieram disputar 2 *matches* de *foot-ball* com seus colegas do *Rio Claro Foot-Ball Club*. O jogo teve início às 10:40 com o 2º *team*, saindo vencedor o Rio Claro, por 1 *goal* a 0. Em seguida teve início o jogo do 1º em que ambas as equipes demonstraram igualdade em forças, sendo, portanto, uma *lucta renhida*, empatando o jogo. Foi servido copo de *chopps* aos jogadores. Os jogadores do *Jundiahy Paulista* regressaram com o trem das 2:10.

Apesar da relativa empolgação, é preciso reconhecer que o número de partidas realizadas pelo clube se manteve escasso até o final de 1913. As limitações financeiras dos trabalhadores também eram um empecilho para custear viagens até outras cidades para desafiar novas agremiações. Para atenuar as dificuldades, os jogadores buscavam promover treinos ou “*ra-chões*”¹⁸⁵ entre si durante a semana. Somente em 21 de maio de 1911 o jornal *O Alpha*¹⁸⁶ voltou a noticiar um amistoso do Rio Claro F. C., ou seja, quase um ano após o duelo com a equipe de Jundiaí. Conforme divulgado pelo periódico, os *matches* seriam disputados contra o *Guarany*, de Descalvado:

Hoje, pelo expresso das 10 da manhã, são festivamente esperados dois *teams* do *club Guarany*, de Descalvado, que vem disputar *matches* com os seus colegas do *Rio Claro Foot-ball Club*. Os folgazões rapazes retornarão hoje mesmo, à tarde.

É evidente a importância da ferrovia e da urbanização para a emergência do Rio Claro Futebol Clube. Ao viajar pelos trilhos, os passageiros levavam os pensamentos, os conhecimentos e as informações provenientes da capital para o interior paulista. Inevitavelmente, os comerciantes e operários que viviam no entorno das linhas férreas eram influenciados pelas novidades culturais que ali aportavam. A proximidade e a interação cotidiana entre estes atores fortaleciam as relações sociais e estimulavam as práticas organizativas. A experiência corporal excitante proporcionada pelo futebol fomentava os encontros e a sociabilidade entre os indivíduos, possibilitando assim, a organização dos clubes.

Como discutimos, foi também através dos caminhos de ferro que os jogadores do Rio Claro F. C. tiveram a oportunidade de disputar os primeiros embates contra equipes de outras cidades. Cabe destacar que estes desafios contribuíam para reforçar a identidade do grupo e o sentimento de pertencimento de seus integrantes.

¹⁸⁵ Constituem uma espécie de simulação de jogo, um “coletivo”, só que com um caráter mais “solto”; não há uma preocupação tão grande com questões táticas, sendo comum até mesmo a alternância constante de posição e função entre os jogadores.

¹⁸⁶ *O Alpha*, 21 maio 1911, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XX.

3. FUTEBOL E PATERNALISMO: ASCENSÃO E DECLÍNIO

3.1 A relação entre Rio Claro Futebol Clube e Companhia Paulista

Vimos anteriormente o processo de popularização do futebol e a consequente criação de clubes pela iniciativa dos trabalhadores urbanos, sobretudo dos operários. Estes demonstravam um interesse cada vez maior pela modalidade, assim como o desejo de praticá-la em condições mais apropriadas. Porém, como sugere Antunes,¹⁸⁷ havia um empecilho: de onde viriam os recursos para concretizar tal anseio? Mesmo que a cotização entre os integrantes dessas pequenas agremiações pudesse figurar como uma alternativa possível, ainda era insuficiente para cobrir todos os custos que a prática do futebol nos moldes almejados envolvia. Em geral, os valores pagos eram irrisórios, quase simbólicos, devido ao baixo poder aquisitivo da classe trabalhadora nas primeiras décadas republicanas. Conforme descreve Decca:¹⁸⁸

Os níveis salariais da classe operária no período foram baixos, em função da grande disponibilidade de mão-de-obra propiciada pelos fluxos migratórios contínuos desde 1880 até meados de 1910. Os industriais puderam manter precários níveis salariais devido à massa imigrante que começou, no final da década de 1890, a deixar o campo, buscando no trabalho urbano melhores condições de existência. A presença massiva de mulheres e crianças ajudou também a empurrar “para baixo” o salário do trabalhador masculino adulto.

Recorrer ao auxílio da direção da empresa em que trabalhavam parecia ser uma solução viável - e até mesmo fundamental - para a manutenção da atividade futebolística. O diálogo poderia ser favorecido em virtude da relativa afinidade já existente entre a empresa e o clube, pois tudo havia começado a partir das relações de amizade estabelecidas pelos operários no espaço de trabalho.

Neste item, discutiremos, em primeiro lugar, dois importantes pontos que permeiam o desenvolvimento do texto: i) os motivos que impeliam os empresários a não apenas aprovarem os clubes esportivos criados por seus operários, como também contribuírem para sua manutenção e exercerem certo controle sobre eles; ii) e o tratamento dado aos operários-jogadores. Feito isto, focaremos nossa discussão na relação do Rio Claro Futebol Clube com a administração das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

¹⁸⁷ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. (1992). *Op. cit.*, p. 34.

¹⁸⁸ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. (1991). *Op. cit.*, p. 12.

Nas palavras de Antunes,¹⁸⁹ uma vez obtida a anuência dos empresários e a garantia de continuidade da prática esportiva, graças à colaboração que eles se comprometiam a proporcionar, a organização da agremiação operária assumia contornos distintos. A direção da empresa passava a subsidiar diferentes atividades para os trabalhadores, do futebol aos eventos sociais mais variados. Forneciam materiais esportivos, como uniforme, bolas e chuteiras, cediam os campos para que os subalternos pudessem realizar seus treinos e jogos, salões para bailes, além de promoverem piqueniques e excursões que congregavam os sócios do clube e seus familiares.

Os dirigentes da empresa contribuía com a agremiação, mas exigiam uma contrapartida. Queriam estar cientes sobre as atividades desenvolvidas, a procedência e a quantidade de sócios, e ainda acompanhar o movimento financeiro da associação através dos balancetes mensais ou anuais. Esboçava-se, assim, um persuasivo mecanismo de controle sobre o clube, um prolongamento da vigilância presente no regime de trabalho fabril para fora do espaço da produção.

O acordo firmado entre a empresa e o clube resultava em um aprimoramento organizacional deste último. Constituíam-se uma diretoria, cujos membros tinham a função de gerenciar as atividades da associação. A tendência era de que esses diretores fossem recrutados dentre os integrantes dos próprios quadros burocráticos da empresa, como chefes, diretores, gerentes, mestres e contramestres, ou seja, a direção escapa das mãos dos antigos fundadores para cair no domínio dos “doutores” ou “homens de negócio”.¹⁹⁰

Era comum que o dono da fábrica ou altos funcionários ocupassem posições de destaque na burocracia do clube, como, por exemplo, “presidente de honra”, em sinal do “reconhecimento dos sócios” pelos serviços prestados ao clube. Aos operários, de quem partira a iniciativa de organizar o futebol, restava o consolo da prática desportiva e de uma posição secundária na direção do grêmio.¹⁹¹

A diretoria da agremiação, juntamente com outros órgãos burocráticos, como os conselhos fiscal e deliberativo, elaborava os regimentos internos e estatutos, determinando os direitos e deveres dos associados. A aprovação desses documentos, contudo, cabia à alta cú-

¹⁸⁹ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. (1992). *Op. cit.*, p. 35.

¹⁹⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 1, 1986, p. 15.

¹⁹¹ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. (1992). *Op. cit.*, p. 36.

pula da empresa. Ela queria estar a par do que se passava no interior da sociedade, certificando-se de que a ordem e a disciplina fossem preservadas.

O apoio do patronato aos clubes de futebol idealizados pelo operariado era uma expressão do modelo paternalista de dominação. Este tipo de influência, segundo Rago,¹⁹² carregava uma dimensão ideológica bastante significativa. Para os empresários, o incentivo à prática da modalidade poderia fomentar uma identificação clube-empresa e, conseqüentemente, fortalecer a crença de que jogadores, trabalhadores e patrões pertenciam a uma grande e privilegiada "família". A vitória no futebol seria capaz de aumentar o "orgulho" do trabalhador pelo clube e pela empresa dos quais fazia parte. Visava-se reforçar a autoridade do patrão, simbolizada na figura do "pai", e assegurar que o mesmo fosse visto pelos trabalhadores como uma pessoa benévola, que concede uma série de benefícios e que se relaciona dignamente com eles. A imagem da família, utilizada para pensar a fábrica, cumpria "a função explícita de negar a existência do conflito capital/trabalho, sugerindo a ideia de uma harmoniosa cooperação entre pessoas identificadas".¹⁹³

É bom destacar também que a burguesia industrial enxergava no futebol de fábrica um potencial significativo para funcionar como veículo publicitário. A preocupação dos empresários com a manutenção da disciplina e organização das agremiações não era à toa. O objetivo era preservar uma imagem de ordem e eficiência que pudesse ajudar a ampliar o sucesso comercial da empresa. Com o auxílio dos patrões, o clube passaria a viajar para jogar em outras cidades e a presença de operários na equipe criaria, junto ao público, uma imagem simpática da companhia.¹⁹⁴

O prestígio da empresa, se não era totalmente dependente do desempenho da equipe de futebol, podia, em parte, ser favorecido por ele. Afinal, o clube era uma espécie de cartão de visitas da empresa. Ele carregava seu nome e suas cores e, no limite, divulgava seus produtos.¹⁹⁵

Os operários-jogadores desfrutavam de alguns privilégios, sobretudo os que eram considerados craques. Chegavam a ser realocados para desempenhar um trabalho mais leve no

¹⁹² RAGO, Margareth. (1985). *Op. cit.*, p. 34.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro, 1894-1933*. São Paulo: IBRASA, 1990, p. 29-30.

¹⁹⁵ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. (1992). *Op. cit.*, p. 39.

interior da fábrica, onde pudessem economizar suas energias para concentrá-las no futebol, ou eram até mesmo promovidos mais rapidamente. Nos dias de treino, tinham “autorização dos diretores da empresa para deixar o trabalho mais cedo, com uma condição: dirigir-se ao campo de futebol, a fim de realizar os treinos coletivos”.¹⁹⁶

Não raro, a estratégia de utilizar o futebol dos trabalhadores como uma ferramenta para divulgar uma imagem positiva da empresa foi transformando a modalidade em um espaço seletivo. A publicidade seria ainda mais eficaz caso se formasse uma equipe bastante competitiva, composta por aqueles que tinham maior intimidade com a bola nos pés. A seleção para os “times de fábrica” foi ficando mais rigorosa e as oportunidades foram sendo concedidas somente aos operários mais habilidosos. Aos demais funcionários, restavam o papel de espectadores nas arquibancadas ou a participação em outras atividades promovidas pela agremiação, como bailes, piqueniques e eventos de confraternização.

Os elementos até aqui apresentados indicam, de maneira geral, o modelo de funcionamento dos “clubes de fábrica”. É importante entendermos suas bases, para que possamos discutir os pontos comuns e as singularidades do Rio Claro F. C., que, a nosso ver, adquire certas características de “clube de fábrica” ao estabelecer vínculos com a empresa ferroviária, de 1914 a 1930.

A chave para compreendermos o início da relação do clube com a Companhia Paulista pode estar associada a três fatores: a presença de ferroviários dentre os associados, o desejo de melhorar as condições da prática do futebol e a carência de recursos para concretizar tal anseio.

Parece-nos plausível considerar que a iniciativa dos integrantes do Rio Claro F. C. de buscar auxílio junto aos dirigentes locais das oficinas da Paulista não era mero acaso. É preciso lembrar que, além do contato direto que mantinham com a administração geral da companhia, eram eles os responsáveis pelo gerenciamento do Grêmio, uma sociedade recreativa destinada aos trabalhadores da estrada de ferro e a única da cidade a possuir uma praça de esportes invejável.

Formado por operários, pequenos comerciantes, trabalhadores assalariados ou independentes, o Rio Claro F. C. viria a sofrer as primeiras mudanças em sua organização, con-

¹⁹⁶ CALDAS, Waldenyr. (1990). *Op. cit.*, p. 29.

forme notícia publicada pelo jornal *O Alpha*,¹⁹⁷ em sua edição de 28 de fevereiro de 1914. A nomeação do chefe local da Paulista, Adão Gray, para exercer a presidência do clube, era um sinal de que a direção estava escapando das mãos dos humildes trabalhadores urbanos.

O curioso é que, naquele momento, Adão Gray figurava, simultaneamente, como presidente do Grêmio. É pouco provável que sua eleição tenha sido uma simples coincidência. O britânico gozava de considerável prestígio na sociedade rioclarense, afinal, ocupava o posto mais alto na hierarquia das oficinas ferroviárias. Ou seja, ninguém melhor do que ele para intermediar o auxílio do Grêmio e, conseqüentemente, da Companhia Paulista para o Rio Claro F. C.. Ao levar a proposta para ser discutida junto aos demais membros da diretoria gremista, em outras palavras, seus companheiros do alto escalão das oficinas, esta dificilmente seria negada.

O assunto foi tratado pelos diretores em reunião realizada no dia 29 de abril de 1914. Basicamente, a agremiação futebolística solicitava autorização para treinar e jogar no campo gremista. A estratégia de convencimento pareceu-nos interessante. O clube encaminhou uma lista com os nomes de 66 associados, argumentando que os mesmos também eram filiados ao Grêmio.¹⁹⁸ Uma forma evidente de tentar demonstrar a afinidade entre Rio Claro F. C. e Grêmio, ou melhor, Rio Claro F. C. e Companhia Paulista.

A administração do Grêmio seguia os inexoráveis padrões normativos exigidos pela empresa ferroviária. Não é de estranhar, portanto, que a primeira atitude de seus diretores tenha sido a análise da procedência de cada sócio do Rio Claro F. C.. Eles contestaram a listagem apresentada, alegando que dos nomes elencados, somente 50 integravam ambas as sociedades. Como dissemos, a diretoria gremista era bem criteriosa quanto à filiação de indivíduos que não trabalhavam na Paulista, limitando o número de adesões. O objetivo maior era controlar o tempo livre dos ferroviários, mantê-los em constante vigilância, “moralizar” suas ações e comportamentos mesmo que estivessem fora das oficinas.

Os diretores do Grêmio mostraram-se dispostos a patrocinar o Rio Claro F. C., afinal, seria mais uma forma de enquadrar os operários no modelo paternalista de dominação. Cederiam o campo para as “pelejas”, salões para eventos sociais, salas para a realização de suas

¹⁹⁷ *O Alpha*, 28 fev. 1914, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXI.

¹⁹⁸ *Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista - 3 dez. 1913 a 21 dez. 1916*, p. 12. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXII.

assembleias, forneceriam bolas, uniformes e ainda permitiriam que um representante do clube participasse das reuniões da diretoria gremista para tratar dos assuntos relacionados ao futebol. Por outro lado, estabeleciam algumas contrapartidas: a agremiação só poderia ser formada por empregados da Companhia Paulista;¹⁹⁹ nos dias de jogos, seriam cobrados ingressos das pessoas externas ao Rio Claro F. C. e ao Grêmio; nas partidas contra equipes de outras cidades, os operários-jogadores teriam que fazer um rateio para contribuir com a recepção dos adversários; e em caso de dissolução do clube futebolístico, todos os seus bens passariam integralmente ao Grêmio.²⁰⁰ Exatamente nesse contexto que a agremiação passa a ser reconhecida como “Rio Claro F. C., do Grêmio”.²⁰¹

A dependência do Rio Claro F. C. em relação aos “doutores” da Paulista também se manifestaria no nível disciplinar. Seus regulamentos e estatutos foram reelaborados conforme as determinações da diretoria gremista,²⁰² sendo estes dotados de uma significativa dose “moralista”. Os pedidos de admissão de novos sócios eram analisados por uma comissão de sindicância, a fim de que elementos inconvenientes não colocassem em risco a “ordem” interna. Exigia-se dos membros da agremiação, postura e comportamento exemplares, sob a justificativa de elevar o nome do Rio Claro F. C., dentro e fora da sede.

O controle interno do clube era exercido através da imposição de normas rígidas e de uma vigilância constante. Os estatutos, extremamente austeros quanto aos deveres dos sócios, previam uma série de penalidades, que iam desde uma simples advertência até a eliminação definitiva do quadro social. Os associados eram alertados para medir as palavras, dosar as críticas, para não “arranharem” a imagem do clube e nem correrem o risco de serem processados. Aqueles que não se portassem com a devida moral e respeito nas festas promovidas pelo Rio Claro F. C. também estavam sujeitos a sofrer punições. Era comum que alguns diretores gremistas circulassem por todo o salão, a fim de observar de perto o comportamento das pessoas, zelando pela manutenção da “boa ordem” no recinto.²⁰³ A disciplina funcionava co-

¹⁹⁹ Ibidem, p. 16. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXIII.

²⁰⁰ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 100. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXIV.

²⁰¹ *Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista - 3 dez. 1913 a 21 dez. 1916*, p. 13. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXV.

²⁰² *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 93. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXVI.

²⁰³ Ibidem, p. 98-99. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXVII.

mo uma extensão daquela que os trabalhadores já vivenciavam no interior das oficinas da Companhia Paulista.

Além de gerir, nos mínimos detalhes, todos os movimentos dos sócios, a estipulação de regras de conduta, códigos de penalidades e punições cumpria uma importante função simbólica, segundo Queiroz.²⁰⁴ A adoção de um modelo de administração burocrático e formalista pelas agremiações de origem popular transmitia uma imagem de ordem e eficiência, em oposição à de desordem e vadiagem. Com o desejo de que seu clube adquirisse maior relevo e respeitabilidade perante a sociedade, os próprios associados tenderiam a incorporar a ideia de que, sob uma nova organização complexa, o mesmo deveria ser conduzido por pessoas “experientes”, suficientemente instruídas e bem relacionadas.

Urge conhecer as leis locais, regionais, federais; é indispensável saber se conduzir no emaranhado das despesas e das receitas; habilidade e diplomacia são indispensáveis também para harmonizar rivalidades, disputas, conflitos que possam surgir entre a Diretoria, as alas, os indivíduos (...).²⁰⁵

A autonomia do Rio Claro F. C. vai se diluindo gradativamente. Dada sua “credibilidade” e maior “experiência”, os diretores gremistas passam a estabelecer intervenções no processo eleitoral da agremiação, buscando imprimir um controle cuidadoso quanto às pessoas que dirigiam ou que viessem a dirigi-la.²⁰⁶ Notamos através de suas atas, que os funcionários que desempenhavam funções administrativas ou de maior “relevância” na empresa ferroviária, como os chefes de seção, engenheiros e escriturários, adquirem legitimidade para ocuparem posições privilegiadas em sua diretoria, sobretudo a presidência. Torna-se comum, inclusive, a presença simultânea de diretores do Grêmio no quadro burocrático do clube futebolístico.

Durante o período em que esteve sujeita às influências do binômio Grêmio-Companhia Paulista, a diretoria do Rio Claro F. C. sofrera algumas variações no que tange à quantidade de membros e a denominação dos cargos. Mesmo assim, podemos dizer que a administração do dia a dia do clube estava, basicamente, sob a responsabilidade de nove pessoas: presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários, primeiro e segundo tesourei-

²⁰⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (1986). *Op. cit.*, p. 15.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 66. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXVIII.

ros, primeiro e segundo procuradores,²⁰⁷ e um diretor esportivo. Estes eram eleitos pelo voto direto dos associados, reunidos em Assembleia Geral, para um mandato de um ano. Todas as discussões e decisões referentes às atividades da associação, desde as mais simples às mais importantes, passavam pela diretoria obrigatoriamente.²⁰⁸

Seus integrantes eram encarregados de elaborar relatórios de atividades detalhados e submetê-los ao crivo da diretoria do Grêmio, “porta-voz” da administração geral da companhia ferroviária.²⁰⁹ Esta, por sua vez, auxiliava o Rio Claro F. C. na manutenção de sua sede social e esportiva, na promoção de festividades, investia em melhorias no *ground*²¹⁰ - como a construção de uma arquibancada²¹¹ com capacidade para abrigar mil espectadores - e intermediava amistosos contra diferentes clubes.

Vale lembrar que no início de suas atividades, as limitações financeiras eram um dos fatores que impediam o Rio Claro F. C. de disputar um número maior de partidas. Contudo, a partir do momento em que estabelece relações com a alta cúpula da empresa ferroviária, sua rotina de jogos adquire contornos distintos. Dois eventos promovidos pela diretoria gremista servem para ilustrar essa nova fase do clube: os amistosos disputados contra o *Sport Club Germania*, em 1914,²¹² e a *Associação Atlética das Palmeiras*, em 1916,²¹³ duas das mais importantes agremiações de São Paulo.²¹⁴ No primeiro, um suado empate, com um gol para cada lado; no segundo, uma surpreendente vitória sobre os paulistanos pelo placar de um a zero.

²⁰⁷ Os procuradores eram responsáveis pela cobrança e recolhimento das mensalidades dos sócios. Em seguida, repassavam o dinheiro arrecadado para os tesoureiros.

²⁰⁸ Suas reuniões eram extremamente protocolares. Após o presidente iniciar a sessão, o secretário lia os ofícios recebidos e a ata correspondente ao último encontro. Em seguida, expunha os assuntos em pauta, para que os mesmos fossem discutidos. A reunião se encerrava com a leitura da ata do dia pelo secretário e sua assinatura por este e pelo presidente.

²⁰⁹ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 7. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXIX.

²¹⁰ Campo de futebol.

²¹¹ Foi inaugurada em 27 de agosto de 1916, dia do amistoso entre Rio Claro F. C. e *Associação Atlética das Palmeiras*, de São Paulo.

²¹² *O Alpha*, 20 set. 1914, p. 3. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXX.

²¹³ *O Alpha*, 27 ago. 1916, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXI.

²¹⁴ O *Sport Club Germania* era filiado à Liga Paulista de Futebol (LPF), a primeira entidade responsável pela organização dos campeonatos de futebol de São Paulo. A *Associação Atlética das Palmeiras*, por sua vez, integrava a APEA, coligação criada pelas parentelas fazendeiras após uma ruptura interna na LPF. A *Associação Atlética das Palmeiras* havia sido campeã pela APEA em 1915.

É interessante notar a extensão do paternalismo implementado pela Companhia Paulista. Além de mediar a ida de equipes da capital para a cidade de Rio Claro, a empresa fornecia os “passes”²¹⁵ de trem para que o elenco do Rio Claro F. C. viajasse para desafiar clubes de outras localidades. Algumas viagens eram gratuitas; em outras, os jogadores recebiam um desconto de 75% no valor da passagem.²¹⁶ A liberação dos passes era autorizada pelos funcionários do alto escalão da companhia, como os senhores Durval de Azevedo - engenheiro mecânico chefe -, Jayme Cintra, John Lewis Jones - mestre geral das oficinas - e, principalmente, Adão Gray.

Em sinal de reconhecimento, era comum que os integrantes do Rio Claro F. C. organizassem embates futebolísticos contra os “colegas de profissão” das oficinas ferroviárias de Jundiaí. As taças em disputa levavam os nomes dos benevolentes patrões.²¹⁷ Outra forma de agradecer os auxílios prestados era por meio da concessão de títulos simbólicos, tal como ocorreu com o senhor Gray, aclamado presidente honorário da agremiação em Assembleia Geral realizada no dia 13 de janeiro de 1917. Conforme registrado no livro de atas,²¹⁸ o britânico era considerado a “*alma mater*”²¹⁹ do clube.

Os resultados obtidos pelo Rio Claro F. C. frente aos prestigiosos clubes paulistanos, bem como os constantes amistosos disputados contra equipes do interior, dentro e fora da cidade, causaram uma significativa empolgação em sua diretoria, associados, simpatizantes e membros da imprensa, como publicado pelo jornal *O Alpha*.²²⁰ O desempenho inicial encorajou os dirigentes da agremiação e os altos funcionários da Paulista a inserirem a mesma no circuito das competições esportivas.

²¹⁵ Passagens, bilhetes.

²¹⁶ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 20 fev. 1930 a 2 mar. 1932*, p. 23. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXII.

²¹⁷ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 20 fev. 1930 a 2 mar. 1932*, p. 20. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXIII.

²¹⁸ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 14. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXIV.

²¹⁹ É uma expressão proveniente do latim. Significa “mãe que alimenta” ou “mãe que nutre”, na tradução literal para a língua portuguesa.

²²⁰ *O Alpha*, 22 set. 1914, p. 2; *O Alpha*, 29 ago. 1916, p. 2. Os textos originais encontram-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXV.

Em fevereiro de 1919, os meios de comunicação divulgavam a realização do primeiro Campeonato Paulista de Futebol do Interior, organizado pela APEA. Por ser registrado na entidade desde dezembro de 1917,²²¹ o Rio Claro F. C. foi um dos convidados e respondeu positivamente.²²² O jornal *O Alpha*²²³ declarava não possuir maiores detalhes sobre os regulamentos e clubes inscritos. Noticiava apenas que esses seriam divididos em quatro “zonas”, cujas denominações seriam baseadas nas estradas de ferro que as serviam: Paulista, Mogiana, Sorocabana e Central do Brasil. Encontramos os pormenores a respeito do campeonato no *Correio Paulistano*,²²⁴ o qual informava a fórmula de disputa, regulamento, os participantes e suas respectivas “zonas”.²²⁵

Como discutido, do ponto de vista comercial, a exposição do Rio Claro F. C. parecia interessante para a Companhia Paulista. A presença de seus funcionários na direção do clube e entre os futebolistas, a divulgação do auxílio prestado pela empresa na manutenção das atividades da agremiação e o financiamento das viagens de trem para que os jogadores disputassem as partidas de campeonato podiam funcionar como um importante veículo publicitário para a companhia, transmitindo a imagem de uma instituição disposta a investir no divertimento de seus trabalhadores.

A tabela 9 resume um pouco a participação do Rio Claro F. C. nas edições do Campeonato Paulista de Futebol do Interior durante o período em que esteve vinculado à empresa ferroviária. Nela estão retratados os anos em que a agremiação participou do campeonato e as entidades responsáveis por sua organização. Também podemos ter uma ideia da rivalidade entre as coligações para conquistar o direito de representar oficialmente o futebol do Estado de São Paulo. Até 1925, o clube disputou a competição organizada pela APEA. No ano seguinte, após ser eliminado do quadro de integrantes da associação,²²⁶ filia-se a uma nova entidade, a Liga de Amadores de Futebol (LAF),²²⁷ disputando a divisão interiorana até 1929.²²⁸

²²¹ *O Alpha*, 11 dez. 1917, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXVI.

²²² *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 61. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXVII.

²²³ *O Alpha*, 15 fev. 1919, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXVIII.

²²⁴ *Correio Paulistano*, 15 fev. 1919, p. 2. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XXXIX.

²²⁵ O Rio Claro F. C. integrava a “Zona Paulista”.

²²⁶ A realização do amistoso entre Rio Claro F. C. e Associação Atlética das Palmeiras no dia 23 de maio de 1926, na cidade de Rio Claro, ocasionou a exclusão do clube do interior do quadro de membros da APEA. Esta

Tabela 9 - Participação do Rio Claro F. C. no Campeonato Paulista de Futebol do Interior

Ano	Campeonato do Interior - Organização
1919	APEA
1920	APEA
1921	APEA
1922	APEA
1923	APEA
1924	APEA
1925	APEA
1926	LAF
1927	LAF
1928	LAF
1929	LAF

Fonte: Elaborada pelo autor

No entanto, o desejo crescente pelo sucesso do Rio Claro F. C., pela transmissão de uma imagem positiva da Companhia Paulista, o interesse em criar uma imagem conjunta do clube e empresa como “vencedores”, foi resultando em uma seleção mais criteriosa dos jogadores. A ideia, agora, era reunir somente os melhores na equipe. Para elevar o nível técnico, a diretoria fomentava a competição entre os postulantes a uma vaga no elenco, concedendo a isenção do pagamento de mensalidades para os que fossem escolhidos.²²⁹ Aqueles que gostava-

última fiscalizava os jogos disputados pelas agremiações que a integravam, restringindo, conseqüentemente, os embates contra clubes não filiados. Para piorar, a agremiação paulistana fazia parte da entidade rival, a LAF. Cf. maiores detalhes em “Elementos iconográficos” - Anexo XL.

²²⁷ A LAF surge a partir de uma cisão no interior da APEA, desencadeada pelo clube vinculado à aristocracia fundiária, o *Clube Atlético Paulistano*. Incomodados com o avanço do “amadorismo marrom”, seus diretores resolvem abandonar a APEA e criar uma nova entidade. Ao fundar a LAF, em 3 de dezembro de 1925, pretendiam transformá-la na única representante legítima do futebol de São Paulo. Clubes tradicionais apoiaram o movimento da elite fazendeira, dentre eles a Associação Atlética das Palmeiras. Para concorrer com a APEA e tentar até mesmo suprimi-la, a LAF organizava seus campeonatos em diferentes divisões: principal, intermediária, colegial, santista e interior. Esta última estava subdividida em três regiões, cujas denominações também se baseavam nas ferrovias que as “cortavam”: Paulista, Mogiana e Central. No entanto, as competições regidas pela LAF não duraram muito tempo. A entidade não conseguiu lutar contra o avanço do profissionalismo, sendo extinta ao fim do último campeonato, disputado em 1929.

²²⁸ No Campeonato do Interior organizado pela LAF, o Rio Claro F. C. pertencia a “Região Paulista”.

²²⁹ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 100. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLI.

vam de jogar por simples diversão ou que demonstravam menor habilidade tinham que se conformar com a condição de espectadores ou então participar de outras atividades promovidas pela agremiação, como bailes, piqueniques, etc. O futebol perdia a característica de atividade de lazer acessível a todos os sócios e assumia a conotação de uma prática esportiva reservada a poucos, segundo Antunes.²³⁰

Há um importante detalhe a ser observado. Com o interesse em ampliar a projeção do nome do clube, seria inviável seguir a risca a exigência inicial de que o Rio Claro F. C. fosse formado apenas por funcionários da Paulista. Não fazia sentido limitar o acesso de um bom jogador só pelo fato do mesmo não trabalhar nas oficinas ferroviárias. A abertura de exceções poderia ser vantajosa. O time ficaria mais competitivo, alcançaria melhores resultados e continuaria promovendo a imagem da companhia que o financiava. É nesse contexto também que alguns sujeitos - valendo-se da ascensão social obtida através do comércio local - passam a exercer funções administrativas no clube, principalmente filhos de imigrantes italianos, como Agnello Caetano Castellano, Antonio Padula Netto, entre outros. Mais adiante discutiremos as influências destes agentes.

Conforme discutido anteriormente, a chegada dos trilhos e a instalação das oficinas da Companhia Paulista ocasionam um adensamento populacional, estimulando uma série de serviços e pequenas fábricas em suas adjacências, e contribuindo para o desenvolvimento da divisão do trabalho social, nas palavras de Durkheim.²³¹ Para o autor, esse fenômeno seria o grande propiciador da sociabilidade entre os indivíduos. A diferenciação social - ou, se preferirem, das atividades profissionais - constituiria a solução pacífica da luta pela vida. Graças à divisão do trabalho, os indivíduos não são obrigados a se eliminarem mutuamente, mas podem coexistir uns ao lado dos outros. A sociedade aprende a ver os membros como cooperadores que ela não pode dispensar. Cada um colabora com uma função que lhe é própria para a vida de todos.

Em nosso entendimento, o trabalho ou o meio profissional representam somente um dos espaços de construção das relações sociais. O que buscamos ressaltar nesta pesquisa é que existem outros elementos trazidos pela modernidade que se mostraram capazes de provocar mudanças na sociedade, sobretudo o esporte. O futebol também proporciona a construção de

²³⁰ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. (1992). *Op. cit.*, p. 165.

²³¹ DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 4. ed. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 216-268.

laços de solidariedade, consolida-se como um espaço de coesão social, formação de consciência coletiva²³² e identidade.

Voltando às questões relativas à organização do Rio Claro F. C., tanto os seus diretores quanto os do Grêmio entendiam que a manutenção de uma equipe competitiva passava pela necessidade de enquadrar os jogadores em um rígido esquema disciplinar, quase uma extensão das cobranças existentes no interior das oficinas ferroviárias. Exigia-se dos futebolistas a presença obrigatória nos treinamentos, realizados três vezes na semana, no final da tarde. O horário de chegada dos jogadores era rigorosamente controlado por meio de um livro ponto, que devia ser assinado antes do início dos coletivos. Os atrasados ou faltosos podiam ser punidos com advertências ou suspensões,²³³ assim como aqueles que entrassem em conflito com o técnico e parceiros de time.²³⁴ A exortação ao respeito e bom comportamento visava manter a ordem e a concórdia, tornar o clube vitorioso e apreciado, à altura da empresa que o auxiliava.

O regimento da agremiação também estabelecia mecanismos disciplinares e proibições em relação aos jogos e viagens. Ausentar-se no dia de “peleja” ou disputar partidas com a camisa de outro clube sem o consentimento da diretoria eram consideradas faltas graves. Os infratores podiam ser suspensos por no mínimo trinta dias²³⁵ ou, então, sofrer uma punição mais pesada, como a exclusão do quadro social.²³⁶ Seus nomes e as respectivas penalidades eram expostos em um lugar bem visível - geralmente uma lousa -, de forma que se sentissem envergonhados e para servir de exemplo para que seus companheiros não cometessem o mesmo equívoco. O objetivo era fazer o operário-jogador interiorizar a vigilância do “olho do poder”, como diria Rago.²³⁷ A disputa de partidas fora da cidade era outro fator que despertava a atenção dos diretores. Havia uma rígida fiscalização quanto à postura dos jogadores nessas viagens, sobretudo nos hotéis em que ficavam hospedados. Mesmo após a estadia, era

²³² Segundo Durkheim (2010, p. 50), “o conjunto de crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum”.

²³³ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920*, p. 15. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLII.

²³⁴ *Ibidem*, p. 34. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLIII.

²³⁵ *Ibidem*, p. 7. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLIV.

²³⁶ *Ibidem*, p. 46. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLV.

²³⁷ RAGO, Margareth. (1985). *Op. cit.*, p. 26.

comum que os dirigentes entrassem em contato com o proprietário do estabelecimento, perguntando a respeito da conduta dos futebolistas.²³⁸

Esses jogadores eram, antes de tudo, trabalhadores urbanos. Ou seja, estavam sujeitos a uma dupla e implacável pressão. De um lado, deviam cumprir o horário e suas tarefas no espaço de trabalho no dia seguinte a um treino ou uma partida. De outro, exigia-se a presença assídua nos treinamentos e jogos, além de bom desempenho. Alguns se submetiam a esse controle, pois tinham interesses bem definidos: ascender socialmente através do futebol. Defender as cores do Rio Claro F. C. em amistosos e, sobretudo, nos jogos do Campeonato do Interior significava a oportunidade dos operários-jogadores mostrarem suas qualidades e eventualmente ingressarem em clubes de maior expressão, tal como ocorreu com os futebolistas João Gemignani, Lydio Camparoto, Alfredo Marino e José Jonas Hebling. Em 1918, os quatro rapazes foram convidados para jogar pelo *Minas Geraes Football Club*, agremiação de São Paulo - mais precisamente do bairro do Brás - que disputava a divisão principal do Campeonato Paulista organizado pela APEA.²³⁹ Nas palavras de Antunes:²⁴⁰

O futebol se transformava para eles em atividade profissional paralela, cujos vencimentos, sob a forma de gratificações ou de um segundo salário, complementavam sua renda mensal. Dedicavam a semana à fábrica e o fim de semana ao futebol. Estas características definiam o exercício de um profissionalismo operário, o profissionalismo possível à maioria dos operários-jogadores.

Como demonstramos, há uma clara relação entre Rio Claro F. C. e Companhia Paulista. Interessante pensarmos nas transformações do clube futebolístico a partir do momento em que se sujeita às intervenções da referida empresa. O desejo de melhorar as condições da prática esportiva, aliado à limitação de recursos, impulsionou seus associados a buscarem o apoio da alta cúpula da Paulista, afinal, muitos deles trabalhavam como operários nas oficinas ferroviárias locais. É nesse contexto que os funcionários do alto escalão da companhia se inserem na burocracia do clube, ocupando importantes cargos. O Rio Claro F. C. se torna objeto de vigilância dos “doutores” da Paulista. Havia um grande interesse dos patrões em reger o tempo livre dos subalternos, moralizar suas ações e comportamentos. A iniciativa de patrocinar o futebol e as demais atividades da agremiação constituía uma expressão do modelo de paterna-

²³⁸ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube* - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920, p. 70. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLVI.

²³⁹ *Ibidem*, p. 54. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLVII.

²⁴⁰ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. (1992). *Op. cit.*, p. 53.

lista de dominação. Era um sutil e eficiente mecanismo de controle, além de promover uma imagem positiva da empresa ferroviária, isto é, de uma instituição que também se preocupava com o divertimento de seus empregados.

O Rio Claro F. C. manteve características de “clube de fábrica” por mais de dezesseis anos.

Na sequência, abordaremos seu afastamento das influências da Companhia Paulista. As causas da desvinculação, a participação de diferentes atores sociais na manutenção de suas atividades - principalmente os filhos de imigrantes italianos - e os meios encontrados para atenuar os problemas financeiros.

Não podemos deixar de mencionar que, a partir da década de 1930, o avanço do profissionalismo no futebol brasileiro fica ainda mais evidente. Tomando por base os elementos teóricos referentes a esse processo, pretendemos estabelecer aproximações com o caso do Rio Claro F. C., discutindo o caminho percorrido pela agremiação até se profissionalizar.

3.2 O processo de profissionalização do Rio Claro Futebol Clube

A inserção gradativa de indivíduos externos às oficinas da Companhia Paulista na rotina do clube, inclusive em sua diretoria, era um sintoma da modernidade. À medida que as linhas férreas suprimem ou diminuem a distância real entre os indivíduos, elas aumentam a densidade moral, ou seja, a aproximação e o intercâmbio entre eles. A vida social se generaliza. As relações sociais tornam-se mais numerosas, estendendo-se para todos os lados.²⁴¹

Essa sociabilidade será ainda maior se, além da densidade, o número de membros da sociedade se tornar mais considerável. Para Durkheim,²⁴² se a sociedade compreender mais indivíduos ao mesmo tempo em que estes se acham mais intimamente em contato, o efeito será necessariamente fortalecido. Exatamente nesse contexto que os imigrantes italianos e descendentes radicados em Rio Claro adquirem proeminência, pois, como vimos, com o desenvolvimento da economia cafeeira, um significativo volume de italianos encontrava-se dominando tanto o comércio quanto as pequenas fábricas. Foi mais ou menos inevitável que

²⁴¹ DURKHEIM, Émile. (2010). *Op. cit.*, p. 252-255.

²⁴² Ibidem, p. 256.

alguns desses prosperassem e que pretendessem, agora, conquistar novas posições. A mobilidade social adquirida mediante as atividades e ofícios de caráter urbano proporcionou a figuras como Agnello Caetano Castellano, os irmãos Antonio, Paschoal e Nicodemo Padula, Caetano e José Pezzoti, Attilio de Pilla, Francisco Monaco, Nestor Timoni, entre outros, a oportunidade de participar ativamente da vida esportiva do Rio Claro F. C.. Era uma forma de extrapolar os limites da própria colônia, estabelecer novos laços e obter prestígio perante a sociedade local, segundo Truzzi.²⁴³

Consideramos interessante apresentar, rapidamente, um pouco da trajetória de Agnello Caetano Castellano e Antonio Padula Netto, uma vez que estes sujeitos foram os primeiros a ocuparem cargos de maior relevo na diretoria do clube futebolístico, mesmo quando este ainda era dependente dos auxílios prestados pela alta cúpula da companhia ferroviária.

Agnello nasceu em Rio Claro, em 1890. Era filho do italiano José Castellano, que veio ainda jovem para o Brasil e se casou com Rosa Gaetani, também descendente de italianos. José e seu sogro - Felice Antonio Gaetani - possuíam um pequeno comércio de bicicletas e objetos diversos. O negócio progrediu e deu origem a um estabelecimento comercial mais amplo, conhecido como *Casa Caetano, Castellano & Cia*, próximo à estação ferroviária. Com a expansão, Agnello e seus irmãos começaram a trabalhar na loja, vendendo artigos importados, como ferragens, louças e cristais. Em pouco tempo, expandiram suas atividades. Ingressaram no ramo de calçados, assumindo o comando da fábrica *Flora*, e ainda criaram uma agência bancária para que a comunidade italiana ali presente pudesse enviar remessas de valores para o país de origem.

Antonio Padula Netto também era natural de Rio Claro. Seu pai, o italiano Domingos, chegou ao Brasil ainda criança, em 1885. Os avós vieram para trabalhar em uma fazenda de café, mas não permaneceram por muito tempo. Preferiram se deslocar para o emergente ambiente urbano. Domingos, então, tornou-se sócio em uma alfaiataria e passou a ensinar o ofício ao filho. Segundo Oliveira,²⁴⁴ naquela época, uma alfaiataria bem montada, com profissionais habilitados, era bastante lucrativa. Ternos e paletós eram usados cotidianamente pelas pessoas mais bem posicionadas, e roupas prontas praticamente inexistiam no mercado. Os bons alfaia-

²⁴³ TRUZZI, Oswaldo. *Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)*. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 95.

²⁴⁴ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Impasses no novo mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú (1870-1914)*. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p. 141.

tes de origem italiana, como Antonio e seu pai, por exemplo, com domínio de talhes considerados modernos, passaram a desfrutar de muito prestígio, afinal, eram eles os divulgadores dos estilos em voga na Europa. Ao prosperar em seu ofício, Antonio decidiu inverter parte de seu pecúlio em novos segmentos, sobretudo na abertura de uma empresa voltada a uma novidade cultural bastante promissora nas primeiras décadas do século XX: as projeções cinematográficas. Graças à sua ascensão, tornara-se proprietário de dois importantes cinemas da cidade, o *Excelsior* e o *Tabajara*.

Talvez possamos defini-los por aquilo que Hobsbawm denomina de *self-made-men*, ou seja, “jovens que simplesmente viam a oportunidade, agarravam-na e enfrentavam todos os desafios: homens que estavam imbuídos acima de tudo do imperativo capitalista da acumulação”.²⁴⁵

A emergência desses expoentes individuais bem-sucedidos revelava a formação de uma inédita camada social média e propiciava a construção de novas alianças. É nesse contexto que Agnello e Antonio começam a participar do dia a dia do Rio Claro F. C., onde foram ampliando gradualmente suas influências, sobretudo a partir dos anos 20. Não é demais lembrar que, naquele momento, a Companhia Paulista já dava sinais de que estava disposta a expandir o nome do clube. É provável que seus dirigentes tenham visto com bons olhos a integração dos descendentes de italianos no quadro administrativo da agremiação. O sucesso econômico destes poderia ser útil para a manutenção das atividades esportivas, ainda mais depois da inclusão do Rio Claro F. C. no circuito das competições oficiais, em especial no Campeonato Paulista de Futebol do Interior. Esses sujeitos tinham condições de contribuir financeiramente, ajudando na compra dos materiais esportivos, oferecendo gratificações aos jogadores, enfim, seriam os novos mecenas²⁴⁶ do clube.

A palavra final, contudo, cabia aos funcionários mais qualificados das oficinas ferroviárias, os quais se revezavam na presidência da agremiação. Adão Sidney Berry Gray - filho de Adão Gray e chefe do almoxarifado -, Roberto Ramalho - primeiro escriturário -, Nicomedes Correa - inspetor de carros e vagões -, o português Caetano Ribeiro - chefe da carpintaria - e John Lewis Jones eram alguns dos que mantinham contato direto com a superintendência da Paulista, solicitando autorização para a realização de atividades ou dando-lhe satisfação.

²⁴⁵ HOBBSAWM, Eric. (1982). *Op. cit.*, p. 229.

²⁴⁶ Aqueles que auxiliavam financeiramente; investiam e bancavam despesas.

Intermediavam a concessão dos passes de trem para as viagens do time, requisitavam melhorias no *ground* - quando necessário - e também comunicavam questões de ordem burocrática, como, por exemplo, a refiliação do Rio Claro F. C. à APEA,²⁴⁷ em 1930,²⁴⁸ e os resultados das eleições do clube futebolístico.²⁴⁹

Aos poucos, os capitalistas de origem italiana foram se firmando na condição de protagonistas nos bastidores da agremiação. Enquanto Agnello auxiliava na aquisição de equipamentos esportivos,²⁵⁰ Antonio colaborava com o custeio das despesas dos jogadores nas partidas fora da cidade ou até mesmo concedendo empréstimos para quitar eventuais dívidas contraídas durante a disputa dos campeonatos.²⁵¹

Essa crescente dependência do Rio Claro F. C. em relação às fontes alternativas de investimentos leva-nos a questionar se tal situação também não teria sido condicionada por fatores econômicos mais amplos, como, por exemplo, a queda da rentabilidade do transporte ferroviário. Evidentemente, não nos cabe aqui analisar, de forma meticulosa, as variações no tráfego de mercadorias e passageiros, e as receitas da Companhia Paulista. Estamos apenas levantando uma hipótese para - quem sabe - ser discutida com maior profundidade em uma pesquisa futura. Como aponta Saes,²⁵² as crises cíclicas do café - sobretudo a que se estendeu ao longo da década de 1930 -, a desvalorização da moeda nacional,²⁵³ o surgimento dos encargos sociais impostos pela legislação trabalhista no mesmo período e a recorrência aos empréstimos externos para financiar novos investimentos abalaram a prosperidade das empresas ferroviárias. Nesse sentido, parece-nos plausível pensar que, talvez, essa redução da rentabilidade da Paulista tenha induzido os diretores do Rio Claro F. C. a buscarem outros meios para manter as atividades da agremiação.

²⁴⁷ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube* - 20 fev. 1930 a 2 mar. 1932, p. 3. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLVIII.

²⁴⁸ Embora tenha se filiado à APEA novamente, o Rio Claro F. C. não disputou o Campeonato do Interior de 1930, em razão de problemas burocráticos na inscrição de alguns jogadores.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 5. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo XLIX.

²⁵⁰ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube* - 22 dez. 1925 a 16 jan. 1940, p. 16. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo L.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 57. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LI.

²⁵² SAES, Flavio Azevedo Marques de. *As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 127-188.

²⁵³ Segundo Saes (1981, p. 132), a deflagração da Primeira Guerra marca o início do declínio cambial, que se acentua posteriormente nos anos 20.

Uma das propostas defendidas por Antonio Padula Netto era a abertura de uma subse-
de do Rio Claro F. C., com o objetivo de ampliar a oferta de opções de sociabilidade e refor-
çar o caixa do clube. A ideia era alugar um prédio nas cercanias da ferrovia, montar um bar
em seu interior e arrendá-lo para angariar recursos. Consultada sobre o plano, a diretoria do
Grêmio não criou empecilhos. Os troféus pertencentes ao clube futebolístico continuariam
guardados na sede principal, porém suas correspondências, outrora enviadas diretamente às
oficinas da Companhia Paulista, passariam a ser entregues na nova subse-²⁵⁴ A nosso ver,
um sinal de enfraquecimento do modelo paternalista de dominação implementado pela empre-
sa ferroviária.

Outros indícios nos levam a sugerir que, de fato, os investimentos da Paulista no es-
porte estavam se diluindo. Uma das possibilidades aventadas pela companhia para viabilizar a
manutenção das atividades do Rio Claro F. C., era de que os próprios diretores da agremiação
contribuíssem com o pagamento mensal de uma taxa no valor de duzentos mil réis, referente à
conservação do campo do Grêmio. A ideia da cobrança, considerada abusiva pelos integrantes
do Rio Claro F. C., não chegou a se concretizar. As negociações prosseguiram, até que os
dirigentes gremistas intermediaram uma solução que atendia aos interesses da empresa ferro-
viária: abria-se mão do aluguel, mas exigia-se do Rio Claro F. C. a responsabilidade exclusiva
e direta pela conservação do campo e da arquibancada.²⁵⁵ Ademais, o clube futebolístico seria
o único responsável por possíveis infortúnios que pudessem ocorrer nos dias de jogos. Uma
determinação que, talvez, estivesse também relacionada com o momento de instabilidade fi-
nanceira vivenciado pelas ferrovias.

Na medida em que a postura paternalista da companhia ferroviária se esmaece, as di-
vergências entre os membros do Rio Claro F. C. e diretores gremistas se intensificam. A rela-
ção entre Rio Claro F. C. e Grêmio, ou ainda, Rio Claro F. C. e Companhia Paulista, parecia
estar no limite. De um lado, a empresa reduzia seu aporte financeiro; de outro, tentava con-
servar o que lhe restava de autoridade, exigindo que o clube continuasse lhe dando satisfa-
ções. O conflito mais significativo diz respeito à polêmica concessão do campo de futebol
feita pelo Rio Claro F. C. para uma equipe local formada por estudantes, o *Instituto Comerci-*

²⁵⁴ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 20 fev. 1930 a 2 mar. 1932*, p. 36. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LII.

²⁵⁵ *Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista - 03 set. 1930 a 23 nov. 1932*, p. 13-14. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LIII.

al F. C.,²⁵⁶ a qual, segundo os dirigentes gremistas, não contou com o prévio consentimento dos mesmos. Em reunião realizada nas dependências do Grêmio, no dia 14 de janeiro de 1931, a alta cúpula da companhia não só transparecia seu descontentamento com a suposta falta de comunicação do clube futebolístico, mas também alegava que a cessão do *ground* a terceiros feria o acordo estabelecido anteriormente, por entender que apenas o Rio Claro F. C. tinha autorização para usufruir da praça esportiva.²⁵⁷

O desgaste era patente. Liderados por Antonio Padula Netto, os integrantes do Rio Claro F. C. decidiram suspender as relações com a diretoria do Grêmio, em assembleia geral extraordinária realizada em 18 de janeiro de 1931, na subsede social.²⁵⁸

As medidas retaliativas por parte da Companhia Paulista foram rápidas. Um dos primeiros subsídios cortados foi a concessão dos passes de trem,²⁵⁹ que somado à ausência da infraestrutura do Grêmio - seja para a prática do futebol ou promoção de festividades - colocavam em cheque o futuro das atividades do Rio Claro F. C.. Como vimos, por mais que outros agentes estivessem injetando recursos no clube, não podemos desconsiderar o fato de que alguns subsídios fornecidos pela Paulista eram fundamentais no cotidiano deste. Mais do que nunca, o momento era de encontrar alternativas para que a agremiação se mantivesse ativa. Pensar em expandir as alianças, buscar novos agentes que pudessem auxiliá-la, tanto em seu quadro burocrático, quanto financeiramente.

Conforme discutido, a ascensão social e econômica dos imigrantes italianos e seus descendentes propiciou o estabelecimento de novas relações com representantes de diferentes setores da cidade de Rio Claro. O fato de membros de uma comunidade estrangeira - ligados ao comércio e aos negócios - se inserirem na diretoria de um clube esportivo regido por uma empresa ferroviária, denota a legitimidade e a influência que segmentos da comunidade italiana já haviam adquirido em meio à sociedade acolhedora.

²⁵⁶ O Instituto Comercial de Rio Claro - também conhecido como Colégio Bilac - era um estabelecimento de ensino que ofertava cursos de contabilidade, secretariado e administração.

²⁵⁷ Ibidem, p. 22-23. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LIV.

²⁵⁸ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 22 dez. 1925 a 16 jan. 1940*, p. 108. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LV.

²⁵⁹ *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 20 fev. 1930 a 2 mar. 1932*, p. 59. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LVI.

A experiência, os ganhos acumulados por esses italianos e a consequente aproximação em relação a determinados componentes da elite econômica local abriram caminhos para a continuidade do Rio Claro F. C.. É nesse contexto que destacamos a atuação dos médicos José Augusto Lefevre e Francisco Penteado Junior, este último eleito presidente da agremiação logo após o fim do apoio da Companhia Paulista.

Natural de Rio Claro e filho de ricos cafeicultores da região, Francisco graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1916, então com 26 anos de idade. Retornou a cidade natal em meados de 1918 para auxiliar no combate à pandemia de gripe espanhola que ameaçava se alastrar pelo interior do Estado. José Augusto Lefevre, por sua vez, nasceu na cidade de São Paulo, era filho do influente engenheiro francês Eugenio Lefevre - diretor geral da Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo. Graduou-se em Medicina na própria capital paulista, em 1928, seguindo posteriormente para Rio Claro, onde montou seu consultório. Ao lado de Antonio Padula Netto, ambos os médicos foram lideranças importantes na condução do processo de reestruturação do Rio Claro F. C., impedindo que este encerrasse suas atividades.

Não queremos aqui subestimar a importância de outros personagens na história do clube. Como dissemos, Nicodemo e Paschoal Padula - comerciantes e irmãos de Antonio Padula Netto -, Nestor Timoni - farmacêutico e filho do comerciante italiano Antonio Timoni -, Attilio de Pilla - delegado e filho do comerciante italiano Emilio de Pilla -, Alfredo Minervino - farmacêutico e também descendente de italianos -, entre tantos outros que fizeram parte da burocracia da agremiação, foram figuras fundamentais ao longo de sua trajetória, sobretudo após os atritos com a alta cúpula da companhia ferroviária. Pretendemos ressaltar na verdade que o prestígio adquirido por alguns imigrantes italianos e seus descendentes proporcionou-lhes maior desenvoltura em meio aos diferenciados segmentos sociais da cidade, sendo o futebol um dos espaços onde puderam confirmar sua relevância e até mesmo estreitar laços com representantes de famílias abastadas.

As preocupações da diretoria dividiam-se, basicamente, em duas frentes. De um lado, o desejo de construir um estádio para que o clube continuasse disputando as partidas de futebol na cidade. De outro, a urgência em diversificar as opções de sociabilidade, com o objetivo de gerar renda para que a agremiação não cessasse as atividades integralmente, ainda mais

agora com a atividade futebolística parcialmente paralisada.²⁶⁰ Sem o suporte da Paulista, a necessidade financeira do clube e o anseio pelo prosseguimento das atividades, levavam seus diretores a recusarem, inclusive, eventuais pedidos de desfiliação por parte dos associados. Enquanto o projeto de instalação do campo não saía do papel, o jeito era apostar na promoção de eventos na sede social, como bailes, jogo do bicho, matinês dançantes e jogos de carta.

É evidente que a questão do estádio era uma prioridade. Além do futebol se constituir na principal atividade do clube, a construção de um estádio novo e maior poderia impulsionar a arrecadação de renda, ajudando, conseqüentemente, no pagamento de outras despesas da agremiação.²⁶¹ As discussões em torno do assunto tiveram início na mesma reunião em que se confirmou o rompimento das relações entre Rio Claro F. C. e Grêmio.²⁶²

Valendo-se do prestígio e de suas posições perante a sociedade, Francisco Penteado Junior e os irmãos Antonio e Nicodemo Padula passaram a se reunir com autoridades políticas locais para tratar sobre a viabilização da obra. A diretoria do Rio Claro F. C. enviou um ofício ao prefeito João Dias de Campos e membros da Câmara Municipal, solicitando a concessão do espaço conhecido como “Largo do Riachuelo”²⁶³ para erigir seu estádio. Era uma área relativamente ampla, às margens do Córrego da Servidão, envolta por terrenos baldios, mato, lama e mosquitos na época das chuvas. Sujeita, inevitavelmente, às inundações periódicas, precisaria de algumas reformas para abrigar um campo fixo que pudesse ser regularmente utilizado por um clube de futebol, como discute Gambeta.²⁶⁴

No acordo oficializado com a Prefeitura, foi definido que o Rio Claro F. C. teria a incumbência de dar início às obras de aterramento e nivelamento da várzea, além de providenciar os arruamentos. Ao consultar as atas da agremiação, percebemos que muitos comerciantes de origem italiana, ligados a sócios do clube, seja por laços familiares ou de amizade, colaboraram com a doação de materiais para a construção do estádio. Sem contar os auxílios de membros da diretoria como Francisco Penteado Junior, José Augusto Lefevre, Nestor Timoni

²⁶⁰ Até a construção do novo estádio, o Rio Claro F. C. disputou um número reduzido de partidas. Amistosos eventuais ocorreram, em sua maioria, fora da cidade.

²⁶¹ CALDAS, Waldenyr. (1990). *Op. cit.*, p. 203.

²⁶² *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 22 dez. 1925 a 16 jan. 1940*, p. 108. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LVII.

²⁶³ Atualmente denominado Espaço Livre, situado na Avenida Visconde do Rio Claro, entre avenidas 10 e 12.

²⁶⁴ GAMBETA, Wilson Roberto. (2015). *Op. cit.*, p. 192-193.

e Antonio Padula Netto, sendo que este último chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para financiar a instalação das arquibancadas.

Com a conclusão dos trabalhos, em meados de 1931, uma larga área plana ficou disponível para a prática esportiva, transformando-se em uma importante zona para o futebol da cidade. Era o novo berço para jogos do Rio Claro F. C. e um moderno espaço de sociabilidade para o público (figura 10).

Figura 10 - Jogadores do Rio Claro F. C. e personalidades locais no novo estádio, construído na década de 1930
Fonte: Arquivo pessoal de José Carlos Arnosti

A construção do estádio trouxe novos ânimos para a diretoria do clube. A definição de um lugar específico para a disputa das “pelejas”, dotado de condições infraestruturais suficientes, possibilitava a reinserção do Rio Claro F. C. no circuito das competições oficiais. Talvez até seja possível traçarmos um breve paralelo entre essa nova fase do clube interiorano e o que estava ocorrendo na escala mais ampla, isto é, em São Paulo e no Brasil. Porém, antes de tudo, é preciso deixar claro que não alongaremos muito essa discussão para não correremos o risco de desviar do foco da pesquisa. Apresentaremos rapidamente as principais mudanças conjunturais para que possamos compreender como um pequeno clube do interior paulista, como o Rio Claro F. C., era impactado por esses elementos mais gerais, embora também reproduzisse suas particularidades, conforme buscamos demonstrar até aqui.

Interessante pensar que, se até o fim da República Velha o futebol já houvera adquirido grande popularidade, a partir dos anos 30, ele consolida seu prestígio popular. Para Franco Junior,²⁶⁵ a modalidade acompanhou, de maneira síncrona, a tensa transição política do país. Saía de cena a oligarquia cafeeira e entrava Getúlio Vargas. Para amenizar o clima de instabilidade, nada melhor para o novo governo do que apropriar-se de um elemento tão forte da cultura popular, como o futebol, e explorá-lo como símbolo de união e identidade nacional.

Exatamente nesse contexto que o Brasil participa do Primeiro Campeonato Mundial de Futebol, realizado em 1930, no Uruguai. Além disso, ingressaríamos também numa etapa que se pode chamar de “internacionalização do futebol brasileiro”.²⁶⁶ É o momento em que os principais clubes do país começam a excursionar pela Europa. Os jogadores passam a ser vistos lá fora não mais como amadores, mas sim como futebolistas profissionais, que poderiam interessar a qualquer time. Consequentemente, o êxodo de jogadores torna-se um processo regular, já que esses se sentiam atraídos pela oportunidade de alcançarem melhores ganhos financeiros no exterior.

Essa crescente migração impulsionou os clubes brasileiros a discutirem cada vez mais a possibilidade de aderirem finalmente ao profissionalismo. Seria uma forma possível de manter o jogador no país e na agremiação, ou pelo menos, atenuar a evasão. A luta pela profissionalização entrava em sua fase decisiva, segundo Caldas.²⁶⁷ O próprio clima político e cultural era favorável. O país estava passando por relevantes transformações em seu processo histórico, deixando para trás a intransigência dos velhos cafeicultores. Não havia contexto mais propício do que esse para estender as mudanças até o futebol, incrementando uma dinâmica profissional que eliminasse os resquícios burocráticos do amadorismo.

A modalidade ganharia nitidamente uma nova dimensão.²⁶⁸ Se em 1931, Getúlio Vargas dava um importante passo ao incluir os jogadores entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista, em 1933 formalizava-se a implantação do futebol

²⁶⁵ FRANCO JUNIOR, Hilário. (2007). *Op. cit.*, p. 69-76.

²⁶⁶ CALDAS, Waldenyr. (1990). *Op. cit.*, p. 189.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 190.

²⁶⁸ *Idem*.

profissional, sendo suas bases reconhecidas pelas duas principais forças futebolísticas do país: a APEA e a Liga Carioca de Futebol (LCF).²⁶⁹

Cabe destacar, no entanto, que a adesão dos clubes do interior de São Paulo ao profissionalismo ocorreu de forma gradual. Ao mesmo tempo em que criou uma divisão profissional, composta pelas principais agremiações,²⁷⁰ a APEA também manteve uma divisão de amadores, cujos participantes encontravam-se distribuídos em diferentes zonas, disputando campeonatos de nível regional. Embora, num primeiro momento, a decisão possa causar relativa estranheza, a nosso ver ela funcionou como uma jogada estratégica para derrubar uma última reação contra o profissionalismo.

Isso porque, em São Paulo, havia ainda uma ala de dirigentes conservadores que se recusava a abandonar o regime amador. Contando com o apoio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) - órgão oficial de nosso esporte -, esses cartolas fundaram, em 1933, a Federação Paulista de Futebol (FPF), uma entidade declaradamente contrária à profissionalização. A conservadora CBD, em guerra com os dissidentes da APEA, insistia em reconhecer somente a FPF como coligação responsável pelo futebol paulista. Essa conflituosa situação se estenderia até 1937, ano em que os dirigentes do futebol brasileiro chegaram, finalmente, a um consenso. Segundo Caldas,²⁷¹ o acordo só se concretizou, pois o novo presidente da CBD, senhor Luiz Aranha, usou do bom senso, reconhecendo o profissionalismo no futebol nacional.

Portanto, parece-nos plausível pensar que a atitude da APEA em manter, pelo menos no início, uma divisão amadora - mesmo depois de ter reconhecido o regime profissionalista - era uma forma de se precaver diante da reação dos setores mais conservadores. Talvez sua ideia fosse, primeiramente, angariar a empatia e o apoio do maior número possível de clubes, incluindo aqueles de menor expressão e também os que ainda não tinham muita convicção de qual regime defender; e estimular suas adesões ao profissionalismo de forma gradativa, suplantando, conseqüentemente, os últimos resquícios do amadorismo. Deste modo, as agremiações consideradas menos tradicionais teriam um tempo razoável para aperfeiçoar suas estru-

²⁶⁹ De acordo com Caldas (1990, p. 215-216), o futebol brasileiro consolida-se definitivamente como profissão após a assinatura do documento conhecido como “Carta Compromisso”. Nele, tanto a APEA quanto a LCF, reconheceram as bases do novo sistema profissional.

²⁷⁰ Corinthians, São Paulo, Palestra Itália, Associação Atlética São Bento, Portuguesa, Ypiranga e Sírio foram os clubes que disputaram o primeiro campeonato profissional do Estado de São Paulo.

²⁷¹ Ibidem, p. 221-222.

ras para ingressar no profissionalismo. Ao passo que a entidade também teria tempo suficiente para adquirir as condições necessárias para expandir seu apoio administrativo a um número maior de clubes profissionais.

Mesmo que a maioria dos clubes do interior paulista ainda tenha permanecido durante algum tempo com o rótulo de amadores, esses já não precisavam mais se preocupar em dissimular as recompensas dadas aos futebolistas. Como vimos, ao discutir o caso do Rio Claro F. C., um dos disfarces mais conhecidos era o dos reembolsos pagos por despesas de viagens e hospedagens. Outra prática bastante comum - e não mais encoberta - era o pagamento por horas de trabalho perdidas com treinos e jogos.²⁷²

A tabela 10 resume um pouco a participação do Rio Claro F. C. em campeonatos de nível regional e estadual durante as décadas de 30 e 40, ainda na divisão de amadores. Nela estão retratados os anos em que a agremiação participou das competições e as entidades responsáveis por sua organização.²⁷³ É possível notar um caráter progressista - se é que assim podemos chamar - entre os diretores do Rio Claro F. C., afinal, o clube manteve-se filiado à APEA durante o período em que o futebol vivenciava mais uma de suas turbulências políticas. Também podemos perceber uma importante mudança em relação à coligação que comandaria o futebol paulista. A fundação de uma entidade mais sólida e progressista como a Federação Paulista de Futebol (FPF) - sem qualquer relação com a versão anterior -, em 1941, era mais um indicativo de que “o amadorismo tornar-se-ia um acontecimento romântico de um passado recente”.²⁷⁴

Tabela 10 - Participação do Rio Claro F. C. em campeonatos de nível regional e estadual nas décadas de 1930 e 1940 na divisão de amadores

Ano	Campeonato	Organização
1931	Campeonato do Interior	APEA

²⁷² *Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 mar. 1932 a 2 mar. 1935*, p. 78. O texto original encontra-se em “Elementos iconográficos” - Anexo LVIII.

²⁷³ De 1938 a 1942, e também no ano de 1944, o Rio Claro F. C. disputou somente campeonatos da cidade. Devido à inexistência de atas que compreendam tais períodos, não sabemos dizer quais são os motivos que levaram o clube a não disputar competições de nível regional ou estadual.

²⁷⁴ CALDAS, Waldenyr. (1990). *Op. cit.*, p. 215.

1932	Campeonato Regional	Liga Regional Rioclarense*
1933	Campeonato Regional	Liga Regional Rioclarense
1934	Campeonato Regional	Liga Regional Rioclarense
1935	Campeonato Regional	Liga Regional Rioclarense
1936	Campeonato Regional	Liga Regional Rioclarense
1937	Campeonato Regional	Liga Regional Rioclarense
1943	Campeonato do Interior	FPF
1945	Campeonato do Interior	FPF
1946	Campeonato do Interior	FPF
1947	Campeonato do Interior	FPF

Fonte: Elaborada pelo autor

Apresentamos um breve panorama dos acontecimentos políticos e esportivos que redefiniram os rumos do futebol em nosso país, sobretudo a partir de 1930. A essa altura, o futebol brasileiro, enquanto modalidade esportiva profissional, já assumia uma expressão bem significativa. A profissionalização dos clubes do interior de São Paulo era questão de tempo. O Rio Claro F. C., cerne deste trabalho, confirmou seu ingresso no profissionalismo em 26 de janeiro de 1948, ano em que disputou pela primeira vez a segunda divisão de profissionais do Campeonato Paulista de Futebol, organizado pela FPF.

* Entidade vinculada à APEA. Nos campeonatos organizados pela Liga Regional Rioclarense, o Rio Claro F. C. enfrentava equipes como a Associação Atlética Internacional de Limeira, Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense, entre outras provenientes de cidades como Araras, São Carlos, Leme e Brotas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações, colocaremos as questões que permearam o texto. Estas foram explicitadas durante os capítulos e buscamos construir os argumentos logo que as indagações eram postas à prova, trazendo para o debate todo arcabouço teórico e análise documental que pudemos coletar nesse período de pesquisa.

Reapresentamos aqui a tese fundamental deste trabalho, isto é, a incorporação da cultura futebolística em Rio Claro a partir do avanço dos trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, com destaque para a emergência do Rio Claro Futebol Clube e sua relação com a empresa ferroviária.

Como vimos, o desenvolvimento econômico através da cafeicultura e a expansão das ferrovias estimularam o crescimento das cidades. A presença da elite cafeeira, dos imigrantes, operários e demais trabalhadores urbanos engendrou um forte sincretismo cultural. Criou-se um cenário propício para o contato e assimilação de novos valores, costumes, hábitos, enfim, intensificou-se a busca por um estilo de vida moderno, carregado de repertórios e práticas que se aproximavam do que era reproduzido pela sociedade europeia.

É na própria dinâmica desse processo de urbanização que se estruturam os espaços de encontro e convivência coletiva, inclusive os clubes voltados à atividade esportiva. A vida social circunscrita às fazendas e celebrações religiosas vai se “desmanchando”. As linhas férreas e a estação ferroviária proporcionam o “vai e vem” de pessoas, atraem os estabelecimentos comerciais, fábricas, oficinas artesanais e as vilas operárias. Os sujeitos encontram-se, trocam olhares, as linguagens, os gestos e as culturas se misturam. Os vagões transportavam os “bandeirantes do esporte”, que traziam em suas bagagens as práticas e modismos exógenos. Chegaram as chuteiras, as “pelotas” e a febre futebolística foi contagiando as cidades interioranas. Uma experiência corporal excitante com claro potencial de fomentar a integração social e a sociabilidade entre os indivíduos, aglutinando estudantes, operários e pequenos comerciantes que viviam nas cercanias dos trilhos.

Apresentamos o futebol como um fenômeno tipicamente urbano-industrial, discutindo a relação do Rio Claro F. C. com a ferrovia, a oficialização da agremiação a partir da iniciativa de três operários das oficinas da Paulista e um comerciante. Os auxílios concedidos ao clube pela direção da companhia ferroviária, seu interesse em vigiar e disciplinar o lazer dos tra-

balhadores, bem como transmitir uma imagem positiva através do futebol, ou seja, de uma instituição disposta a investir no divertimento dos subalternos, de um patronato generoso que se relaciona dignamente com os empregados, como se todos fizessem parte de uma grande e privilegiada “família”.

Ao garantir o apoio da Companhia Paulista, o Rio Claro F. C. assumiu contornos distintos. O controle e a administração do clube foram retirados das mãos dos operários e transferidos para os funcionários de confiança da empresa, em geral aqueles que ocupavam quadros burocráticos, como chefes, diretores, mestres e contramestres. Estes eram encarregados de elaborar os estatutos e regulamentos; organizar a promoção de jogos, eventos e festividades; acompanhar o movimento financeiro da associação, assim como a adesão e procedência dos associados. Tudo deveria ser repassado para a administração da companhia, que queria estar ciente sobre o que se passava no interior da agremiação, certificando-se de que a ordem e a disciplina fossem preservadas.

À medida que o clube passa a disputar competições de futebol pelo interior, privilegiam-se os operários-jogadores mais habilidosos. Para alcançar bons resultados e, consequentemente, construir uma imagem conjunta de clube e empresa como “vencedores”, seria preciso reforçar a equipe. O futebol vai perdendo a característica de atividade de lazer acessível a todos os sócios e assume a conotação de uma prática esportiva reservada a poucos.

Nesse mesmo contexto, percebemos também a inserção de novos agentes em sua diretoria, contribuindo, inclusive, financeiramente, em especial os comerciantes e filhos de imigrantes italianos, resultando no surgimento de divergências com a administração da Companhia Paulista.

A postura paternalista da empresa vai se diluindo. As tensões se intensificam, os auxílios diminuem e a relação entre Rio Claro F. C. e companhia ferroviária chega ao fim no início da década de 30.

O apoio dos descendentes de italianos foi determinante para que o clube não fechasse as portas em definitivo. Valendo-se da ascensão social e do prestígio obtidos através do comércio local, esses sujeitos ajudaram o Rio Claro F. C. a se manter em atividade, por meio da promoção de bailes, jogo do bicho, matinês dançantes e jogos de carta, além de intermediarem a construção de um novo estádio para que o clube voltasse a disputar as competições esportivas.

Cabe destacar que esse é um período de profundas transformações no futebol paulista, ou melhor, no futebol brasileiro, momento de turbulência política no esporte, de embate entre os defensores do amadorismo e profissionalismo. Conforme discutimos, a ideia do regime profissionalista ganhava força, tendo a APEA como principal porta-voz da proposta. O reconhecimento definitivo do futebol profissional, bem como a consolidação de uma entidade mais progressista como a FPF redefiniram, de vez, os rumos da modalidade no país, culminando com o ingresso gradativo dos clubes do interior de São Paulo no profissionalismo, como o Rio Claro F. C..

O importante para nós neste texto é perceber a riqueza de conteúdo que o futebol possui - em particular o futebol interiorano - e como ele esteve fortemente presente no cotidiano dos trabalhadores urbanos. Este trabalho é uma tentativa de contribuir com as investigações na área do esporte; uma tentativa de abrir o campo de estudo sobre a cultura futebolística, de modo a não ficar restrito aos grandes centros. Dar uma maior visibilidade para a história do futebol no interior paulista, ir além dos dados estatísticos e elementos que compõem o senso comum.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1992.

AZEVEDO, Fernando de. **Um trem corre para o oeste**: estudo sobre o Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional. São Paulo: Martins, 1950.

BAENINGER, Rosana; BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. São Paulo: transição demográfica e migrações. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). **História do Estado de São Paulo**: a formação da unidade paulista. v. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. Imigração e oportunidades de trabalho no período cafeeiro. **Textos NEPO**, Campinas, n. 21, 1992, p. 32-69.

BENÉVOLO, Ademar. **Introdução à história ferroviária do Brasil**: estudo social, político e histórico. Recife: Folha da Manhã, 1953.

BETTINE, Marco Antonio. **Análise sociológica do processo de desenvolvimento dos principais clubes de futebol do Estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX**: influência da urbanização, ferrovias e Rio Tietê. 2013. 230f. Tese (Livre Docência) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, USP, São Paulo, 2013.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri da. (orgs.). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro, 1894-1933. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAMARGO, José Francisco de. **Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. v. 1. São Paulo: FIPE, 1981.

CAMPOS, Helena Guimarães. **Caminhos da história**: estradas reais e ferrovias. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.

CORBIN, Alain. (Org.). **História dos tempos livres**: o advento do lazer. Lisboa: Teorema, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

DaMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo, 1880-1945**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

_____. **Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil, 1880 a 1930**. São Paulo: Atual, 1991.

DELSON, Roberta Marx. **Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no Século XVIII**. Brasília: Alva-Ciord, 1997.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 4. ed. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. Imigração: cortes e continuidades. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SCHWARCS, Lília Moritz. (orgs.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. v. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916**. São Paulo: Sesi-SP, 2015.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOUVÊA, Flávia Mengardo. **Os imigrantes alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX**. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Unesp, Franca, 2011.

GUEDES, Simony Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EdUFF, 1998.

HALL, Michael. Imigrantes na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula. (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954.** v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era do Capital, 1848-1875.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **A Era dos Impérios, 1875-1914.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri da. (orgs.). **Nova história em perspectiva.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. (orgs.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. **O sonho do futuro assegurado: o mutualismo em São Paulo.** São Paulo: Contexto, 1990.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira.** São Paulo: Alfa Omega, 1974.

MILLS, John Robert. **Charles William Miller - 1894-1994 - Memoriam SPAC.** Nova York: Price Waterhouse, 1994.

NEEDEL, Jeffrey. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **Impasses no novo mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jau (1870-1914).** São Paulo: Editora Unesp, 2008.

PAOLI, Maria Celia; DUARTE, Adriano. São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade. In: PORTA, P. (orgs.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954.** v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. **Cadernos CERU,** São Paulo, v. 1, p. 7-35, 1986.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula. (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954**. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SAES, Flavio Azevedo Marques de. **As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. São Paulo republicana: vida econômica. In: PORTA, P. (orgs.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954**. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. O estado de São Paulo no século XX: café, indústria e finanças na dinâmica da economia paulista. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). **História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista**. v. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Fábio Alexandre dos. **Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906**. São Paulo: Annablume, 2002.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. **Ferrovias e ferroviários: uma contribuição para a análise do poder disciplinar na empresa**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, 1994.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOARES, Carmen Lucia. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SOARES, Maria Angélica Lau Pereira. **Visão da modernidade: a presença britânica no gabinete de leitura (1837-1838)**. 2006. 197f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006.

STEFANI, Celia Regina Baider. **O sistema ferroviário paulista: um estudo sobre a evolução do transporte de passageiros sobre trilhos**. 2007. 304f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.

TEIXEIRA-PETRATTI, Palmira. Trilhos e sonhos: o desenho do interior paulista. In: ODA-LIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. (orgs.). **História do Estado de São Paulo**: a formação da unidade paulista. v. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

TENCA, Álvaro. **Senhores dos trilhos**: racionalização, trabalho e tempo livre nas narrativas de ex-alunos do curso de ferroviários da antiga Paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista**: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FONTES

Livros e artigos

ARNOSTI, José Carlos; PAULETTO, Nelcy; SILVA, Klebs de Moura. **Rio Claro FC: um século de paixão**. Rio Claro: Memorial do Rio Claro F. C., 2009.

FERRAZ, José Romeu. **História do Rio Claro: a sua vida, os seus costumes e os seus homens (1821 - 1827 - 1922)**. São Paulo: Typographia Hennies Irmãos, 1922.

FITTIPALDI, Fernando Cilento. O teatro - síntese histórica. In: MACHADO, Ilara Luz. (org.). **Rio Claro sesquicentenária**. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, 1978.

_____. **Os 75 anos do Velo Clube Rio-Clarense**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1985.

JORGE, Cida Bilac. A Philharmonica de outrora. In: MACHADO, Ilara Luz. (org.). **Rio Claro sesquicentenária**. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, 1978.

KRETTLIS, Conrado. **Almanach do Rio Claro**. Rio Claro: Typographia Conrado, 1906.

LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da. **Almanak da Província de São Paulo para 1873**. São Paulo: Typographia Americana, 1873.

MOLINA, Thomaz Carlos de; LISBOA, José Maria. **Almanak de São João do Rio Claro para 1873**. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1981.

MORATELLI, Jovelina. **Sociedade Musical “União dos Artistas Ferroviários”**: edição comemorativa 1896-1996 - centenário. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1996.

PENTEADO, Oscar de Arruda. **Rio Claro: apontamentos para sua história**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1976.

PIGNATARO, Livia. **Imigrantes italianos em Rio Claro e seus descendentes**. v. 4. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1988.

Programa oficial de comemoração do 8º aniversário do Sport Club Germania. São Paulo: Typographia H. Rosenhain, 1907.

Manuscritos

CAMPOS, Manoel Pessoa Siqueira. **Ata da Câmara Municipal de Rio Claro**, Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, 1885.

Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista - 3 dez. 1913 a 21 dez. 1916.

_____. - 4 jun. 1916 a 3 set. 1935.

_____. - 3 set. 1930 a 23 nov. 1932.

Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube - 16 dez. 1915 a 2 mar. 1920.

_____. - 22 dez. 1925 a 16 jan. 1940.

_____. - 20 fev. 1930 a 2 mar. 1932.

_____. - 16 mar. 1932 a 2 mar. 1935.

Registros pessoais de antigos funcionários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.
São Paulo: Inventariança da extinta Rede Ferroviária Federal S. A., 1927.

Periódicos

O Alpha (Rio Claro-SP) - 1901; 1909 - 1911; 1913 - 1914; 1916 - 1917; 1919

Correio Paulistano (SP) - 1919; 1926

Sites

ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA VELO CLUBE RIOCLARENSE

<http://www.veloclube.com.br/clube/historia>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

BIBLIOTECA NACIONAL

http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1919_19979.pdf. Acesso em 20 de outubro de 2016.

http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1926_22564.pdf. Acesso em 20 de outubro de 2016.

http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1926_22574.pdf. Acesso em 20 de outubro de 2016.

CENTRO-OESTE: FERROMODELISMO, TRENS E FERROVIAS DO BRASIL

<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970ciaPaulista.shtml>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970efSorocabana.shtml>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970ciaMogiana.shtml>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970efAraraquara.shtml>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1965-Estrada-de-Ferro-Noroeste-do-Brasil.shtml>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

<http://museudaimigracao.org.br/centro-de-preservacao-pesquisa-e-referencia/historico-das-imigracoes/>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

ELEMENTOS ICONOGRÁFICOS

ANEXO I

Traçado da São Paulo Railway
 Fonte: Stefani (2007)

ANEXO II

Traçado da Companhia Paulista

Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970ciaPaulista.shtml>

Acesso em 10 de novembro de 2016

ANEXO III

Traçado da Ferrovia Sorocabana

Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970efSorocabana.shtml>

Acesso em 10 de novembro de 2016

ANEXO IV

Traçado da Ferrovia Mogiana

Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970ciaMogiana.shtml>
Acesso em 10 de novembro de 2016

ANEXO V

Traçado da Estrada de Ferro Araraquara

Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1970efAraraquara.shtml>

Acesso em 10 de novembro de 2016

ANEXO VI

Traçado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1965-Estrada-de-Ferro-Noroeste-do-Brasil.shtml>
Acesso em 10 de novembro de 2016

ANEXO VII

VELO-CLUB RIO-CLARENSE

Estamos informados que a digna directoria daquelle Club de diversões, obteve do estimado cidadão tenente-coronel Joaquim de Almeida Camargo um excelente terreno para a sua pista, tendo contractado com quelle senhor a construcção mesma.

A 20 de outubro proximo, 1.º anniversario do Club, teremos na nova pista magnificas corridas de bicyclistas.

Noasas parabens aos nossos ciclystas.

Matéria do jornal O Alpha, edição de 23 de setembro de 1901 - página 1, noticiando a construção do velódromo em Rio Claro-SP

Fonte: O Alpha (1901)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO VIII

Velo-Club Rio-Clarense

Com bastante concurren-
cia de amadores, da cidade
e de fóra, foi, hontem, às
4 1/2 horas da tarde, inau-
gurado este Velo-Club.

Havendo pequenas alte-
rações no programma, as
corridas foram abertas pelo
2º pareo, ganhando Aero-
nave em 1º lugar e Alta-
mira em 2º lugar.

3º pareo, Juçira em 1º
e Tupy em 2º lugar.

4º pareo, Guarany em 1º
Dumont em 2º.

5º pareo, Quiniella Fron-
tão, em 5 pontos. Correu
Planeta em lugar de Guar-
rany, ganhando Colibri.

6º pareo, Temerario em
1º e Tupy em 2º lugar.

Matéria do jornal O Alpha, edição de 25 de novembro de 1901 - página 1, informando a inauguração do velódromo de Rio Claro-SP e os resultados das provas ciclísticas

Fonte: O Alpha (1901)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO IX

Ata da assembleia geral do Grêmio, de 25 de março de 1927 - página 61, informando que o patrimônio do clube não poderia ser vendido sem o consentimento da administração da Companhia Paulista de Estradas de Ferro
Fonte: Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista (4 jun. 1916 a 3 set. 1935)
Consulta realizada na sede do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista

ANEXO X

Ata da reunião da diretoria do Grêmio, de 30 de julho de 1914 - página 22, informando que a administração da Companhia Paulista forneceria um trem especial gratuito para que os sócios do Grêmio e seus familiares se deslocassem até Americana para as festividades relativas à comemoração do 18º aniversário do clube, em 15 de agosto de 1914

Fonte: Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista (3 dez. 1913 a 21 dez. 1916).

Consulta realizada na sede do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista

ANEXO XI

Os sócios dividir-se-ão em cinco classes: actiões, contribuintes, honorários, beneméritos e alunos. a) - Sócios activos são os empregados da Companhia Paulista; b) - Sócios contribuintes são aquelles que empregados da Companhia Paulista, prestam relevantes serviços à Sociedade, cujo título só poderá ser conferido pela Assembleia Geral; c) - Sócios honorários, que compo-se-ão de pessoas de ambos os sexos, são aquelles que, empregados da Companhia Paulista, prestam relevantes serviços à Sociedade; d) - Sócios beneméritos, título que só poderá ser concedido pela Assembleia Geral, são aquelles que, empregados da Companhia Paulista, fizeram importantes contribuições à Sociedade; e) - Sócios alunos são os aprendizes da Companhia Paulista que perceberem remuneração entre \$200 e \$500 por hora de

Ata da assembleia geral do Grêmio, de 25 de março de 1927 - página 56, informando as categorias de sócios do clube conforme seu estatuto

Fonte: Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista (4 jun. 1916 a 3 set. 1935)
Consulta realizada na sede do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista

ANEXO XIII

della grãssesse fazer um. O Sur.
 Roberto Pennachio pediu a palavra,
 propondo oferecer uma lembrança
 aos Senhores Sur. Drs. Francisco de Mon-
 levalde e Jayme Cintra, e collocar os
 dos retratos de ambos, por exemplo,
 na sede social. O Sur. Presidente egr.
 deu a ideia do Sur. Pennachio que
 vinha corroborar a resolução da dire-
 toria tomada em sua ultima reunião
 explicando que já se havia dado
 os passos necessários para inaugu-
 rar-se dia onze de Abril próximo
 os retratos d'aquelles dignissimos Chefs.

Ata da assembleia geral do Grêmio, de 16 de março de 1925 - páginas 47-48, mencionando a disposição dos diretores em retribuir a benevolência dos patrões Jayme Cintra e Francisco Paes Leme de Monlevade, colocando os retratos de ambos na sede social do clube

Fonte: Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista (4 jun. 1916 a 3 set. 1935)
 Consulta realizada na sede do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista

ANEXO XIV

Matéria do jornal O Alpha, edição de 22 de maio de 1909 - página 2, noticiando a fundação do Rio Claro Futebol Clube e os integrantes de sua primeira diretoria

Fonte: O Alpha (1909)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XV

acquirição do uniforme. Deferente-se, dando parecer-por
no dia 9 de maio próximo o 23º aniversário do Clube,
promover no dia 15 daquella vez, festinidade no
Estádio, que deverá constar do seguinte: - missa

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 20 de abril de 1932 - página 6, confirmando a comemoração do 23º aniversário da agremiação no dia 9 de maio

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (16 mar. 1932 a 2 mar. 1935)

ANEXO XVI

Matéria do jornal O Alpha, edição de 13 de junho de 1909 - página 2, noticiando a realização de um treino do Rio Claro F. C. no entorno dos trilhos da Companhia Paulista

Fonte: O Alpha (1909)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XVII

Matéria do jornal O Alpha, edição de 4 de maio de 1913 - página 2, noticiando uma reunião dos associados do Rio Claro F. C. no Centro Operário local

Fonte: O Alpha (1913)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XVIII

✠

Pelo trem da tarde chegará hoje a esta cidade o 1.^o *team* do «Sport Club Caramurú de Cordeiros» que vem disputar um *match* de foot-ball com o 1.^o *team* do «Rio Claro Foot-Ball Club».

O jogo terá início as 5 horas da tarde.

Os *teams* estão assim organizados:

“Sport Club Caramurú”
 Moreira
 Pedro - Barbosa
 Berroca - Horacio - Valerio
 Sebastião - Taung - Joaquim -
 — Pierrotti - Fontes

—

Constantino - Saturnino - Remu-
 lo - Godoy - Ferreira
 Zico - Martinho - Büll
 Dicto - Fernandes
 Alfredo
 «Rio-Claro»

Matéria do jornal O Alpha, edição de 23 de janeiro de 1910 - página 2, noticiando o amistoso entre Rio Claro F. C. e Sport Club Caramurú, de Cordeirópolis

Fonte: O Alpha (1910)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XIX

Conforme noticiámos, chegou ante-hontem a esta cidade 2 *teams* do "Jundiahy Paulista", que vieram disputar 2 *matches* de *foot-ball* com seus collegas do «Rio Claro Foot-Ball Club».

O jogo teve inicio ás 10,40, com o 2.º *team*, saindo vencedor o "Rio Claro", por 1 *goal* a 0. Em seguida teve inicio o jogo do 1.º *team* em que ambas as *equipes* demonstraram igualdade em forças, sendo, portanto, uma lucta renhida, empatando o jogo.

Foi servido um copo de choppe aos jogadores.

Os jogadores do "Jundiahy Paulista" regressaram com o trem das 2,10.

Matéria do jornal O Alpha, edição de 14 de junho de 1910 - página 2, noticiando o amistoso disputado entre Rio Claro F. C. e Paulista F. C., de Jundiaí

Fonte: O Alpha (1910)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XX

Hoje, pelo expresso das 10.7 da manhã, são festivamente esperados dois *teams* do club "Guarany", de Descalvado, que vêm disputar *matches* com os seus colegas do «Rio Claro Football Club».

Os folgazões rapazes regressarão hoje mesmo, á tarde.

Matéria do jornal O Alpha, edição de 21 de maio de 1911 - página 2, noticiando o amistoso entre Rio Claro F. C. e Guarany, de Descalvado

Fonte: O Alpha (1911)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XXI

Na eleição realizada ante-hontem, na séde do «Gremio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista», a nova directoria do «Sport Rio Claro Foot-Ball Club» ficou composta dos seguintes srs. :

Presidente, Adão Gray ; vice-presidente, Martinho Höfling ; thesoureiro, Luiz Wehlmuth ; 1.º secretario, João Brasil Bueno ; 2.º secretario, Adelino de Oliveira ; orador, Benedicto Leite ; procurador, Sebastião Leite ; 2.º procurador, Francisco Leopoldo ; 1.º *captain*, Alfredo Pinto ; 2.º *captain*, Fulgencio Godoy ; 1.º fiscal, Augusto Büll ; archivista, Miguel Nava.

Matéria do jornal O Alpha, edição de 28 de fevereiro de 1914 - página 2, informando os integrantes da nova diretoria do Rio Claro F. C.. O senhor Adão Gray, chefe local das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, foi nomeado presidente da agremiação

Fonte: O Alpha (1914)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XXIV

Ata 36. O Rio Claro Foot Ball Club não poderá dissolver-se enquanto tiver 11 socios contribuintes e queles Parag. unico. No caso de dissolucao, os seus bens depois de pagados os debitos, passarao integramente ao Grêmio Recreativo dos Esportes de Rio Claro. Art. 37. As cores dos seus distintivos, uniformes, bandeiras etc. serao azul

Ata da assembleia geral extraordinária do Rio Claro Futebol Clube, de 9 de fevereiro de 1920 - página 100, informando que em caso de dissolução do clube futebolístico, todos os seus bens seriam repassados ao Grêmio, conforme determinado em seu estatuto

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (16 dez. 1915 a 2 mar. 1920)

ANEXO XXVIII

for unanimidade de votos. O sr. Presidente antes de mandar ler a acta da Assembleia anterior, leu um officio enviado pela Direcção do Gremio Recreativo dos E. da R. a qual protestava contra a eleição da Assembleia anterior. Visto isso, o sr. Presidente, explicou se devia ou não fazer-se nova eleição, e que ficou combinado e aprovado Resolven-se elaborar os estatutos do Club. Para isso foi

Ata da assembleia geral extraordinária do Rio Claro Futebol Clube, de 27 de março de 1919 - página 66, mencionando a interferência dos diretores do Grêmio na eleição da nova diretoria da agremiação futebolística

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (16 dez. 1915 a 2 mar. 1920)

ANEXO XXX

**"S. C. Germania" versus "Rio Claro
Foot-Ball Club", do Gremio**

No parque do *Gremio Recreativo dos
Empregados da Companhia Paulista*, reali-
sa-se hoje, às 3 horas da tarde, um sensa-
cional *match* de *foot-ball* entre os *players*
do 1.º e 2.º *teams* do *Rio Claro Foot-Ball
Club*, do Gremio, e os do *S. C. Germania*,
da Liga Paulista, de S. Paulo.

Abrilhantará o jogo a banda musical do
Gremio.

ENTRADA \$500

Rio Claro, 20—9—914.

À DIRECTORIA

Matéria do jornal O Alpha, edição de 20 de setembro de 1914 - página 3, noticiando o amistoso entre Rio Claro F. C. e Sport Club Germania, de São Paulo

Fonte: O Alpha (1914)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XXXI

HOJE! — DOMINGO — HOJE!
Grande match de foot-ball
Rio Claro Foot-ball Club, do Gremio
VERSUS
A. A. Palmeiras, de São Paulo

Inauguração da vasta archibancada
 construída no parque do «Gremio», aonde
 poderão accommodar-se mais de 1.000 pessoas
 com todo o conforto e segurança. — Ao centro
 da archibancada acham-se installados um coreto
 para banda de musica e um outro para a directoria

A directoria do **RIO CLARO FOOT-BALL CLUB**,
 do Gremio, não querendo poupar nenhum esforço,
 convidou para esse grande dia, a destemivel
 «equipe» da **A. A. PALMEIRAS**, de S. Paulo
 (campeão de 1915) a fim de disputar um
 «match» verdadeiramente amistoso

Abrilhanará esta festa sportiva a corporação music-l do «Gremio
 Recreativo dos Empregados da Cia. Paulista

Convidamos, pois, ao respeitavel povo de Rio Claro a vir
 admirar a nossa archibancada e o
 grande «match», até hoje nunca visto na nossa cidade

Preços das entradas: Recinto **1\$0 0**
 Archibancada **1\$5 00**

*Exmas. senhoras e senhoritas terão entrada franca
 no recinto e nas archibancadas pagarão somente \$500*

AOS SOCIOS SERVIRA' DE INGRESSO O RECIBO DO CORRENTE MEZ

Matéria do jornal O Alpha, edição de 27 de agosto de 1916 - página 2, noticiando o amistoso entre Rio Claro F. C. e Associação Atlética das Palmeiras, de São Paulo. Nesse jogo, inaugurou-se no campo do Grêmio uma arquibancada para mil espectadores.

Fonte: O Alpha (1916)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XXXIII

Pelo Sr. Presidente, foi comunicado que, por combinação verbal com o Sr. Sebastião G. Ferraz, D. Presidente do Paulista F.C. de Jundiahy, foi confirmado o entendimento do nosso officio anterior sobre o seguinte: — O Rio Claro F.C. irá dia 6 de julho p.f. a Jundiahy, para disputar uma partida amistosa (nocturna) e no dia 7 outra (diurna) para desempatar-se a "taça D. Durval de Azevedo" sendo que, no proximo dia 19 do corrente aquelle clube virá a esta Cidade, para disputar o desempate da taça Adão Gray. — Officiar ao Paulista F.C., confirmando e aceitando a combinação. — Officiar ao Guarany F.C. de Cam...

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 3 de junho de 1930 - página 20, confirmando a disputa das taças "Dr. Durval de Azevedo" e "Adão Gray" contra o Paulista F. C., de Jundiaí

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (20 fev. 1930 a 2 mar. 1932)

ANEXO XXXIV

ANEXO XXXV

Matérias do jornal O Alpha, edições de 22 de setembro de 1914 - página 2 (à esquerda) e 29 de agosto de 1916 - página 2 (à direita), evidenciando a empolgação da imprensa e dos populares com os amistosos disputados pelo Rio Claro F. C. contra o Sport Club Germania e a Associação Atlética das Palmeiras

Fonte: O Alpha (1914; 1916)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XXXVI

A directoria do «Rio Claro Foot-ball Club» acaba de receber da Associação Paulista de Sports Athleticos o seguinte officio :

«Tenho a subida honra de communicar a Vv. Ss. a resolução tomada hoje pela directoria desta Associação, resolvendo federar o «Rio Claro Foot ball Club», reconhecendo-o como unica entidade sportiva na cidade de Rio Claro.

Contando desde já com a valiosissima cooperação de Vv. Ss., em pròl do desenvolvimento sportivo em nosso Estado, aproveito a feliz oportunidade para firmar-me com a mais alta estima e consideração.

(A.) *A. P. Curvalho.*
2.º Secretario.»

Matéria do jornal O Alpha, edição de 11 de dezembro de 1917 - página 2, noticiando a filiação do Rio Claro F. C. na APEA

Fonte: O Alpha (1917)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XXXVIII

Matéria do jornal O Alpha, edição de 15 de fevereiro de 1919 - página 2, informando que os clubes participantes do primeiro Campeonato Paulista de Futebol do Interior seriam divididos em quatro "zonas": Paulista, Mogiana, Sorocabana e Central do Brasil

Fonte: O Alpha (1919)

Consulta realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo

ANEXO XXXIX

<p>Art. — O campeonato do interior do Estado será disputado em forma eliminatória, classificada em duas categorias: "Preliminar", disputada no interior do Estado; "Final", disputada na capital do Estado.</p> <p>Art. — São condições para a disputa do campeonato: a) — Os clubs registarem os seus jogadores até 15 dias antes do início dos jogos preliminares, que se realizarão no interior; b) — Só poderem ser registados os jogadores que residem na sede do seu club e que não tenham disputado campeonatos officiaes em S. Paulo ou no Rio de Janeiro, no anno anterior; c) — Os clubs registarem o numero de jogadores que quizerem; d) — Os clubs poderem alterar a organização dos seus teams para cada prova preliminar; e) — As provas finais serem disputadas pelos teams sem modificação alguma, seja qual for o numero de jogos a realizar no mesmo dia ou nos dias seguintes.</p> <p>Art. — A receita e a despesa dos jogos preliminares, realizados no interior, serem repartidas pelos clubs que o disputarem.</p> <p>Art. — A receita dos jogos, que se realizarem em S. Paulo, ser da Associação Paulista, correndo, porém, por sua conta as despesas de viagens e hospedagens dos teams que vierem do interior, sendo estipuladas, previamente, as respectivas importancias para esse fim.</p> <p>Art. — Os jogos preliminares serem actuados por juizes officiaes, á escolha da directoria da Associação, ficando a cargo desta as despesas de viagem dos juizes e as de hospedagem por conta dos clubs.</p>	<p>Art. — A directoria da A. P. S. A. sortear os jogos preliminares e finais, e, bem assim, os campos onde devem ser realizados.</p> <p>Art. — Para o campeonato do interior do Estado de S. Paulo vigorarem os estatutos, regras e regulamentos da A. P. S. A., naquillo que lhes for applicavel.</p> <p>Art. — As questões não previstas neste regulamento serem resolvidas pela directoria da Associação.</p> <p>Demonstração como será disputado o campeonato do interior do Estado de S. Paulo:</p> <p>Zona sorocabana: Concorrem: De Piracicaba — S. C. 15 de Novembro. De Sorocaba — S. C. Sorocabano. De Votarántim — S. C. Savola.</p> <p>Exemplo: — Sorocabano vs. Savola, no campo em que recahir a sorte. O vencedor disputará com o S. C. 15 de Novembro, no campo que tambem for sorteado.</p> <p>O vencedor jogará as provas finais em S. Paulo.</p> <p>Zona Central do Brasil: — Concorrem: De Guaratinguetá — Associação Sportiva de Guaratinguetá. De Taubaté — S. C. Taubaté. De Caçapava — A. C. Caçapavenes.</p> <p>Exemplo: Guaratinguetá vs. Tauba-</p>	<p>te, no campo sorteado. O vencedor disputará com a A. A. Caçapavenes, no campo sorteado. O vencedor virá a S. Paulo disputar as provas finais.</p> <p>Zona paulista: — Concorrem: De Rio Claro — Rio Claro F. C. De Pirassununga — C. A. Pirassununguense. De Jundiahy — Corinthians Jundiahyenses F. C. De Jundiahy — Paulista F. C.</p> <p>Exemplo: Corinthians Jundiahyenses vs. Paulista F. C., no campo sorteado. Rio Claro F. C. vs. C. A. Pirassununguense, tambem em campo sorteado. Os vencedores dessas duas provas disputarão entre si, em campo sorteado, e o victorioso virá a S. Paulo jogar as provas finais.</p> <p>Zona Mogyana: — Concorre o unico federado:</p> <p>De Ribeirão Preto — Commercial F. C., que virá a S. Paulo disputar as provas finais.</p> <p>Desta maneira teremos em S. Paulo, por occasião das provas finais, campeões das zonas: — Central do Brasil. — Paulista. — Mogyana. — Sorocabana.</p> <p>As provas finais serão disputadas em um ou dois dias, conforme o resultado dos jogos.</p> <p>Serão sorteados para as duas primeiras provas finais os vencedores, por exemplo, das zonas Central do Brasil o Sorocabana, e Mogyana e Paulista. Os vencedores dessas duas provas jogarão, finalmente, a ultima prova, cujo resultado dará ao vencedor o titulo de campeão.</p>
---	--	--

Matéria do jornal Correio Paulistano, edição de 15 fevereiro de 1919 - página 2, informando o regulamento e os clubs participantes do primeiro Campeonato Paulista de Futebol do Interior, organizado pela APEA. O Rio Claro F. C. fazia parte da "Zona Paulista"

Fonte: Correio Paulistano (1919)

Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1919_19979.pdf

Acesso em 20 de outubro de 2016

ANEXO XL

Matéria do jornal Correio Paulistano, edição de 19 maio 1926 - página 9, mencionando o convite feito pelo Rio Claro F. C. para a disputa de um amistoso contra a Associação Atlética das Palmeiras, o qual ocasionou a exclusão do clube do interior do quadro de integrantes da APEA. A agremiação paulistana era filiada à entidade “rival”, a LAF.

Fonte: Correio Paulistano (1926)

Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1926_22564.pdf

Acesso em 20 de outubro de 2016

Matéria do jornal Correio Paulistano, edição de 29 maio 1926 - página 6, mencionando a eliminação do Rio Claro F. C. do quadro de integrantes da APEA por ter jogado contra um clube que não era filiado à entidade (item 13)

Fonte: Correio Paulistano (1926)

Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1926_22574.pdf

Acesso em 20 de outubro de 2016

ANEXO XLI

Ata da assembleia geral extraordinária do Rio Claro Futebol Clube, de 9 de fevereiro de 1920 - página 100, estabelecendo que os sócios que conseguissem uma vaga no quadro de jogadores estariam isentos do pagamento de mensalidades

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (16 dez. 1915 a 2 mar. 1920)

ANEXO XLII

O Sr. Presidente fez ler aos seus colegas de Diretoria, ter notado no livro de fronte do clube para o training, que o Sr. Lydio Camparoto assigna o front demasiado tarde e não como fide o nosso regulamento al 5.º do artigo, adessa de urgente necessidade officiar ao mesmo Sr. Chamando attenção para o alludido regulamento, offiz a mantenha a boa ordem e disciplina entre os membros jogadores.

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 18 de janeiro de 1917 - página 15, advertindo o jogador Lydio Camparoto pelo fato de assinar o livro ponto fora do horário determinado pelo regulamento
Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (16 dez. 1915 a 2 mar. 1920)

ANEXO XLIII

Por intermédio de um dos senhores capitães foi a diretoria informada que o locio jogador senhor José de Carvalho durante os treinos tinha constantemente o devido respeito com o nosso green, desatendendo e discutindo com o capitão durante os treinos, foi pela segunda vez que o referido senhor almeu procrio, o Am. Presidente ordenou ao senhor secretário que oficiasse ao mesmo senhor chamando atenção ao mesmo estatuto salientando o máximo respeito ao orden. Do mesmo capitão, porquanto no ground e elle o legítimo representante da diretoria e portanto imo representando pelo seu orden e disciplina durante os treinos, caso contrario a diretoria terá porçada a fôrça com toda a energia contra tal facto.

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 26 de setembro de 1917 - página 34, chamando a atenção do jogador José de Carvalho por ter se desentendido com o técnico (captain) da equipe durante os treinamentos

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (16 dez. 1915 a 2 mar. 1920)

ANEXO XLIV

ANEXO XLVI

ANEXO XLVIII

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 20 de fevereiro de 1930 - página 3, mencionando a necessidade de comunicar a superintendência da Companhia Paulista sobre o pedido de refiliação do clube à APEA

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (20 fev. 1930 a 2 mar. 1932)

ANEXO L

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 23 de junho de 1926 - página 16, mencionando a contribuição do senhor Agnello Caetano Castellano, que oferecia dois novos pares de calçados para os jogadores da agremiação

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (22 dez. 1925 a 16 jan. 1940)

ANEXO LI

ANEXO LII

Deliberação ainda, officiar ao Sr. Agente do
Concilio para enviar toda a correspondencia do Clube, para a
Sub. sede, ficando a nomear as entidades do Sr. Alexandre
Bocha, que se entregará ao Sr. Fontaine Geral, para
providencia. Toda a correspondencia deverá portanto
vir para a Sub. sede, e não mais tr. q. ir para
as Officinas da Paulista ou outras locais.

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 3 de setembro de 1930 - página 36, informando que as correspondências da agremiação deveriam ser entregues na nova subsele, e não mais nas oficinas da Companhia Paulista

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (20 fev. 1930 a 2 mar. 1932)

ANEXO LIII

a questão do futebol, fazendo
constar da presente ata a in-
formação da Diretoria do
Rio Claro F.C. Clube de que
poder pagar a taxa de 2000
e seguir o seu Presidente e
Conselheiros os demais directo-
res solicitando que se sugeri-
sem uma formula para
solucionar a questão com
o Rio Claro F.C. Clube, tendo
sido deliberado considerar
sem effecto a taxa estabelecida

Cida em vista das Considera-
ções feitas pelo "Rio Claro",
devidos e foram a Diretoria
do Rio Claro tomar a si
sob a fiscalização directa
da Direcção do Grêmio, a
conservação de todas as depen-
dências da praça de es-
portes e todas as installações
etc. Nesse sentido a Secretaria

Ata da reunião da diretoria do Grêmio, de 29 de outubro de 1930 - páginas 13-14, determinando que o Rio Claro F. C. deveria assumir a responsabilidade pela conservação das instalações da praça esportiva
Fonte: Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista (3 set. 1930 a 23 nov. 1932)
Consulta realizada na sede do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista

ANEXO LIV

Ata da reunião da diretoria do Grêmio, de 14 de janeiro de 1931 - páginas 22-23, expressando descontentamento com a atitude do Rio Claro F. C. em conceder o campo para o Instituto Comercial F. C. sem prévia autorização
Fonte: Livro de Atas do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista (3 set. 1930 a 23 nov. 1932)
Consulta realizada na sede do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista

ANEXO LV

ANEXO LVI

Por proposta do Sr. Eugenio L. Zanetti, fideiussor
deliberado officios. se ao Dr. Jayme Christos,
Diretor geral do Es. Paulista, pedindo intransi-
gencia sobre a quem nos deviamos nos denegar,
para pedir o passe com abatimento de 75% que
deu de 1923, conforme carta daquelle extrahida
em nome de J. e expedida de 20 de Setembro do
dito anno, pelo Contador int. J. A. Carvalho Jr.,
para se pedir de ter o Sr. John L. Jones, se
regado a dar a sua assignatura, digo, nos foi
concedido, mas se nista de ter o Sr. John L.
Jones se regado a assignar um passe a quem

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 29 de abril de 1931 - página 59, mencionando a recusa do senhor John Lewis Jones em conceder os passes de trem com 75% de desconto para os jogadores da agremiação

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (20 fev. 1930 a 2 mar. 1932)

ANEXO LVII

Continuando os trabalhos, o Sr. Nicodemo Padula pede a palavra e propõe, para se arranjar um certo numero de pessoas para contribuir com uma certa importancia, durante o tempo que durar a construcção do "Estadio": — Approvada por unanimidade.

O Sr. Antonio Padula Netto, pede a palavra e, propõe se nomear uma commissão composta de seis membros sendo; um Presidente, um Secretario, um Thesoureiro, e tres auxiliares; para dirigir e fiscalisar os trabalhos da construcção do "Estadio". —

Ata da assembleia geral extraordinária do Rio Claro Futebol Clube, de 18 de janeiro de 1931 - página 108, mencionando as discussões em torno da construção de um novo estádio
Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (22 dez. 1925 a 16 jan. 1940)

ANEXO LVIII

Ata da reunião da diretoria do Rio Claro Futebol Clube, de 3 de junho de 1935 - página 78, autorizando o pagamento ao jogador José Alves Cruz pelas horas de trabalho perdidas com os treinamentos

Fonte: Livro de Atas do Rio Claro Futebol Clube (16 mar. 1932 a 2 mar. 1935)